



Convergência

525

Outubro • 2019 • ANO LIV

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitória, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



Sumário

Editorial

DEVER-DIREITO DE SER MISSIONÁRIO/A	5
------------------------------------	---

Mensagem do papa

BATIZADOS E ENVIADOS: A IGREJA DE CRISTO EM MISSÃO NO MUNDO	8
--	---

Mártires/Santos

100 ANOS DE BEATA ALBERTINA <i>João Antônio Johas</i>	13
--	----

Informes

CURSO: ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES <i>Bárbara Pimpão e Paulo Quermes</i>	14
--	----

Artigos

BATIZADOS E ENVIADOS: A IGREJA DE CRISTO EM MISSÃO NO MUNDO <i>Francesco Sorrentino</i>	18
SÍNODO DA AMAZÔNIA: PROFECIA E ESPERANÇA – LAUDATO SI' <i>Eurides Alves de Oliveira, icm</i>	30
MOBILIDADE HUMANA E DESAFIOS PARA A MISSÃO <i>Padre Alfredo J. Gonçalves, cs</i>	45
A MULHER E A VIOLÊNCIA (FEMINICÍDIO) <i>Irmã Válmí Bohn, idp e Irmã Celestina Veloso Freias, op</i>	57
DESAFIOS ATUAIS À VIVÊNCIA INTERCULTURAL NA VRC <i>Liliane Alves Pereira; Sandra M. da Guia; Terezinha A. Dorigon</i>	69
QUEM CUIDA DOS CUIDADORES <i>Irmã Emili Turu Rofes, fms</i>	80







DEVER-DIREITO DE SER MISSIONÁRIO/A

IR. LAURO DAROS, MARISTA

“Batizados e Enviados: a Igreja de Cristo em Missão no Mundo”: é a mensagem do papa Francisco para o Dia Mundial das Missões, 20 de outubro. A missão é dever-direito de todos os batizados. “O cristão batizado e enviado não possui um produto para vender, nem para impor ao mundo. Como Igreja de Cristo em missão, ele recebe vida divina para anunciar, testemunhar e comunicar para a sua salvação e a salvação de todos”.

Nem sempre ser missionário é sair para outras terras. Ser missionário, primeiro, é sair de si, do ego, ou seja, aprender a amar, servir a LUZ. Assim deu-se com a Beata Albertina. O texto “100 anos de Beata Albertina: uma vida que vale a pena viver” traz a breve biografia da menina de 12 anos que foi assassinada em 15 de junho de 1931, após resistir a uma tentativa de estupro. O texto evoca-nos dois temas cruciais para a atualidade: o abuso sexual contra crianças e adolescentes e o feminicídio.

A seção Informe mantém o texto da Convergência anterior, Setembro, por ser um tema que provoca dor e pede urgente solução. Trata-se do Curso: Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Parceria da Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR (Curitiba, PR). “O objetivo do curso, com 07 módulos programáticos, é a formação interdisciplinar de leigos/as e religiosos/as para a promoção de espaços mais seguros para crianças e adolescentes, mediação adequada e capacitação para a promoção, proteção e defesa dos direitos humanos com enfoque no enfrentamento à violência sexual contra crianças e





adolescentes. Sumariamente os módulos contemplados no curso são: 1. Cultura e Infância; 2. Termos e Definições; 3. Fatores de Risco e Proteção de Abuso Sexual; 4. Sinais e indicadores de abuso Sexual; 5. Entendendo os agressores; 6. Abuso nas famílias; 7. Mídia e pornografia”.

A Seção Artigos publica dois textos referentes ao Mês Missionário Extraordinário – Outubro – tempo em que se realizará também o Sínodo para a Pan-Amazônia, em Roma.

O primeiro texto é de Francesco Sorrentino: “Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo”. Expressa-se o autor: “As páginas que seguem oferecem elementos teológicos para o aprofundamento do tema do Mês Missionário Extraordinário. Partimos da missão de Deus como fundamento da missionariedade da Igreja. Sucessivamente, delineamos alguns traços imprescindíveis da Igreja de Cristo em missão no mundo. Concluimos mostrando as razões da relação batismo – compromisso missionário”.

O segundo texto foi escrito pela Irmã Eurides: Sínodo da Amazônia: Profecia e Esperança – ‘Laudato Si’. A autoria inicia o artigo didaticamente, explicando a etimologia da palavra sínodo: “Sínodo é uma palavra que tem origem no grego e significa ‘syn’, juntos, e ‘hodos’, estrada ou caminho. Desta forma, representa uma assembleia na qual se buscam caminhos coletivos para se decidir sobre algo específico, que requer atenção especial por parte da Igreja e seu colegiado com a finalidade de tomar decisões e iniciar processos coletivos mediante os desafios identificados”. Portanto, sínodo quer dizer caminhar juntos/as. Trilhar um caminho de comunhão e participação em torno de um “tema-desafio” que interpela o conjunto da Igreja a novas e urgentes respostas missionárias”.

Outro problema crucial nestes tempos são os fluxos migratórios. A esse respeito, Pe. Alfredo J. Gonçalves escreve sobre “Mobilidade humana e desafios para a missão”. Pe. Alfredo inicia o texto dizendo que “Deslocamentos humanos de massa, de um lado, e transformações sociais, econômicas e políticas, de outro, constituem duas faces da mesma moeda. Em termos concretos, podemos afirmar que quando as águas se movem na superfície é porque as placas tectônicas subterrâneas também estão em movimento. As ondas visíveis dos fluxos migratórios revelam e ocultam, ao mesmo tempo, as correntes invisíveis na política econômica, tanto em nível nacional quanto regional ou mundial. O avanço da economia globalizada, ao abrir caminho para as mercadorias, a tecnologia de ponta,





o capital das transnacionais, a oscilação da moda e as informações via Internet, cria igualmente novas oportunidades. A acumulação da riqueza e a produção, na medida em que se centralizam ou se descentralizam, põem em marcha um imenso exército de reserva”.

A violência contra a Mulher, que atinge o ápice com o feminicídio, é também um tema preocupante para a Igreja e para a VRC. Irmã Valmi e Irmã Celestina discorrem sobre o tema: “A Mulher e a violência (femicídio). Como a Rede Um Grito pela Vida está envolvida com a questão”? “Para iniciar nossa conversa sobre a mulher e as violências sofridas por elas, e como a Rede Um Grito pela Vida responde a esse clamor, uma vez que o tráfico de pessoas é uma realidade complexa e uma prática ilícita de violação de direitos, presente na realidade mundial contemporânea, podemos nos perguntar: Quem é a mulher nos dias de hoje? Como ela é vista pela família (pais, marido, filhos,...), pela sociedade atual? Que violências ela sofre nestes ambientes no seu dia a dia? Não irei fazer aqui uma exposição científica, mas uma simples reflexão com um olhar voltado mais para a nossa sociedade, as necessidades das mulheres e sua postura como protagonistas de sua história e a violência a que elas estão submetidas”.

A Interculturalidade está cada vez mais presente no cenário da VRC. De 21 de janeiro a 1º de fevereiro de 2019 aconteceu o Seminário Internacional promovido pela UISG (União Internacional das Superiores Gerais), com dois objetivos: Passar do pensamento dialético para um pensamento analógico e enfrentar, como religiosas/os, a urgente tarefa de identificar e aprender as habilidades e virtudes necessárias para viver em comunidades interculturais. Três Irmãs – Liliane, Sandra, Teresinha – que participaram do Seminário, partilham o texto “Desafios Atuais à Vivência Intercultural na VRC Interculturalidade: um caminho possível para a vivência íntegra da VRC”.

Por fim, Quem Cuida dos Cuidadores? Irmão Emili Turú fala do cuidado de si no exercício do serviço de animação, cargos e funções. O autor explora principalmente o conceito de resiliência, e questiona: “Será que é realmente possível descobrirmos possibilidades até nos acontecimentos mais duros e difíceis, e servir-nos deles como caminho para nosso crescimento pessoal? Aí entra em ação a resiliência, essa capacidade humana de lidar com as inevitáveis adversidades da vida, superá-las, delas extrair lições, e até sermos transformados por elas”.





BATIZADOS E ENVIADOS: A IGREJA DE CRISTO EM MISSÃO NO MUNDO

20 DE OUTUBRO DE 2019 - DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

Mensagem do Santo Padre Francisco para o Dia Mundial das Missões 2019¹ – *Ex 17,8-13; Salmo 121,1-8; 2Tm 3,14-4,2; Lc 18,1-8.*

A primeira leitura, que narra a batalha entre Amalec e Israel, ca-
lhando precisamente no domingo dedicado pela Igreja a sua missão
evangelizadora no mundo, pode provocar um certo embaraço a quem
quiser falar da importância desse empenho cristão. O texto pode ser
mal interpretado como um incitamento à guerra santa ou a um pro-
selitismo fanático. Pelo contrário, a missão visa o anúncio da Páscoa de
Jesus e da sua divina reconciliação. Tem por objetivo dar testemunho
de Jesus Cristo, anunciar o seu Evangelho e fundar a sua Igreja num
clima de sincera fraternidade e de autêntica e respeitosa liberdade
religiosa na busca comum de uma maior comunhão e justiça no mun-
do. Sem esquecer que o próprio Evangelho, em conformidade com
o exemplo de Jesus, nos ensina até a amar os inimigos e a rezar pelos
perseguidores. O cristão batizado e enviado não possui um produto
para vender, nem para impor ao mundo. Como Igreja de Cristo em
missão, ele recebe vida divina para anunciar, testemunhar e comunicar
para a sua salvação e a salvação de todos.

O texto bíblico de Êxodo 17,8-13 faz memória de um episódio em que
Israel, povo fugitivo em busca de uma terra onde se pudesse estabelecer,
se vê ameaçado pelo aniquilamento e luta pela sua própria sobrevivência.

¹ Congregação para a Evangelização dos Povos Obras Missionarias Pontificias. Batizados e Enviados: a Igreja de Cristo em Missão no Mundo. Mês Missionário Extraordinário. Outubro 2019. Edizioni San Pablo. Páginas 147 a 151.



Certo de que só conseguirá a vitória – tal como a libertação do Egito – graças a ajuda de Deus, o povo de Israel conserva a recordação desta batalha, e das outras que se lhe seguirão, como testemunho da sua fé no verdadeiro Deus, Senhor do Céu e da Terra, Deus dos exércitos, que socorre os débeis e liberta os oprimidos. É este o louvor que o salmista, com confiança e gratidão, eleva ao Senhor, guardião de Israel: “Ergo os olhos para os montes: de onde vira o meu socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o Céu e a Terra” (Sl 121,1-2). Os elementos de agressividade, ódio e vingança que acompanhavam historicamente esta modalidade veterotestamentária de interpretar a fé deveriam ser gradualmente purificados, ao longo dos séculos, por pessoas santas como os profetas e os sábios, e, mais tarde, de modo definitivo, pelo Senhor Jesus, Príncipe da Paz e da Justiça, anunciado pelos seus oráculos e esperado há séculos. Aquilo que era significado pela força e a violência do extermínio dos ídolos e dos pagãos, em Jesus torna-se paixão ardente e amor intenso para salvação de todos.

A Cruz de Jesus é o lugar onde o mal é derrotado pelo amor d'Aquele que morre por nós, que morre em nosso lugar fazendo sua a experiência da nossa morte. Ele também morre pela salvação dos seus perseguidores e inimigos. Cada ato de vingança é aniquilado pelo Deus de Jesus Cristo, em que o ódio e a morte causam e provocam, na comunhão trinitária, um amor cada vez maior e uma misericórdia cada vez mais eficaz. Deus destruiu o nosso pecado, a injustiça e a morte, fazendo-os seus, e aniquilou-os através do seu amor sem limites. “Na sua [de Cristo] morte de cruz, cumpre-se aquele virar-Se de Deus contra si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar de novo o homem e salvá-lo — amor, este, na sua forma mais radical. No Mistério Pascal, realizou-se verdadeiramente a nossa libertação do mal e da morte”. (Bento XVI, *Sacramentum Caritatis*, 9). O Novo Testamento e a unidade das Sagradas Escrituras introduzem-nos e educam-nos nessa atuação salvífica de Deus no mundo.

Nesta perspectiva, a segunda leitura mostra-nos como Paulo ensina a Timóteo a importância das Escrituras: “Desde a infância que conheces as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz a salvação pela fé em Jesus Cristo”. (2Tm 3,15) Timóteo, com efeito, estudou-as desde pequeno, como qualquer rapaz judeu; a partir de então, também as crianças cristãs aprendem a conhecê-las, com a ajuda dos pais e da comunidade. Timóteo é um jovem que, juntamente com a sua família, abraçou a fé durante a primeira viagem



missionária do apóstolo Paulo e que, mais tarde, se torna membro do seu grupo missionário. Filho de mãe judia e de pai grego, Timóteo recebe, desde a infância, uma profunda e firme educação religiosa por parte da sua avó Loide e da sua mãe Eunice, que o introduzem no conhecimento das Sagradas Escrituras. Tal requisito baseia-se no fato de as Escrituras serem inspiradas por Deus e, se forem bem explicadas (em vez de manipuladas e distorcidas, como reza a Segunda Carta de Pedro, cf. 2Pd1,19-21), incentivam-nos à prática de boas obras e edificam-nos na justiça e na santidade. O autêntico zelo missionário não é violento proselitismo; é o desejo de um coração fraterno cheio de Cristo e impelido pelo Espírito Santo a cooperar em prol da salvação e da felicidade de todas as pessoas, de todas as etnias, partilhando valores éticos e culturais, esperanças e alegrias, em busca de uma vida plena e de uma verdadeira paz, que é Jesus Cristo morto e ressuscitado. Por isso Paulo exorta Timóteo com vigor para que, enquanto espera a Parusia do Senhor, se dedique de corpo e alma ao ensinamento da Palavra.

O Apóstolo menciona muitas vezes nas suas cartas o serviço prestado por Timóteo à obra de evangelização: sempre disponível e atento, acompanha com generosidade e afeto as comunidades eclesiais. Paulo recorda aos Filipenses o seu testemunho e fidelidade: “Espero no Senhor Jesus enviar-vos brevemente Timóteo [...]. Vós mesmos sabeis como Timóteo deu provas do seu valor: como filho junto do pai, ele colocou-se ao meu lado, ao serviço do Evangelho” (Fl 2,19.22). Escrevendo aos Tessalonicenses, põe em destaque a sua coragem e o seu carisma missionário: “Resolvemos enviar-vos Timóteo, nosso irmão e colaborador na pregação do Evangelho de Cristo. Nós o enviamos para vos fortalecer e encorajar na fé, para que ninguém fique abalado com as presentes tribulações” (1Ts 3,2-3). Timóteo, portanto, viaja com prontidão e empenho para se colocar ao serviço das Igrejas recém-fundadas, que de vez em quando teriam necessidade de esclarecimentos frente às suas dúvidas ou de apoio nas suas lutas. A Palavra de Deus é a força e a companhia de Timóteo.

A aclamação ao Evangelho oferece-nos, com o seu magnífico lirismo, com a sua linguagem cuidada, um hino sublime dedicado à Palavra de Deus, descrita como “viva e eficaz” porque penetra a nossa consciência exatamente como uma espada de dois gumes. O Deus justo – como diz o salmista –, sonda os corações e as mentes e vê todos os nossos caminhos. Na Carta aos Efésios também encontramos a metáfora da espada: atribuída ao Espírito, representa o poder intenso e penetrante





da Palavra de Deus (cf. Ef 6,17). Um cruel instrumento de guerra serve, portanto, para simbolizar outro combate: aquele conflito espiritual que produz arrependimento e conversão, alegria e vida nova, bondade e fidelidade. São estes os frutos da Palavra divina, espiritual, viva e pessoal; os frutos da Sabedoria que tudo vê e tudo sabe, que tudo penetra e tudo julga, que está presente na parte mais profunda da consciência e que brilha de modo tal que ninguém se pode esconder da sua luz.

O Evangelho de Jesus, Sabedoria Divina, e espírito e vida, faz levantar de novo os caídos, restitui dignidade aos excluídos, dá alegria aos aflitos, renova toda a criatura, transforma, santifica e oferece a vida eterna. Ao mesmo tempo que ilumina, a Palavra também julga, porque despoja a alma das suas máscaras, revelando a verdade que está exposta na consciência. No coração em que foi derramado o Espírito do Ressuscitado, o juízo da Palavra penetrante orienta-se sempre para o perdão e para a purificação.

A parábola de Jesus no evangelho deste domingo apresenta uma mulher a quem foi negado o direito de expressão por um juiz corrupto, uma experiência pela qual ainda hoje muita gente passa em todo o mundo. A parábola desenrola-se “numa cidade” (Lc 18,2), numa cidade sem nome, visto que aquilo que é narrado parece acontecer em qualquer parte: para os inimigos, a lei deve ser aplicada; para os amigos, deve ser apenas interpretada.

A viúva da parábola não é amiga do juiz, portanto, não lhe é concedida uma audiência. Esta viúva perdeu o apoio do marido e, no mundo da Palestina do século primeiro, não pode herdar a sua propriedade. As viúvas eram vulneráveis do ponto de vista econômico e podiam ser exploradas, como recorda perspicazmente Jesus quando acusa os líderes religiosos de devorar as casas das viúvas (cf. Lc 20,46-47). Não podendo dar-se ao luxo de recorrer a um advogado, a viúva apresenta-se sozinha em representação da sua causa contra o seu adversário. Jesus expõe o raciocínio interior do juiz, profundamente corrupto, completamente desinteressado frente à denúncia da viúva e absolutamente indiferente àquela mulher: não teme a Deus nem lhe importa o bem dos homens. A viúva está decidida a não permanecer invisível e a fazer-se ouvir, inclusive diante de um juiz desonesto, enquanto o caso não for definitivamente resolvido em seu favor.

Jesus serve-Se desta parábola para exemplificar a necessidade da oração, da sua urgência e continuidade. Se a oração constitui o coração da missão da Igreja é porque, no interior dessa relação pessoal e eclesial com Deus (Liturgia), a pessoa e as comunidades são renovadas segundo os critérios da salvação oferecida e realizada por Jesus. A sua





pergunta sobre a fé, quando do seu retorno, parece indicar uma certa preocupação do Mestre sobre a eficácia da missão e a autenticidade do testemunho dos discípulos missionários. Estes, associados ao Mistério Pascal graças ao Batismo, já foram enviados ao mundo como Igreja de Cristo, ou seja, como comunidade dos redimidos, posta como germe e início do Reino até que toda a história e a Humanidade sejam transfiguradas e redimidas. A eficácia da oração contínua, da súplica constante, da busca insistente do amor pela verdade e pela justiça, forja o discípulo para a missão. Só quem reza com insistência coloca Cristo no centro da sua vida e da missão que lhe é confiada, crescendo na fé. Só quem reza com insistência se torna atento e capaz de escutar, de apreender e de descobrir as necessidades e os pedidos de redenção material e espiritual, tão presentes no coração da Humanidade atual.

Oração para o Mês Missionário Extraordinário

(Pág. 409)²

Pai Nosso,
o Teu filho unigênito Jesus Cristo,
ressuscitado de entre os mortos,
confiou aos seus discípulos:
“Ide e fazei discípulos todos os povos”.
Recorda-nos que, pelo batismo,
tornamo-nos participantes da missão da Igreja.
Pelos dons do Espírito Santo, concedei-nos a Graça
de sermos testemunhas do Evangelho,
corajosos e vigilantes,
para que a missão confiada à Igreja,
ainda longe de estar realizada,
encontre novas e eficazes expressões
que levem vida e luz ao mundo.
Ajuda-nos, Pai Santo,
a fazer com que todos os povos
possam encontrar-se com o amor
e a misericórdia de Jesus Cristo,
Ele que é Deus convosco, e vive e reina
na unidade do Espírito Santo,
agora e para sempre.
Amém!

² Congregação para a Evangelização dos Povos Obras Missionarias Pontificias. Batizados e Enviados: a Igreja de Cristo em Missão no Mundo. Mês Missionário Extraordinário. Outubro 2019. Edizioni San Pablo. Páginas 147 a 151.





100 ANOS DE BEATA ALBERTINA: UMA VIDA QUE VALE A PENA VIVER

BEATIFICADA EM 15 DE OUTUBRO DE 2007

JOÃO ANTÔNIO JOHAS¹

Albertina Berkenbrock nasceu em 11 de abril de 1919, em Imaruí, em Santa Catarina, município pertencente à diocese de Tubarão e participante da comunidade São Luiz.

Ela viveu pouco: apenas 12 anos. Foi assassinada em 15 de junho de 1931, após resistir a uma tentativa de estupro.

Porém, nesse pequeno espaço de tempo, conseguiu mostrar como Deus pode inflamar de tal maneira um coração bem disposto, a ponto de que ele seja capaz, inclusive, de entregar a própria vida antes de ofender a esse Amor que o toma por inteiro.

Por sua fidelidade até o extremo, foi beatificada em 2007 pelo Papa Bento XVI e continua sendo um sinal de Deus para a Igreja no Brasil.

A história de seu assassinato faz lembrar a vida de outros santos, que também passaram por uma situação semelhante, ou que também foram capazes de abraçar o amor de Deus com sinceridade nos seus primeiros anos de vida. Maria Goretti, por exemplo, também morreu ao resistir a uma tentativa de violação, aos 11 anos de idade. São Domingos Sávio não morreu assassinado dessa forma, mas, entre suas resoluções de primeira comunhão, podemos ver uma que ilumina a atitude dessas duas meninas e, com certeza, a sua própria, durante os 15 anos que teve de vida aqui na Terra: “Antes morrer que pecar”.

¹ <https://www.a12.com>



Parece-me que isso é o mais impressionante que esses santos têm em comum. Conseguiram, em tão pouco tempo, abrir-se à Graça de Deus, que inundou seus corações. Faz lembrar daquela passagem do Evangelho sobre o semeador que semeia em vários tipos de terra. Eles foram, com certeza, terra boa, onde a semente da Palavra de Deus caiu, cresceu, não sem dificuldades, e deu muitos frutos. Finalmente, cada um deles tornou-se um desses grãos de trigo, que morre e dá mais fruto ainda. Assim aconteceu com os mártires dos primeiros séculos e continua acontecendo com todos os que, ainda hoje, dão a vida pela fé.

“Hoje em dia, a juventude parece, muitas vezes, longe desse ideal. Deus parece estar perdendo cada vez mais espaço nesses corações”. Tudo em nome de uma suposta liberdade e autonomia, de um desejo autêntico de realização e felicidade. Mas será que ela está procurando no lugar correto?

Quanto mais buscam a si mesmos e se tornam independentes, mais parecem se frustrar. A felicidade para a qual o nosso coração está feito, somente encontramos quando nos entregamos sinceramente a Deus e aos demais.

E é exatamente isso que a Beata Albertina nos mostra, com sua vida e com sua entrega até o extremo. Uma vida que vale a pena ser vivida e pela qual vale a pena entregar tudo. Atualmente, está ficando cada vez mais difícil ver um compromisso verdadeiro e duradouro na juventude. Vemos relações que estão cada vez mais efêmeras, uma cultura do descartável, que já não se restringe mais às coisas, mas que se estende às pessoas, poderíamos dizer, “coisificando-as”. É, em parte, compreensível porque, se por um lado o mundo oferece muitas possibilidades, por outro ele não consegue oferecer a única que realmente pode responder ao coração do jovem, que é um amor infinito, só “disponível” em Deus.

Estamos todos buscando uma vida pela qual vale a pena viver e morrer? Quando encontramos aquela pessoa amada, por exemplo, experimentamos que somos capazes de tudo por ela. Queremos nos entregar totalmente. E isso não tira a nossa liberdade; pelo contrário, parece que essa é a única maneira de ser livre e feliz.

Em Jesus, Albertina encontrou essa pessoa amada. E cada um de nós pode também viver desse amor de Deus. Ele quer transformar o nosso coração, assim como transformou o da nossa Beata. Que possamos abrir-nos mais a Ele, que é quem realmente pode nos fazer felizes.





Oração à Beata Albertina²

Deus, Pai de todos nós!
Vós nos destes vosso Filho Jesus,
que derramou seu sangue na cruz por amor a cada um de nós.
Vossa serva Albertina foi declarada beata pela Igreja,
porque, ainda jovem, também derramou seu sangue
para ser fiel à vossa vontade e defender a vida em plenitude.
Concedei-nos que, por seu testemunho,
nos tornemos fortes na fé, no amor e na esperança,
vivamos fielmente os compromissos do nosso Batismo,
façamos da Eucaristia a fonte e o cume da nossa vida cristã,
busquemos continuamente o perdão através da confissão,
sejamos plenos do Espírito Santo, vivenciando a Crisma
e cultivemos os valores do Evangelho.
Por intercessão de Albertina,
alcançai-nos a graça que neste momento imploramos de vós
(expressar a graça que se deseja).
Nós vo-Lo pedimos por Jesus Cristo, vosso Filho,
na unidade do Espírito Santo.
Amém.

² Para saber mais: <http://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/albertina-berkenbrock>



CURSO: ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

BÁRBARA PIMPÃO E PAULO QUERMES

Parceria da Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR (Curitiba, PR)

A Fundação Marista de Solidariedade Internacional (FMSI) dedica-se à defesa de direitos de crianças e adolescentes em consonância com a missão do Instituto Marista. Constituída oficialmente na Itália em 2007 e desde 2011 com status consultivo no Conselho de Direitos Econômicos e Sociais da Nações Unidas, a FMSI oferece à Igreja, por meio de parcerias, iniciativas que potencializam a pastoral social em todas as províncias maristas.

No Brasil, por meio da União Marista do Brasil (UMBRASIL), do Centro Marista de Defesa da Infância e área de solidariedade das províncias, a FMSI contribui com um importante contributo formativo para Religiosos, Leigos e Colaboradores na parceria da Pontifícia Universidade Gregoriana e Centro de Proteção da Infância, na oferta do Curso de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescente, sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.

O objetivo do curso, com 07 módulos programáticos, é a formação interdisciplinar de leigos/as e religiosos/as para a promoção de espaços mais seguros para crianças e adolescentes, mediação adequada e





capacitação para a promoção, proteção e defesa dos direitos humanos com enfoque no enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Sumariamente os módulos contemplados no curso são: 1. Cultura e Infância; 2. Termos e Definições; 3. Fatores de Risco e Proteção de Abuso Sexual; 4. Sinais e indicadores de abuso Sexual; 5. Entendendo os agressores; 6. Abuso nas famílias; 7. Mídia e pornografia.

Para o Instituto Marista, o investimento na educação dos profissionais que atuam na redução das desigualdades e na defesa de direitos de crianças, adolescentes e jovens significa, sobretudo, a promoção da garantia de direitos e dos valores éticos que respondem a sua missão.

A Formação continuada de religiosos, religiosos, leigos e leigas do Brasil sobre o Enfrentamento a Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes está em consonância com a recente publicação do Papa Francisco, a CARTA APOSTÓLICA SOB FORMA DE MOTU PROPRIO ao considerar “Para que tais fenômenos, em todas as suas formas, não aconteçam mais, é necessária uma conversão contínua e profunda dos corações, atestada por ações concretas e eficazes que envolvam a todos na Igreja, de modo que a santidade pessoal e o empenho moral possam concorrer para fomentar a plena credibilidade do anúncio evangélico e a eficácia da missão da Igreja.”

A capacitação de religiosos, gestores, educadores e demais profissionais para a identificação de situações que permitam superar o ciclo de violência e contribuir para que os espaços que realizam o atendimento às infâncias e juventudes sejam ambientes mais seguros responde a uma das ações concretas.

O curso está disponível para oferta in company a partir de 2019, direcionado para instituições eclesiais e da sociedade civil. Para informações complementares é possível entrar em contato com: UMBRASIL – Área de Missão – Paulo Quermes – Site: www.umbrasil.org.br; e-mail: protecaointegral@umbrasil.org.br ou pquermes@umbrasil.org.br – fone: (61) 3346-5058; PUCPR – Coordenação do curso – Angela de Fatima Ulrich Jeiss – angela.jeiss@pucpr.br



BATIZADOS E ENVIADOS: A IGREJA DE CRISTO EM MISSÃO NO MUNDO

FRANCESCO SORRENTINO¹

Introdução

Para comemorar os cem anos da promulgação da Carta Apostólica *Maximum illud*, com a qual Bento XV renovou o impulso missionário da Igreja e decretou o divórcio entre evangelização e colonialismo, o papa Francisco proclamou o mês de outubro desse ano como Mês Missionário Extraordinário, com o tema: “Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo”. O objetivo é relançar a missão ad gentes e promover a responsabilidade missionária de todos os batizados.

As páginas que seguem oferecem elementos teológicos para o aprofundamento do tema do Mês Missionário Extraordinário. Partimos da missão de Deus como fundamento da missionariedade da Igreja. Sucessivamente, delineamos alguns traços imprescindíveis da Igreja de Cristo em missão no mundo. Concluímos mostrando as razões da relação batismo – compromisso missionário.

¹ Pe. Francesco Sorrentino é missionário do PIME. Mestre em Teologia pela FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, 2014). Foi missionário no Amapá (2007–2018) e, atualmente, é reitor do Seminário de Filosofia do PIME em São Paulo. Leciona Missiologia, Teologia do Ecumenismo e Teologia Pastoral no Instituto Superior de Filosofia e Ciências Religiosas São Boaventura da Diocese de Santo Amaro – SP. Publicou: “Em que posso servir?” O serviço no testemunho de Dom Luciano M. de Almeida” (Paulinas, 2015); “Dom Luciano Mendes de Almeida. Servo de Deus, irmão dos pobres” (Dom Viçoso, 2018). Endereço do autor: PIME, Rua Pietro Mongini, 12 – Vila Missionária. CEP 04430-040 São Paulo – SP. E-mail: sorrentino.francesco@pime.org





A missão de Deus.

A teologia da missão do século XX ajudou a Igreja a compreender que a missão é uma realidade que a precede. Neste sentido, o decreto conciliar sobre a atividade missionária da Igreja enfatiza que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG 2). Portanto, não é a Igreja que gera a missão, mas é a missão que gera a Igreja, pois pertence, primeiramente, a Deus como seu modo dinâmico de ser: “fundamenta-se, acima de tudo, no eterno plano de amor de Deus para com o mundo. Missão em primeiro lugar é ‘Missio Dei’” (MÜLLER, 1995, p. 49), isto é, missão de Deus, cuja origem sem origem é o “amor fontal do Pai” (AG 2). Deste amor brota o envio do Filho e do Espírito Santo para “que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4).

Comentando a parte doutrinal do decreto conciliar sobre a atividade missionária da Igreja, Padre Y. Congar observa que, atribuindo o plano salvífico ao amor do Pai, a Igreja, ao fundar a própria missão, foi além do motivo puramente positivo do mandato de Cristo. O dinamismo missionário da Igreja se remete à vida íntima da Santíssima Trindade e não apenas ao envio de Jesus Cristo e do Espírito Santo. (WOLANIN, 1989, p. 34).

Pela Encarnação do Verbo (cf. Jo 1,14), o amor fontal do Pai se revela de modo novo e definitivo (cf. AG 3). Dom Luciano Mendes de Almeida dizia que Jesus Cristo é a “grande dicção do amor de Deus” (ALMEIDA, 1970, p. 25). Revela-o e comunica-o, com a vida, à humanidade. De fato, “conhecemos o amor de Deus, porque Jesus Cristo deu sua vida por nós (1Jo 3,16; 4,9). Ele é a grande palavra de amor, pronunciada por meio da entrega total da vida (Jo 15,13)” (IDEM, 1996, p. 11).

A missão do Verbo feito carne é marcada pelo serviço: “O filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45). Na sua missão, Jesus não buscou privilégios: “veio salvar o homem, mas não foge ao sofrimento dos homens, aos quais ainda não chegou a salvação” (IDEM, 2001, p. 72). Não se distanciou, minimamente, das condições de vida de todo ser humano, por isso optou por aqueles que mais sofrem. Na realidade, “ele assumiu por inteiro a natureza humana tal qual existe em nós, pobres e miseráveis, rejeitando delas apenas o pecado” (AG 3). Desta forma, anunciou o advento do Reino de Deus (cf. Mc 1,15; Mt 4,17; 10,7; Lc 10,9): eixo de toda a sua missão.



A paixão pelo Reino – a felicidade na comunhão plena com Deus para todos – não é apenas uma esperança que tem a ver com o futuro, é também a esperança que venha ser já aqui o começo, o termo, o sinal do Reino. É para que isso acontecesse que Jesus veio sobre a terra, uma terra ensanguentada, queimada, esvaziada de vida, sem esperanças. Veio para dar testemunho da verdade e do amor, a pregar a boa notícia da misericórdia do Pai, a dar a vida como prova de amor, atraindo assim os corações à evidência do amor, à conversão, à livre resposta, à gratuidade da misericórdia. (ALMEIDA, 2009, p. 43, Trad. n.).

Compreende-se, então, que não há acesso ao Pai a não ser por Jesus (cf. Jo 14,6). Ele é, a todos os efeitos, o mediador único (cf. 1Tm 2,5).

A realização da missão começada pelo Filho continuou por meio do Espírito Santo: “ambos são inseparáveis. Um é caminho e outro é guia, junto ao Deus Pai, criador do mundo” (SUESS, 2005, p. 55).

Não há dúvida de que o Espírito Santo já atuava no mundo antes de Cristo ser glorificado. Contudo, foi no dia de Pentecostes, em que desceu sobre os discípulos para ficar para sempre com eles; que a Igreja foi publicamente manifestada diante duma grande multidão; que a difusão do Evangelho entre os gentios por meio da pregação teve o seu início; e que, finalmente, a união dos povos numa catolicidade de fé foi esboçada de antemão na Igreja da nova Aliança, a qual fala em todas as línguas e entende e abraça todas as línguas na sua caridade, superando assim a dispersão de Babel (AG 4).

Segundo a teologia da missão do Quarto Evangelho, o Espírito é o garante da missão confiada aos discípulos: dá testemunho a Jesus (cf. Jo 15,26) e permanece com eles para “ensinar-lhes” e “recordar-lhes” as palavras do Mestre (cf. Jo 14,26; 16,13). Ele é o “Paráclito” (defensor, mediador, consolador, encorajador), que na ausência física de Jesus fará o que Jesus fez com os discípulos. A saber: fica com eles para defendê-los no confronto com o mundo (cf. Jo 14,16-17); ensina-os, mantendo viva a memória de Cristo, por meio de seus ensinamentos (cf. Jo 14,26); entra em confronto com o mundo que não crê, demonstra que Jesus tem razão e quem o rejeita se autocondena (cf. Jo 16,7-11). Enfim, guia os discípulos revelando a mensagem do Pai (cf. Jo 16,12-15), isto é a verdade de Jesus Cristo (cf. SENIOR-STUHLMUELLER, 1985, p. 399-401; KONINGS, 2005, p. 278). Em suma: “o Espírito-Paráclito torna Cristo mais presente, mais compreensível, mais transformante. Na sua missão no mundo provocada pelo Espírito, a Igreja descobre o verdadeiro significado da Palavra que se fez carne” (SENIOR-STUHLMUELLER, 1985, p. 402. T. n.).



A Igreja missionária.

Da missão da Trindade origina-se a missão da Igreja chamada a ser, aqui no tempo e no espaço, “ícone” da mesma Trindade, sobre a qual se fundamenta.

Na origem está a vontade salvífica universal do Pai que envia o Filho para realizar seu plano de salvação e o Espírito para atualizá-lo. A Igreja é fruto dessa salvação. Ela mesma é salva e por isso pode tornar-se sinal de salvação para a humanidade. Manifesta-a e realiza-a. (LIBANIO, 2005, p. 112).

A Igreja, que nasce da Trindade e reflete a comunhão trinitária, é enviada aos povos, para suscitar discípulos de Cristo (cf. Mt 28,19), sem que “alguém seja coagido a abraçar a fé, e que seja induzido ou aliciado por meios importunos” (AG 13). A ação de Deus permanece livre: “ele salva quem quiser, quando quiser e da maneira que quiser” (RASCHIETTI, 2011, p. 57). A Igreja, portanto, se põe diante do mundo, apenas como sacramento da salvação (cf. AG 1; LG 1; 9; 48) e jamais como dona da salvação.

A dimensão sacramental oferece duas orientações à missão da Igreja: uma transcendente: sinal e realização da união da humanidade com Deus; a outra imanente: sinal da unidade do gênero humano (cf. LIBANIO, 2005, p. 211). Estas duas orientações caracterizam também a missão de Cristo, que é o sacramento fundamental desta dupla realidade.

Mas há uma diferença abissal entre Cristo e a Igreja. Cristo cumpre esta missão em virtude de que tudo foi criado nele, por ele e para ele (Cl 1,16). Entre ele e Deus Pai há uma unidade e consubstancialidade. A Igreja é sinal de Cristo por graça, que ela pode ora acolher e realizar melhor, ora pior, segundo a liberdade dos homens e das mulheres que a constituem. (IBIDEM, p. 211).

O Decreto conciliar *Ad Gentes* enfatiza que a missão da Igreja realiza-se “em obediência ao mandamento de Cristo e movida pela graça e pela caridade do Espírito Santo” (AG 5). Portanto, a proclamação da fé e salvação em Cristo acontece em duas perspectivas complementares: como resposta ao mandato missionário de Cristo e numa postura de docilidade à ação do Espírito.

Pelo testemunho evangélico sabemos que a missão de Jesus se limitou à Palestina, com a intenção de reconstituir a comunidade de Israel. É a partir da ressurreição dele que a comunidade cristã pós-pascal percebe o começo de um tempo novo de salvação, decisivo para todo o gênero humano e, graças ao poder de Cristo ressuscitado e do seu Espírito, se



sente impelida a levar ao mundo inteiro o anúncio da Boa Nova do Reino (cf. SENIOR-STUHLMUELLER, 1985, p. 441-442). Nesta empreitada o verdadeiro protagonista é o Espírito Santo. Com efeito, se por um lado é a Igreja que se compromete a testemunhar a gratuidade de Deus que convida a humanidade à comunhão com ele, por outro é o Espírito que a impulsiona a ir para fora de si mesma e a antecipa nos caminhos da missão. Nos Atos dos Apóstolos, é patente que a missão é obra do Espírito (8,29.39; 10,19.44-47; 16,6-10): é iniciativa dele a escolha de Barnabé e Paulo (13,2); a abertura de horizontes de Pedro na casa de Cornélio (10,44-47); a passagem da missão do mundo judaico ao mundo pagão (11,18; 14,27; 15,8.12). É significativo que, apesar dos preconceitos e perseguições alimentadas contra os cristãos, no final do I século, a fé cristã se espalha com rapidez sobretudo nos maiores centros urbanos do Império. Lucas, nos Atos dos Apóstolos, interpreta tal fenômeno como fruto da intervenção de Deus, por meio do seu Espírito (cf. CASALEGNO, 2005, p. 419-420).

A Igreja de Cristo em missão no mundo, conforme ressaltou o Concílio Vaticano II,

cumpra sua missão quando em ato pleno se faz presente a todos os homens ou povos, a fim de levá-los à fé, à liberdade e à paz de Cristo pelo exemplo da vida, pela pregação, pelos sacramentos e demais meios da graça (...). Esta missão no decurso da história continua e desdobra a missão do próprio Cristo, enviado a evangelizar os pobres. Eis por que a Igreja impelida pelo Espírito de Cristo deve trilhar a mesma senda de Cristo, isto é, o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação até a morte, da qual saiu vencedor por Sua ressurreição. (AG 5)

A quénose de Jesus Cristo (cf. Fil 2,6-7) se torna paradigmática para a Igreja missionária. Pobreza, obediência, serviço e sacrifício são atitudes imprescindíveis para que a evangelização se imunize de incrustações triunfalistas e contraproducentes. É justamente nesta postura quenótica que a Igreja de Cristo em missão no mundo pode inculturar a mensagem evangélica, empenhar-se pela promoção da dignidade humana e dialogar fraternalmente com cristãos de outras igrejas e membros de outras religiões.

O processo da inculturação comporta a capacidade de traduzir a fé cristã em linguagem, gestos e símbolos culturais próprios, a fim de que ela se torne relevante no encontro com as diferentes culturas, sempre num contexto de diálogo, pelo qual atua-se um discernimento sobre



os elementos culturais que podem ser assumidos pela fé cristã, em vista de uma síntese que enriquece tanto a cultura local quanto a Igreja universal (cf. MIRANDA, 2001, p. 38).

A promoção humana não é uma redução sociológica da missão da Igreja, mas a explicitação concreta de que “o querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade” (EG 177). Com efeito, a fé na ressurreição de Cristo não deixa neutrais diante das estruturas de morte que desfiguram a dignidade humana dos filhos e filhas de Deus.

Finalmente, o processo de evangelização no contexto atual exige uma postura dialógica com os cristãos de outras confissões e com os homens e mulheres que pertencem a outras religiões.

Na verdade, o fato de a Boa Nova da reconciliação ser proclamada por cristãos, que entre si se apresentam divididos, debilita o seu testemunho, e por isso é urgente trabalhar pela unidade dos cristãos, para que a atividade missionária possa ser mais incisiva. (RM 50)

Da mesma forma, o diálogo inter-religioso “fundamenta-se justamente na missão que Cristo nos confiou, solicitando a sábia articulação entre o anúncio e o diálogo como elementos constitutivos da evangelização” (Dap 237). Com efeito, se por um lado o anúncio do Evangelho não pode excluir o diálogo, por outro o mesmo diálogo com os diferentes seguimentos religiosos não pode prescindir do anúncio de Jesus Cristo.

Outra constatação importante é mudança do rosto da missão. Em 2007, Bento XVI, no Discurso aos membros do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias, salientava que

o campo da Missão ad gentes se tem ampliado notavelmente e não é possível defini-lo baseando-se apenas em considerações geográficas ou jurídicas. Na verdade, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também os campos socioculturais, e sobretudo os corações.

O contexto atual se, por um lado, exige criatividade missionária, por outro, requer a presença de batizados com perfil de enviados, isto é, corresponsáveis pelo anúncio do Evangelho no mundo.



24 Batizados e enviados.

Nos Atos dos Apóstolos, a consciência missionária é um fato que abrange toda a comunidade e se caracteriza pela ajuda mútua: ninguém pode sentir-se dono da missão. Além de Pedro, que evangeliza no ambiente judaico, e Paulo, que cria uma rede de comunidades nos centros urbanos do Império, são mencionados os sete diáconos, entre os quais sobressai Felipe, evangelizador da Samaria, a costa ao longo do Mediterrâneo até a Cesareia (21,8-9). Há também cristãos helenistas que passando pela Fenícia anunciam o Evangelho aos pagãos de Antioquia (11,19-21). Em Antioquia se destaca Barnabé, que, com Paulo, inicia a primeira missão na diáspora. São vários os colaboradores missionários citados: Áquila e Priscila (18,3.26); Gaio e Aristarco, que assistem Paulo em Éfeso (20,29); na viagem de volta a Jerusalém: Sópatros, Aristarco, Segundo, Gaio, Timóteo, Tíquico, Trófimo (20,4) (cf. CASALEGNO, 2005, p. 422).

O anúncio cristão aos povos não é tarefa exclusiva da hierarquia eclesial. Embora os bispos, por serem sucessores dos Apóstolos, com os presbíteros, seus colaboradores, e em comunhão com o Sucessor de Pedro, devem ser os primeiros a sentirem a urgência do mandato missionário do Senhor (cf. AG 5-6); todavia “incumbe a cada discípulo de Cristo o dever de disseminar a fé” (LG 17). Com efeito,

a necessidade de que todos os fiéis compartilhem tal responsabilidade não é apenas questão de eficácia apostólica, mas é um dever-direito, fundado sobre a dignidade batismal, pelo qual «os fiéis leigos participam, por sua vez, no tríplice ministério “sacerdotal, profético e real” de Jesus Cristo». (RM 71).

Pelo batismo, graças ao dom do Espírito Santo, a pessoa é regenerada e renovada (cf. Tt 3,5); santificada e justificada (cf. 1Cor 6,11; Rm 6); incorporada ao Mistério Pascal de Jesus Cristo (cf. Rm 6,1-11); revestida de Cristo (cf. Gl 3,27s; Rm 13,14; Cl 3,10; Ef 4,23); incorporada à Igreja (cf. At 2,41; 1 Cor 12,13). Todo batizado, pelo fato de ser configurado a Jesus Cristo e membro vivo da Igreja é, a todos os efeitos, sujeito ativo da evangelização (cf. Cfl 3). Portanto, todo cristão, independentemente da sua vocação específica, é missionário, isto é, enviado para dar razão da própria esperança (cf. 1Pd 3,15).

A pertença à Igreja, efeito do batismo-crisma, não é algo estático, passivo, como pode ser a inscrição em alguma lista de apoio a qualquer causa justa, que não compromete mais que acidentalmente e não





impõe maior responsabilidade. Pertença à Igreja é vida, participação na missão do Cristo de implantar o Reino pela graça do Espírito. E por sua vez, a Igreja existe, porque cada um de seus membros, no batismo, é ungido no Ungido. Torna-se com Cristo e em Cristo rei, sacerdote e profeta (...) Através das categorias de sacerdote, rei e profeta, o caráter batismal-crisimal remete à função da Igreja como comunidade de fé diante do mundo e no mundo (TABORDA, 2001, p. 235-240).

É importante retomar o significado do batismo de Jesus (cf. Mt 3,13-17). Para Jesus, ser batizado significa assumir a missão que o Pai lhe confia na força do Espírito (cf. Lc 4,18-19). Da mesma forma, quem é batizado na fé da Igreja, recebe o Espírito, torna-se filho no Filho e é enviado, como o Filho, para anunciar a salvação aos pobres e a partir dos pobres. Ungido irrevogavelmente para mesma missão régia, sacerdotal e profética do Cristo, todo cristão pode dizer: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano aceito da parte do Senhor” (Lc 4,18-19). Vivência, assim, o mistério do Deus de Jesus Cristo, testemunhando-o para quem não crê. Em termos mais concretos e detalhados, o batizado é enviado ao mundo como sacerdote para adorar Deus com a sua vida e reconhecer a imagem de Deus na pessoa do pobre; como rei para combater os ídolos que oprimem os pobres e promover a igualdade batismal superando toda discriminação, na opção preferencial pelos últimos da sociedade; como profeta para sentir-se livre diante das forças do mal e denunciar tudo o que desfigura a dignidade do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus (cf. IBIDEM, p 170-171; 239-240).

Compreende-se, então, que “batizados e enviados” não é mero slogan eclesial de propaganda missionária. Trata-se, ao invés, da afirmação identitária da vida cristã. O batismo gera o cristão para a vida nova dada pelo Mistério Pascal e para a missão, isto é, para que a força dessa vida nova, animada pelo Espírito, possa atrair outros homens e mulheres para Cristo². Daí o dever missionário de todo o Povo de Deus, conforme enfatizou o Concílio Vaticano II (cf. AG 36). Na mesma linha, o papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução

2 O papa Francisco, no dia 20 de maio de 2019, no Discurso aos participantes da XV Assembleia Geral do PIME disse “Evangelização é testemunho de Jesus Cristo, morto e ressuscitado (...). Não é procurar novos sócios para esta “sociedade católica”, não, é mostrar Jesus: que Ele se mostre na minha pessoa, no meu comportamento; e abrir espaços a Jesus com a minha vida. Isto é evangelizar”.



da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. (EG 120)

É significativo o testemunho de homens e mulheres que vivem seu compromisso com a evangelização no próprio País ou fora dele, não por pertencerem a um determinado Instituto missionário ou congregação religiosa, mas pura e simplesmente em virtude da vocação batismal.

Entre estes exemplos vale a pena lembrar, brevemente, a leiga Annalena Tonelli (1943–2003). Em 1969 ela deixou a Itália para compartilhar sua vida e fé em Jesus Cristo com o povo da Somália. Colocou-se a serviço dos mais pobres e não amados, “sem um nome, sem a segurança de uma ordem religiosa, sem pertencer a nenhuma organização, sem um salário, sem pagar as contribuições devidas para a aposentadoria na minha velhice” (TONELLI, 2018, p. 19), conforme ela mesma declarou. Seu objetivo era “gritar o Evangelho com a vida’ seguindo os passos de Charles de Foucauld” (IBIDEM, p. 20). Nesta empreitada não faltaram empecilhos.

Tudo estava contra mim: eu era jovem e, portanto, não era considerada digna de ser escutada ou respeitada; era branca e logo, desprezada por aquela raça que se considerava superior a todas (...); era cristã e, por isso, menosprezada, rejeitada, temida. Naquele momento, todos estavam convencidos de que eu era ali em Wajir para fazer proselitismo. Além do mais não era casada, um absurdo naquele mundo onde o celibato não existe e não é um valor para ninguém, aliás, é o contrário de um valor. (IBIDEM, p. 20–21)

Justificava sua escolha tão radical, dizendo que “fazia aquilo por Jesus Cristo, o qual nos pede de dar a vida pelos nossos amigos” (IBIDEM, p. 22). E assim aconteceu na noite do dia 5 de outubro de 2003, quando Annalena, após ter visitado os seus doentes, foi assassinada.

Conclusão

Nestas poucas páginas, tentamos aprofundar, embora não de forma exaustiva, o tema proposto para o Mês Missionário Extraordinário. Para isso, servimo-nos das contribuições da missiologia, da eclesiologia e da teologia do batismo.

Em primeiro lugar pareceu-nos necessário explicar que a missão é o próprio modo de ser de Deus. De fato, na vida íntima da Trindade, Deus envia e é enviado.





Em segundo lugar, mostramos que a Igreja não tem uma missão, mas ela nasce da missão de Deus e colabora com a missão de Deus. Nisto consiste a sua mais alta vocação e a razão do seu existir. O Prefácio dos Apóstolos II expressa bem tal verdade, quando afirma: “Vós constituístes a vossa Igreja sobre o alicerce dos apóstolos, para que ela fosse, no mundo, um sinal vivo de vossa santidade e anunciasse a todo o mundo o evangelho da salvação”.

Em terceiro lugar, explicitamos como, na Igreja, todos os membros do Povo de Deus, em virtude do batismo, são inseridos na mesma missão de Cristo e, portanto, são chamados a estar na vanguarda da evangelização. Para passar da teoria aos fatos, concluímos com o breve testemunho de Annalena Tonelli, uma mulher que visibilizou sua pertença a Jesus Cristo no serviço aos excluídos da Somália, anunciando o Evangelho, em contexto islâmico, pelo dom da própria vida até à efusão do sangue.

O mandato missionário de Jesus: “Ide pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15) é apelo incessante a sairmos do nosso comodismo, para que o feliz anúncio da salvação chegue até os extremos confins da terra. Em tempos desafiadores, tanto para a evangelização em geral, quanto para a missão ad gentes em particular, o lema missionário do Pe. Paulo Manna³: “Toda a Igreja para todo o Mundo” ajuda-nos a mantermos acesa a chama da vocação missionária que recebemos na pia batismal.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que o tema do Mês Missionário Extraordinário, conforme foi desenvolvido neste artigo, diz à Vida Religiosa Consagrada?
2. Na Igreja toda missionária, por sua natureza, qual deveria ser o papel dos Institutos Religiosos e/ou Sociedades de Vida Apostólica com carisma exclusivamente missionário?
3. Quais iniciativas poderíamos empreender em vista de uma maior conscientização missionária de todos os membros do Povo de Deus?

3 Pe. Paulo Manna (1872-1952) do PIME, foi missionário na Birmânia (Myanmar) de 1895 até 1907. Em 1916 criou a União Missionária do Clero. Entre 1927 e 1929 visitou as missões na Ásia e, na volta, escreveu *Observações sobre o método moderno de evangelização*, denunciando, entre outros, três males presentes no método missionário: ocidentalismo, condicionamento político colonial, interesses congregacionais das ordens religiosas. Para animar missionariamente a Igreja, fundou revistas informativas e de estudos sobre o mundo missionário. Publicou escritos pioneiros sobre o ecumenismo e a responsabilidade missionária de todo o Povo de Deus, com reflexões assimiladas pelo Concílio Vaticano II. Em 2001, foi beatificado por São João Paulo II.



- ALMEIDA, Luciano Mendes de. Il Regno di Dio. Nuovo Progetto, Fossano, v. 31, n. 5, p. 43, maio 2009.
- _____. Jesus Cristo: luz da vida consagrada. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. Servir por amor: trinta dias de Exercícios Espirituais. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. Teologia espiritual: experiência religiosa cristã. Mariana: Centro de Documentação Dom Luciano Mendes de Almeida – Arquidiocese de Mariana. Curso de Cultura religiosa, ago. 1970.
- BENTO XVI, Papa. Discurso aos membros do Conselho Superior das Pontifícias Obras Missionárias, 5 de maio de 2017.
- CASALEGNO, Alberto. Ler os Atos dos Apóstolos: estudo da teologia lucana da missão. São Paulo: Loyola, 2005.
- COLZANI, Gianni. Teologia della missione: vivere la fede donandola. Padova: Messagero, 1996.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007.
- FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.
- JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica Redemptoris Missio: do Sumo Pontífice sobre a validade permanente do mandato missionário. São Paulo: Paulinas, 1991.
- KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico (Org.). Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LIBANIO, João Batista. Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005.
- MIRANDA, Mario de França. Inculturação da fé: uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001.





MÜLLER, Karl. Teologia da Missão. Petrópolis: Vozes, 1995.

RASCHIETTI, Estevão. Ad gentes: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011.

SENIOR, Donald. – STUHLMUELLER, Carrol. I fondamenti biblici della missione. Bologna: EMI, 1985.

SUESS, Paulo. Introdução à teologia da missão: convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. Petrópolis: Vozes, 2007.

TABORDA, Francisco. Nas fontes da vida cristã: uma teologia do batismo-crisma. São Paulo: Loyola, 2001.

TONELLI, Annalena. O testamento espiritual. In: CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. Em ti se encontra o perdão – Salmo 130,4: subsídio pastoral 24 horas para o Senhor, 9-10 de março 2018.

WOLANIN, Adam. Teologia della missione: temi scelti. Casale Monferrato: Piemme, 1989.





SÍNODO DA AMAZÔNIA: PROFECIA E ESPERANÇA – LAUDATO SI'

IRMÃ EURIDES ALVES DE OLIVEIRA, ICM¹

Introdução

Na caminhada da Igreja católica, sínodo é uma assembleia convocada pelo Papa, e reúne os Bispos do mundo para refletir e posicionar-se acerca de temas relevantes para sua missão evangelizadora.

Etimologicamente “Sínodo é uma palavra que tem origem no grego e significa “syn”, juntos, e “hodos”, estrada ou caminho. Desta forma, representa uma assembleia na qual se buscam caminhos coletivos para se decidir sobre algo específico, que requer atenção especial por parte da Igreja e seu colegiado com a finalidade de tomar decisões e iniciar processos coletivos mediante os desafios identificados”.² Portanto, sínodo quer dizer caminhar juntos/as. Trilhar um caminho de comunhão e participação em torno de um “tema-desafio” que interpela o conjunto da Igreja a novas e urgentes respostas missionárias.

1 Eurides Alves de Oliveira. Religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria – ICM. Graduada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Piauí- UFPI, Mestra em Ciências da Religião, pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, Especialista em Gestão Social, pela UNISINOS, São Leopoldo, RS. Reside em Manaus/AM, onde integra o núcleo local da Rede Um Grito pela Vida, atuando no Enfrentamento ao tráfico de pessoas no Estado, de modo especial nas regiões de Fronteiras. É membro Comissão Episcopal Pastoral Especial de Enfrentamento ao Tráfico Humano/CNBB É vice coordenadora da Regional da CRB AM/RO. E-mail: ireurides@hotmail.com. Fone: (92) 99440-9508

2 http://repam.org.br/?page_id=883. Acesso 10 de maio 2019





A sinodalidade é tema e processo presente na caminhada da Igreja desde seus primórdios. Prática que adquiriu um grau de especial importância a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II (1963–1965), no qual o tema da comunhão e da colegialidade estão no coração de sua eclesiologia.

No pontificado do Papa Francisco, a sinodalidade é um caminho evangélico profético, um caminho de Deus para a Igreja hoje, conforme Ele próprio se expressou por ocasião do cinquentenário da instituição dos sínodos dos bispos: “O mundo em que vivemos e que somos chamados a amar e servir, mesmo nas suas contradições, exige da Igreja o reforço das sinergias em todas as áreas da sua missão. O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”³

Neste mesmo discurso, o Pontífice define uma Igreja sinodal como a Igreja da Escuta: “Um Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2, 7).⁴

Sínodo da Amazônia

A partir desta perspectiva de sinodalidade, no intuito de buscar caminhos para a evangelização universal, a partir da escuta dos clamores e desafios da terra, das águas, das florestas, da vida e cultura dos povos originários da Amazônia, o Papa Francisco convocou, no dia 15 de outubro de 2017, o Sínodo da Amazônia com o tema: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Com o objetivo de “identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para o nosso Planeta”.⁵

O Sínodo da Amazônia terá sua conclusão na assembleia sinodal do Papa com os Bispos, em outubro de 2019, em Roma; no entanto, o Sínodo, desde a boa notícia de sua convocação, vem sendo vivenciado, com intenso dinamismo de esperança profética por todo o povo de Deus desta grande região Pan-Amazônica, descrita no preâmbulo do

3 FRANCISCO. Discurso do Papa Francisco no Encontro com os Povos da Amazônia, 19 jan. 2018. Disponível em: <http://www.crbnacional.org.br/site/encontro-com-os-povos-da-amazonia-discursodo-papa-francisco/>. Acesso em 10 maio 2019

4 Ibid.

5 <http://www.cnbb.org.br/o-sinodo-para-a-pan-amazonia/>. Acesso em 20 de maio 2019.



documento preparatório⁶ como uma região que abriga uma “rica biodiversidade, é multiétnica, pluricultural e plurirreligiosa, um espelho de toda a humanidade...” (DP p.5), povoada por “habitantes de comunidades e zonas rurais, de cidades e grandes metrópoles, ribeirinhos, migrantes e deslocados e, especialmente, pelos povos indígenas”. (DP1)

A visita do Papa Francisco aos Povos Amazônicos, no dia 19 de janeiro de 2018, na cidade de Puerto Maldonado, localizada na tríplice fronteira do Peru com Bolívia e Brasil, foi um marco, um kairós para toda a Igreja. Um encontro que impulsionou decisivamente o processo preparatório do Sínodo da Amazônia. “Quis vir visitar-vos e escutar-vos, para estarmos juntos no coração da Igreja, solidarizarmo-nos com os vossos desafios e, convosco, reafirmarmos uma opção sincera em prol da defesa da vida, defesa da terra e defesa das culturas”.⁷

A presença, a palavra e sobretudo a escuta, do Pontífice aos mais de três mil indígenas peruanos, brasileiros e bolivianos falou profundamente aos corações das populações que vivem nestas sagradas terras amazônicas. Seu claro e contundente discurso chamou a atenção do mundo inteiro para os graves dramas e institucionalizadas injustiças em que vivem as populações desta região, sobretudo os povos indígenas, os principais viventes e guardiões desta parte do Planeta.

Provavelmente, nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como o estão agora. A Amazônia é uma terra disputada em várias frentes: por um lado, a nova ideologia extrativa e a forte pressão de grandes interesses económicos cuja avidez se centra no petróleo, gás, madeira, ouro e monoculturas agroindustriais; por outro, a ameaça contra os vossos territórios vem da perversão de certas políticas que promovem a «conservação» da natureza sem ter em conta o ser humano, nomeadamente vós irmãos amazônicos que a habitais. Temos conhecimento de movimentos que, em nome da conservação da floresta, se apropriam de grandes extensões da mesma e negociam com elas gerando situações de opressão sobre os povos nativos, para quem, assim, o território e os recursos naturais que há nele se tornam inacessíveis. Este problema sufoca os vossos povos, e causa a migração das novas gerações devido à falta de alternativas locais. Devemos romper com o paradigma histórico que considera a Amazônia como uma despensa inesgotável dos Estados, sem ter em conta os seus habitantes. (...) A defesa da terra não tem outra finalidade senão a defesa da vida. Conhecemos o sofrimento que suportam alguns de vós por causa de derrames de hidrocarbonetos

6 AMAZÔNIA: Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral: Documento Preparatório 2018. Edições CNBB. Comissão Especial para a Amazonia. Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM.

7 http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180119_peru-puertomaldonado-popoliamazonia.html. Acesso 29 de maio 2019



que ameaçam seriamente a vida das vossas famílias e poluem o vosso ambiente natural. Paralelamente, há outra devastação da vida que está associada com esta poluição ambiental causada pela extração ilegal. Refiro-me ao tráfico de pessoas: o trabalho escravo e o abuso sexual. A violência contra os adolescentes e contra as mulheres é um grito que chega ao céu. «Sempre me angustiou a situação das pessoas que são objeto das diferentes formas de tráfico. Quem dera que se ouvisse o grito de Deus, perguntando a todos nós: “Onde está o teu irmão?” (Gn 4, 9). Onde está o teu irmão escravo? (...) Não nos façamos de distraídos [olhando para o ouro lado]! Há muita cumplicidade...A pergunta é para todos! (Discurso do Papa Francisco em Porto Maldonado)⁸

Esta precisa e contundente descrição da realidade feita pelo Papa Francisco evidencia quão grandes são os clamores e desafios para uma evangelização, missionária, solidária e ecológica nesta região do Planeta. Desafios e clamores que validam a urgência de um processo sinodal audacioso na escuta, no discernimento e no agir profético de toda a Igreja rumo a uma Ecologia Integral que defenda com vigor e determinação a vida do Planeta e da humanidade, sobretudo das populações que vivem nos diversos territórios destas terras amazônicas com sua dignidade e direitos violados pelas múltiplas explorações e violências.

Diante desta triste e desafiadora realidade, o Papa Francisco também reconhece e valoriza a luta constante, as muitas iniciativas dos povos indígenas, das Igrejas e das múltiplas organizações populares presentes nas diversas localidades destes territórios amazônicos. A sabedoria e resistência dos povos originários em conservar suas crenças, culturas e práticas de “bem viver”.

Em contrapartida, é justo reconhecer a existência de esperanças iniciativas que surgem das vossas próprias realidades locais e das vossas organizações, procurando fazer com que os próprios povos originários e as comunidades sejam os guardiões das florestas e que os recursos produzidos pela sua conservação revertam em benefício das vossas famílias, na melhoria das vossas condições de vida, da saúde e da instrução das vossas comunidades. Este «bom agir» está em sintonia com as práticas do «bem viver», que descobrimos na sabedoria dos nossos povos. Seja-me permitido dizer que se, para alguns, sois considerados um obstáculo ou um «estorvo», a verdade é que vós, com a vossa vida, sois um grito lançado à consciência dum estilo de vida que não consegue medir os custos do mesmo. Vós sois memória viva da missão que Deus nos confiou a todos: cuidar da Casa Comum.⁹

E lembra também a importante contribuição missionária dos consagrados e consagradas nesta região “Queridos irmãos da Amazônia, quantos missionários e missionárias se comprometeram com os vossos

8 Ibid

9 Ibid



povos e defenderam as vossas culturas! Fizeram-no inspirados no Evangelho. Cristo também se encarnou numa cultura, a hebraica, e a partir dela ofereceu-Se-nos como novidade a todos os povos, para que cada um, a partir da respetiva identidade, se sinta autoafirmado n'Ele".¹⁰

E como convocação e apelo o Papa pede ao Sínodo que seja um espaço e oportunidade para a configuração de uma Igreja com rosto amazônico:

Cada cultura e cada cosmovisão que recebe o Evangelho enriquecem a Igreja com a visão duma nova faceta do rosto de Cristo. A Igreja não é alheia aos vossos problemas e à vossa vida, não quer ser estranha ao vosso modo de viver e de vos organizardes. Precisamos que os povos indígenas plasmem culturalmente as Igrejas locais amazônicas. E, a propósito, encheu-me de alegria ouvir um dos textos da *Laudato si'* ser lido por um diácono permanente da vossa cultura. Ajudai os vossos bispos, ajudai os vossos missionários e as vossas missionárias a fazerem-se um só convosco e assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena. Com este espírito, convoquei um Sínodo para a Amazônia no ano de 2019.¹¹

Tarefa que deve ter primazia no processo sinodal, uma proposta que exige novos olhares antropológicos, novas chaves teológicas, como tão bem expressa a antropóloga Moema Miranda:

...tal como sugere o Papa Francisco ao convocar o Sínodo Pan-Amazônico, não é só um processo de ocupar a região e dizer aos indígenas o que eles devem fazer. A evangelização é uma proposta de encontro, é uma teologia nova, uma abordagem nova, é uma novidade, de fato, nova e inovadora de como nós juntos nos colocamos no caminho de defesa da vida. Isto é, não é uma evangelização que vem de um lado só. (...) A base de toda a proposta evangelizadora é a Teologia do Encontro, a Teologia do Diálogo; é uma proposta totalmente nova desse ponto de vista.¹²

A partir desta visita e clara convocação do Papa Francisco para que o Sínodo seja vivenciado profeticamente como uma 'Missão de Deus', espaço de escuta, valorização, reconhecimento e defesa da Amazônia e da vida dos povos que aqui vivem, a Igreja da Pan-Amazônia, através da Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) sistematizou e assumiu com vigor missionário o processo sinodal como um caminho para:

- **CONHECER** a riqueza do bioma, os saberes e a diversidade dos Povos da Amazônia, especialmente dos povos Indígenas, suas lutas por uma ecologia integral, seus sonhos e esperanças.

¹⁰ Ibid.

¹¹ ibid

¹² <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/583811-a-amazonia-o-sinodo-pan-amazonico-e-o-negacionismo-absoluto-de-bolsonaro-entrevista-especial-com-moema-miranda>. Acesso no dia 13 de junho 2019



- RECONHECER as lutas e resistências dos Povos da Amazônia que enfrentam mais de 500 anos de colonização e de projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição da floresta e dos recursos naturais.
- CONVIVER com a Amazônia, com o modo de ser de seus povos, com seus recursos de uso coletivo compartilhados num modo de vida não capitalista adotado e assimilado milenarmente.
- DEFENDER a Amazônia, seu bioma e seus povos ameaçados em seus territórios, injustiçados, expulsos de suas terras, torturados e assassinados nos conflitos agrários e socioambientais, humilhados pelos poderosos do agronegócio e dos grandes¹³

Sínodo - um caminho coletivo e profético rumo à ecologia Integral

Vivenciar o Sínodo da Amazônia como um caminho de profecia coletiva tem sido gratificante e ao mesmo tempo desafiador, neste tempo histórico de crises, incertezas e contradições, com cenários socioambientais, econômicos e políticos cada vez mais degradantes e destruidores da vida. É uma tarefa que nos impele a adentrar por caminhos e processos em curso, mas também ainda não trilhados. Requer uma atitude de docilidade ao Espírito, e grande abertura para acolher as novidades de Deus nos processos e vivências dos povos das florestas e das águas deste imenso ‘continente amazônico’ com povos e nações de nove países: Brasil: 67%, Peru: 13%, Bolívia: 11%, Colômbia: 6%, Equador: 2%, Venezuela: 1%. Suriname, Guiana e Guiana Francesa somam 0,15%.

São Territórios portadores de uma exuberante, diversa e sagrada sociobiodiversidade, hoje, vilipendiada pela cobiça, pela mentalidade extrativista, a cultura do descarte e as violências institucionalizadas pelos velhos e novos colonialismos do sistema capitalista neoliberal. “Nunca como hoje os povos originários amazônicos e todo o seu território estiveram tão gravemente ameaçados” (D. Claudio Hummes).¹⁴

Os diversos povos que ocupam os campos e as cidades da Amazônia sofrem drasticamente com os contrastes sociais e econômicos ali presentes. Enquanto alguns grupos políticos e econômicos centralizam as riquezas

13 http://repam.org.br/?page_id=962. Acesso dia 24 de maio 2019

14 <http://www.conic.org.br/portal/noticias/3051-sinodo-para-a-amazonia-entrevista-com-o-cardeal-claudio-hummes>. Acesso 29 de maio 2019.



produzidas na região e estendem a propriedade privada sobre boa parte de seu território. A grande maioria dos povos já vivem em situação de miséria nas periferias das cidades. A Amazônia já sofreu um desmatamento de 700 mil quilômetros quadrados. (...) As políticas governamentais de incentivo às hidrelétricas, à mineração e ao agronegócio tendem a anular as iniciativas em prol da preservação da Amazônia, priorizando a exploração e o saque das suas riquezas em detrimento de seus povos que vivem no meio urbano, com todos os problemas daí derivados: miséria, ausência de saneamento básico, aglomeração nas periferias, insalubridade, desemprego e outras mazelas de uma concentração urbana desregulada...”¹⁵

Diante desta realidade injusta e desigual de onde ecoa o grito da terra, das águas, das florestas e concomitantemente o grito das populações empobrecidas que aqui vivem, o processo sinodal tem sido para a Igreja da Amazonia e quiçá para toda Igreja do Brasil e do mundo, uma benção e um desafio à profecia. “Hoje o grito da Amazônia ao Criador é semelhante ao grito do povo de Deus no Egito (cf. Ex 3,7). É um grito de escravidão e abandono, que clama pela liberdade e o cuidado de Deus.”¹⁶

Urge acolher, valorizar e anunciar o Evangelho da vida e a presença do Reino de Deus no modo de ser, fazer, relacionar-se e viver dos povos amazônicos, bem como denunciar firme e corajosamente os projetos sistêmicos de morte, que colonizam, oprimem, excluem, expulsam os povos amazônicos de seus territórios, violentando seus direitos e seus corpos e vislumbrar novos caminhos para a missionariedade.

Vejamos algumas falas que elucidam este caminho-horizonte:

- Dom Evaristo Engler, Bispo da Prelazia do Marajó (PA), no seminário da secretaria geral de preparação ao Sínodo em Roma.

Já não podemos confiar na política vigente. Ela é submissa e serviçal ao grande capital e aos megaprojetos para a Amazônia. Faz isso sem ética e sem escrúpulos. Já não podemos confiar na economia de mercado. Ela é insaciável e transforma tudo em mercadoria(...)

Na esteira da Doutrina Social da Igreja somos desafiados a buscar uma política de participação de todos e para todos, e também para com a natureza. A ecopolítica tem por escopo organizar a sociedade e a distribuição do poder de forma a implementar estratégias de sustentabilidade para garantir a todos o suficiente e o decente para viver. Isso supõe pensar a política, no sentido dos documentos sociais da Igreja, como a busca comum do bem comum. Contudo é necessário incluir nesse bem comum não apenas os seres humanos, mas toda a comunidade de vida(...)

15 OLIVEIRA, M. Marcia. A igreja na multiplicidade Amazônica. In revista Vida Pastoral. Maio -junho de 2019 – n. 327. Ed Paulus.

16 <http://www.pom.org.br/um-sinodo-especial-para-a-amazonia>. Acesso dia 25 de maio 2019





A Amazônia não precisa ser conquistada, nem desbravada, precisa ser respeitada. O sistema amazônico não funciona nos moldes de competição, funciona nos moldes de cooperação, como todo o sistema Terra. A questão não está em conquistar a Amazônia, mas em conviver com a Amazônia. A política deveria estar a serviço da boa convivência social e da boa convivência ambiental, mas ela prefere estar a serviço da economia. Podemos aprender das populações tradicionais da Amazônia (...) A compreensão da Terra como Casa Comum deveria oferecer a base para políticas globais de controle do aquecimento global, das mudanças climáticas, da preservação das florestas, do cuidado da casa comum e o limite para a economia de mercado. Tenho suspeitas de que nem os economistas globais, nem os políticos nacionais serão capazes de fazer isso. Mas tenho certeza que os povos da floresta, os povos originários, com a proposta do “bem-viver” e as comunidades dos discípulos de Jesus, com a proposta do Reino de Deus, junto com outros aliados que sabem que a Amazônia é criação de Deus, serão capazes. Isso pode parecer um sonho, mas são os sonhos que alimentam as utopias. Nós sonhamos com a utopia do Reino anunciado por Jesus. Como diz uma canção de nossas Comunidades: Sonho que se sonha só, pode ser pura ilusão. Sonho que se sonha juntos, é sinal de solução. Então, vamos sonhar, companheiros, sonhar ligeiro, sonhar em mutirão¹⁷

- Dom Roque Paloschi, bispo da Igreja em Porto Velho-RO e presidente do Conselho Indigenista Missionário -CIMI.

Ao Sínodo cabe colaborar na construção de um mundo capaz de romper com as estruturas que sacrificam a vida e com as mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade e interculturalidade. Cabe aos padres sinodais fazer resplandecer o rosto amazônico na Igreja, ou seja, aprofundar o processo de inculturação e, profeticamente, denunciar as situações de injustiça no mundo e na região. Os povos indígenas estão em perigo de perder seus territórios por novos colonialismos mascarados de progresso.¹⁸

Escutar Deus na escuta dos múltiplos e diferentes povos da Amazônia

Precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual” (EG 171).

17 <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587026-a-amazonia-nao-precisa-ser-conquistada-precisa-ser-respeitada-afirma-dom-evaristo-spengler>. Acesso 12 de junho 2019

18 PALOSCHI, Roque. O Sínodo da Amazônia: grito à consciência, memória da missão, opção pela vida. In revista Vida Pastoral. Maio -junho de 2019 – n. 327. Ed Paulus.



O Sínodo da Amazônia convoca as/os discípulas/os missionárias/os da Amazônia a uma atitude de itinerância – sair e abrir-se à ‘cultura do encontro’ à escuta e ao diálogo com os múltiplos povos desta América do Sul onde habitam 2.779.478 indígenas pertencentes a 390 povos originários e cerca de 137 povos “isolados”. São pessoas que falam 240 línguas diferentes, pertencentes a 49 ramos linguísticos, bem como com o grande número de comunidades ribeirinhas e quilombolas e as populações urbanas, que já abrigam 79% das populações da Amazônia brasileira dos fluxos migratórios.

A secretaria geral do Sínodo dos Bispos encarregou a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM) para articular os países amazônicos nos processos de organização e preparação do Sínodo, sobretudo para mobilizar e acompanhar o processo de escuta, da qual resultou o diagnóstico e as propostas que serão encaminhadas para a construção do Instrumentum Laboris, documento de estudo e discernimento do episcopado na assembleia conclusiva do sínodo da Amazonia, em outubro de 2019 em Roma.

Segundo informações da REPAM, o processo de escuta sinodal contou com a participação de aproximadamente 87.000 pessoas. Foram realizadas cerca de 60 a 70 assembleias territoriais, junto com 25 fóruns temáticos e cerca de 160 a 170 rodas de conversa que enviaram os relatórios, além dos milhares de rodas de conversa que não enviaram relatórios, que receberam o nome de escutas preparatórias e que antecederam as assembleias territoriais. O número total de atividades realizadas pela REPAM entre julho de 2018 e 15 de fevereiro de 2019 foi de 260 pontos de escuta¹⁹. E vale lembrar que muitas outras iniciativas foram realizadas por grupos e organismos específicos.

As escutas sinodais foram um grande e sagrado ‘ajuri’ sinodal, uma experiência kairótica da escuta de Deus na voz dos povos amazônicos. Um fecundo mutirão de escuta ativa das vivências, lutas, resistências e esperanças dos povos originários e demais populações que aqui vivem. Uma oportunidade de valorização das lideranças, das populações tradicionais, da sua cultura, da sua história da sua religiosidade, da sua fé, um tempo de pensar com e a partir dos povos indígenas, das comunidades ribeirinhas e quilombolas, dos migrantes e das populações urbanas, os novos caminhos para uma ecologia integral.

Os processos de ‘escutas sinodais’ têm revelado o rosto de uma Igreja missionária e samaritana (cf DA26) que desde os primórdios de sua presença nesta região tem buscado viver e revelar as sementes do verbo encarnado neste universo cultural diverso e sedento de vida, justiça e esperança.

19 <http://cebsdobrasil.com.br/2019/03/08/escuta-sinodal-da-repam-um-processo-concluido-com-alegria-e-muitos-frutos/>. Acesso dia 20 de maio 2019.



O processo de escuta tem mobilizado toda a Igreja da Pan-Amazônia. (...) Os encontros em pequenos grupos, comunidades e paróquias têm se multiplicado por toda parte, constituindo experiências muito bonitas e profundas. Trata-se de oportunidade ímpar para escutar os povos da Amazônia, seus sonhos, desejos e anseios, e para conhecer mais profundamente seus sofrimentos, lutas e resistências. As escutas confirmam que o povo sabe o que quer e como quer nossa Igreja na Amazônia(...) é louvável o esforço que as dioceses e prelazias estão fazendo para romper essas barreiras e levar o Sínodo aos povos e comunidades mais distantes. É importante destacar o papel do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), do Conselho Indígena de Roraima (CIR), da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Cáritas e dos/as religiosos/, os missionários/os que não medem esforços para envolver os povos indígenas, ribeirinhos, seringueiros, comunidades quilombolas, camponeses e todos os povos das águas e das florestas da Amazônia nesse processo sinodal²⁰

No entanto, o processo de escuta tem também sinalizado limites e necessidades de ousar novos caminhos e estratégias rumo a uma evangelização ecologicamente integral. Faz-se necessário trilhar um caminho de conversão pastoral e ecológica, caminho de unidade, comunhão e profecia, capaz de discernir e assumir novos caminhos para uma ecologia integral.

Certamente não estaremos no Sínodo para repetir coisas que já foram ditas, não importa se são importantes, bonitas e partam de uma boa teologia. Estaremos ali para procurar novos caminhos. Necessitamos muito novos caminhos, não ter medo do novo, não nos defendermos contra isso, não resistir à novidade. Devemos nos cuidar para não trazer o antigo como se fosse mais importante que o novo. O antigo deve se conjugar com o novo, a novidade deve reforçar e apoiar o caminho. Essa palavra do papa é muito forte: devemos caminhar e não resistir a avançar e ir adiante²¹ (D. Cláudio Hummes).

Riscos, desafios e esperanças sinodais

Nesta missão de acolher o novo, a partir da aproximação e escuta, sobretudo dos povos originários, muitos desafios, trilhas e caminhos estão surgindo, algumas vozes têm se destacado como luzeiros de esperança e profecia.

Na visão de Dom Erwin Kräutler, há dez grandes desafios que requer uma resposta evangelizadora mais audaciosa a partir do Sínodo da Amazônia:

20 OLIVEIRA, M. Marcia. A igreja na multiplicidade Amazônica. In revista Vida Pastoral. Maio -junho de 2019 – n. 327. Ed Paulus.

21 <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/589220-rumo-ao-sinodo-para-a-amazonia-entrevista-com-cardeal-claudio-hummes>. Acesso dia 20 de maio 2019



1. A valorização de leigos e leigas a serviço (ministério) de suas comunidades sem clericalizá-las/os.
2. O papel da mulher como evangelizadora não só na família, mas também nas comunidades e vigorosa defensora dos direitos humanos, com acesso ao diaconato.
3. O carisma das ordens e congregações religiosas e sua inserção nas comunidades amazônicas.
4. A busca de alternativas para enfrentar a ausência da Eucaristia em milhares e milhares de comunidades, quiçá descobrindo ao lado do tradicional um outro modelo de presbítero (não reservado apenas aos homens).
5. O revigoramento das Comunidades Eclesiais de Base como primeiro e fundamental núcleo das dioceses e prelazias.
6. A inculturação dos sacramentos na vida dos povos originários e integração de expressões culturais autóctones na Liturgia.
7. A conscientização e sensibilização de toda a sociedade brasileira em relação à defesa da Amazônia diante da voracidade de empresas que golpeiam e arrasam esse macro-bioma.
8. A implementação da Encíclica “Laudato SÌ” nas comunidades amazônicas.
9. Um incentivo especial à pastoral urbana frente ao inchaço das cidades e o êxodo rural.
10. O escasso uso de meios modernos de comunicação ou a ausência de equipamentos apropriados nas dioceses e prelazias.²²

O teólogo Víctor Codina, um dos colaboradores na elaboração do Instrumento de Trabalho do Sínodo, elenca alguns riscos e oportunidades presentes no processo de realização do sínodo da Amazônia.²³ Seguem em síntese estes riscos e oportunidades que nos ajudam a refletir, esperançar e atuar:

Riscos:

1. O desconhecimento de grande número de pessoas tanto fora quanto dentro da Igreja sobre o que significa um Sínodo, o que é a Amazônia e que não ouviram falar de um Sínodo na Amazônia.

22 <http://repam.org.br/?p=2340>. Acesso 12 de junho 2019

23 https://www.religiondigital.org/luis_miguel_modino-_misionero_en_brasil/Victor-Codina-opportunidades-Sinodo-Amazonia_7_2130456957.html. Acesso em 12 de junho 2019





2. Pensar que a Amazonia é um problema puramente territorial e local e que não interessa ao restante da humanidade.
3. O desconhecimento da realidade que estão vivendo os povos amazônicos: a exploração dos grandes projetos de mineração (legal e ilegal), do setor de petróleo, das madeireiras, monocultura, megaprojetos hidráulicos, pesticidas, narcotráficos, milícias, agressões à cultura e à identidade dos povos indígenas, causando expulsão, marginalização, perseguição e assassinatos dos povos originários e destruição de seus territórios.
4. Os governos que concedem os territórios às multinacionais, para grandes ganhos econômicos, se sentem ameaçados pela proposta do Sínodo e fazem campanhas contra, sobretudo intensificando as campanhas difamatórias em curso contra o Papa Francisco chamando-o de comunista, herege, ingênuo, terceiro-mundista, que antes de aconselhar os outros deve começar por reformar a Igreja manchada pelo abuso sexual.
5. Considerar os povos amazônicos apenas como pobres social e economicamente, sem levar em conta a imensa riqueza de suas línguas, culturas e espiritualidade, possuidores de uma sabedoria anterior ao cristianismo. Vê-los como uma alternativa ao mundo moderno que destrói a terra e ameaça o futuro da nossa casa comum.
6. O não reconhecimento da presença da Igreja na Amazônia há 500 anos, com suas luzes e sombras, com o grande trabalho missionário, religioso e feminino, evangeliza e mantém viva a fé desses povos. Agora, esses povos exigem uma superação da mentalidade colonial, e o surgimento de uma Igreja com rosto amazônico e um aumento nos ministérios ordenados para poder acompanhar pastoralmente as populações muito dispersas, não as deixando sem eucaristia. Para isso é preciso propor novas formas de ministérios ordenados, e isso pode causar tensões entre os grupos mais conservadores e os que desejam olhar com ousadia os novos caminhos para a igreja.
7. O risco de que o Sínodo não consiga integrar a dimensão ecológica e eclesial de forma ampla, conectando integralmente a vida das comunidades amazônicas, tanto na sua dimensão humana social, cultural e ambiental como espiritual e eclesial. De não contemplar suficientemente a questão da missão e evangelização, do diálogo intercultural e inter-religioso e de não enfatizar o suficiente o anúncio do Reino anunciado por Jesus.

**Oportunidades para:**

- Escutar a voz dos povos da Amazônia. Os Bispos e teólogos/as, os grupos de homens e mulheres amazônicos que estarão presentes na assembleia sinodal serão porta-vozes da Amazônia com ampla ressonância para o mundo.
- Aterrissar a doutrina de Francisco, da encíclica Laudato Si' em um lugar emblemático e simbólico que manifesta o que acontece em muitos outros territórios do Planeta, evitando assim que a ecologia se torne uma ideologia abstrata.
- Alertar novamente toda a humanidade sobre a seriedade do atual sistema econômico e político, que gera a marginalização e a morte dos pobres e destrói a natureza. Tudo isso a partir da escuta do clamor das vítimas das periferias.
- A Igreja fazer sentir e ecoar sua voz profética e denunciar ao mundo inteiro a necessidade de uma conversão ecológica, se não quisermos deixar um Planeta deserto para as novas gerações, para revalorizar a eclesiologia da Igreja local, com ministros autóctones e uma teologia índia, com a audácia de buscar novos caminhos para uma Igreja de rosto amazônico, com comunidades maduras que tenham ministros necessários para uma autêntica vida cristã, com a Palavra, a Eucaristia e a diakonia ou serviço fraterno, sempre em comunhão com a Igreja universal.
- Refletir sobre a estreita relação entre a Igreja e a Eucaristia, porque sem a Eucaristia não há Igreja, e as numerosas comunidades dispersas e remotas não podem ser perpetuamente condenadas sem a Eucaristia.
- Para integrar o ecológico e o pastoral, tornar conhecida a riqueza da sabedoria dos povos indígenas e sua harmonia com a criação como uma alternativa à sociedade de consumo e descarte.
- Aprofundar o tema da ecologia integral, do “bem viver” e da “sobriedade feliz” em harmonia com toda a criação e responder ao apelo das novas gerações que veem seu futuro ameaçado pelo atual estilo de vida e criticam a real ineficácia das cúpulas políticas sobre a ecologia.
- Aprofundar e viver a dimensão do Espírito do Senhor Jesus, que é aquele que dinamiza a vida em todas as suas dimensões, que nos surpreende com a riqueza de seus dons e faz da Igreja uma comunidade poliédrica que caminha em saída em direção ao Reino com a alegria e esperança pascal.





- Reconhecer que tudo isto que acontece desde a periferia e a pobreza dos povos ameaçados e das vítimas é um sinal dos tempos para a renovação da Igreja e da sociedade.

E para ir concluindo, uma voz da Vida Religiosa feminina, através da Irmã Gloria Liliana Franco Echeverri, presidente da Confederação Caribenha e Latino-americana de Religiosas/os – CLAR, que, ao ser entrevistada sobre o que espera do sínodo da Amazonia, nos brindou com um depoimento carregado de esperança e compromisso, que a meu ver faz eco com as buscas expectativas do conjunto da Vida religiosa Consagrada presente na Amazônia, e acredito do Brasil, e oxalá de outras partes do mundo:

Espero que seja, antes de tudo, o mesmo exercício do Sínodo e a metodologia do Sínodo, espero que possa ser sinodal, mesmo que pareça repetitivo. Que seja um exercício de ser Igreja, de construir a Igreja e fazer a comunhão na diversidade. Espero que possa ser um espaço onde a voz possa ressoar, especialmente dos mais pobres e dos indígenas. Eu gostaria que fosse um espaço para ouvir, para escutar muitíssimo o que Deus tem para nos dizer, no clamor da terra e no clamor dos povos amazônicos. Desejo que toda a reflexão e discernimento no Sínodo realmente contribua para que todos nós, estado, políticas estatais, cidadãos comuns, aqueles que passam pela vida, possam pensar com maior consciência e responsabilidade para com o cuidado da terra. Que pudéssemos nos mobilizar, que o Sínodo seja de algum modo um mobilizador, de movimentos sociais, de coisas diferentes que realmente nos ajudam a repensar a forma como estamos nos colocando diante do Planeta.

Gostaria que nos mobilizássemos também para mudar hábitos, rever estilos de vida, assumir opções responsáveis e lúcidas para o meio ambiente. Mas fundamentalmente quero que ele seja um Sínodo para colocar nossos olhos nas pessoas, nas culturas amazônicas, e ajudar-nos a compreender a riqueza da diversidade, de nos reconhecermos diferentes e reconhecer que na diferença não existe nenhuma ameaça, mas na diferença existe uma possibilidade maravilhosa. Que continuemos a reler todas as sementes do Verbo que existem nos diferentes territórios, nas diferentes culturas, que não esgotemos Deus e a ação de Deus de maneiras aprendidas, mas permitamos que o espírito, com muito discernimento, nos mostre maneiras de ser, estar, evangelizar, passar pela vida. Eu gostaria que a voz da mulher ressoasse com força, e que pudéssemos nos concentrar também na mulher amazônica, na mulher que faz Igreja na Amazônia. Que pudéssemos gerar novas instâncias de participação, de compromisso”.²⁴

²⁴ <http://www.ihu.unisinos.br/589878-eu-gostaria-que-o-sinodo-fosse-um-espaco-de-muita-escuta-do-que-deus-tem-a-nos-dizer-entrevista-com-ir-liliana-franco-presidenta-da-clar>. Acesso dia 12 de junho 2019



Ao ouvir estas palavras de Irmã Gloria, com o coração de quem pisa com alegria e paixão missionária estas terras amazônicas há quase 5 anos e sente-se como discípula aprendiz da riqueza destes povos que aqui vivem e particularmente desta graça de experienciar junto esta sagrada preparação para o Sínodo da Amazônia, concluo o presente texto, que nada mais deseja do que dar a conhecer um pouco da vivência deste processo com seus êxitos, riscos, desafios e esperanças. E despertar a todas e todos para a grande importância do envolvimento neste movimento do Espírito para toda a Igreja e em particular para a Vida Religiosa Consagrada, que é chamada a novas travessias e itinerâncias missionárias nestas terras amazônicas, assumindo com audácia profética os novos desafios apontados pelos processos de escuta, e que almejamos serem assumidos pela assembleia sinodal conclusiva do Sínodo no mês de outubro. Laudato Si!

Questões para reflexão:

1. Como sua Comunidade e Congregação têm participado do processo do Sínodo da Amazônia?
2. Quais aspectos deste texto chamou-lhe atenção e que interpelações missionárias sentiu?
3. Que expectativas e esperanças vocês alimentam com a realização do Sínodo da Amazônia?
4. Como sua comunidade ou congregação pode contribuir no assumir de novos caminhos para uma ecologia integral, sinalizados pelos desafios e luzes advindos das escutas sinodais? Que novas itinerâncias e travessias se fazem necessárias?



MOBILIDADE HUMANA E DESAFIOS PARA A MISSÃO

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS¹

Deslocamentos humanos de massa, de um lado, e transformações sociais, econômicas e políticas, de outro, constituem duas faces da mesma moeda. Em termos concretos, podemos afirmar que quando as águas se movem na superfície é porque as placas tectônicas subterrâneas também estão em movimento. As ondas visíveis dos fluxos migratórios revelam e ocultam, ao mesmo tempo, as correntes invisíveis na política econômica, tanto em nível nacional quanto regional ou mundial. O avanço da economia globalizada, ao abrir caminho para as mercadorias, a tecnologia de ponta, o capital das transnacionais, a oscilação da moda e as informações via Internet, cria igualmente novas oportunidades. A acumulação da riqueza e a produção, na medida em que se centralizam ou se descentralizam, põem em marcha um “imenso exército de reserva”.

Trata-se de uma enorme multidão de trabalhadores desenraizados e errantes, constrangidos a seguir os ventos do capital, e que, a exemplo do pobre Lázaro do Evangelho, disputa as migalhas que caem da mesa do rico avarento e anônimo (Lc 16,19-31). Lê-se na Instrução *Era Migrantes Caritas Christi*, publicada em maio de 2004, pelo então Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes e Itinerantes: “As migrações hodiernas constituem o maior movimento de pessoas de

¹ Pe. Alfredo J. Gonçalves é missionário de São Carlos (scalabrinianos), cujo carisma é trabalhar no mundo das migrações. Atualmente atua na Pastoral Migratória da arquidiocese do Rio de Janeiro, integrando também o Serviço Pastoral dos Migrantes.



todos os tempos. Nestas últimas décadas este fenômeno, que envolve atualmente cerca de duzentos milhões de seres humanos, se transformou em realidade estrutural da sociedade contemporânea, e constitui um problema cada vez mais complexo do ponto de vista social, cultural, político, religioso, econômico e pastoral” (Cfr. EMCC, apresentação).

O paradoxo reside no fato de que, enquanto o dinheiro e as mercadorias encontram as fronteiras escancaradas, as pessoas as encontram cerradas e militarizadas. Os projetos vinculados a uma onda progressiva da economia nacionalista, liderada por governantes populistas de extrema direita, tendem a bloquear e dificultar as migrações legais. A tensão entre globalização econômica, por uma parte, e crescentes manifestações de protecionismo, por outra, vem à tona através de novas formas de guerra comercial. É como se o clima da guerra fria, que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, tivesse deslocado seus alvos do campo da política para o campo da economia. As implicações e consequências de semelhantes turbulências sobram evidentemente para os trabalhadores, e entre estes últimos, para os migrantes, prófugos, refugiados e marítimos de todo o mundo. Desse cenário, resultam gigantescos desafios não somente para os organismos internacionais como a ONU e a ACNUR, como também para os governantes nacionais e as relações entre eles, sem esquecer, evidentemente, a missão da Igreja guiada pela luz da Palavra de Deus.

Números que escondem nomes e rostos

Os números retratados pelos mais recentes relatórios da Organização das Nações Unidas (ONU) confirmam o crescimento significativo dos deslocamentos humanos de massa. Os migrantes internacionais alcançam a marca de 244 milhões em 2015, um aumento de 41% em relação a 2000. Os dados foram publicados na terça-feira, dia 12 de junho de 2018, pelo relatório do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA). Desnecessário acrescentar que dezenas de milhões são refugiados e que, entre estes últimos, a grande maioria reside nos países limítrofes do qual se viram obrigados a escapar, como é o caso da etnia Rohingya em fuga de Myanmar para o vizinho Bangladesh (Cfr. *Relatório da ONU*, 12/06/2018).

De outro lado, “uma pessoa em cada três segundos vira um refugiado, tempo menor que o necessário para ler esta frase”. A afirmação é da Agência das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), que alerta para o crescimento dos casos de conflitos, violência e perseguição. De



acordo com a ONU, o número de refugiados, incluindo os “desplazados” pela violência interna, atinge o recorde de 65,6 milhões em 2016, segundo relatório *Tendências Globais*, divulgado na segunda-feira, dia 19 de junho de 2018. A crise humanitária é a mais grave desde a fundação da ONU, em 1945. (Cfr. *Jornal Correio Braziliense*, 19/06/2018).

Resulta que o fenômeno migratório, em todos os seus aspectos, tornou-se em todo o mundo tema relevante da pauta de qualquer campanha eleitoral. Não raro, é o ponto número um não só dos debates, mas também dos resultados finais das eleições. O problema é que, em geral, politizar o tema das migrações equivale a criminalizar os migrantes. Estes, não raro, tornam-se “intrusos” indigestos no cenário da geopolítica nacional e internacional. Bastaria rememorar os casos dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, da Áustria, da Itália, da Espanha, da República Checa, da Eslováquia, da Holanda – sem falar dos vizinhos Venezuela e Colômbia. A razão é dupla: por um lado, a violência e a pobreza fazem aumentar sempre mais o número de migrantes, prófugos e refugiados; por outro, o endurecimento da legislação por parte dos governos, numa grande guinada à direita, torna mais visível o fenômeno devido à pressão sobre as fronteiras. Esses complexos fronteirizos, verdadeiras panelas de pressão, como que entram em ebulição, prestes a explodir!

Passemos a palavra, uma vez mais, a um representante da Organização das Nações Unidas: “Uma praga envenenou o debate sobre os desafios cruciais como a imigração” – disse António Guterres, secretário geral para os Direitos Humanos da ONU, ao abrir o último Conselho em Genebra, Suíça, realizado de 25 de fevereiro a 22 de março de 2019. Segundo ele, o mundo atravessa “uma onda de xenofobia, racismo e intolerância”. E prossegue: “o ódio espalha-se nas democracias e nos sistemas autoritários”. Em lugar da preocupação com uma gestão sobre os fluxos migratórios, “temos visto como o debate sobre a mobilidade humana, por exemplo, foi envenenado com falsas interpretações, que misturam refugiados e migrantes com o terrorismo, transformando-os em bodes expiatórios para os males da sociedade”. Daí sua conclusão de que torna-se necessária “uma estratégia geral para combater o incitamento ao ódio”.

Não devemos esquecer, porém, outra situação preocupante, segundo a qual “o dado perturbador é que a maioria acachapante dos desterrados e refugiados que a ONU contou em 2016 fugiu não da violência e conflitos como geralmente se supõe, mas de eventos catastróficos relacionados ao clima. Secas, inundações, temperaturas escorchantes e



suas consequências, como a perda de lavouras e das condições de vida de muitos dos que dependem da produção agrícola de subsistência” (DE BOLLE, Monica, in Revista Época, Ed. Globo, 22/04/2019).

Esquizofrenia na governabilidade das migrações

Uma estranha esquisofrenia (que rima com hipocrisia) vem se tornando marca registrada na gestão dos fluxos migratórios em todo o mundo. Frente à mobilidade humana, assiste-se a uma real mudança de paradigma. Nos chamados “anos de ouro do capital”, que assinalam o pós-guerra entre 1945 e 1970, o imigrante constituía uma espécie de “hóspede trabalhador”. Era bem-vindo para economias em franca expansão. Hoje em dia, após a crise desencadeada no início da década de 1970, o estrangeiro que tenta trabalhar no velho continente sofre uma rejeição generalizada. Respeitando as diferenças, o mesmo vale para os fluxos migratórios que pressionam a fronteira entre México, de um lado, e Estados Unidos e Canadá, de outro.

Por falar nisso, duas observações merecem destaque. A primeira refere-se justamente ao duro golpe da separação dos menores em relação a seus pais e familiares, no processo de triagem/expatriação da política de tolerância zero do governo Donald Trump, nos Estados Unidos. Ficamos sem palavras diante de semelhante violação dos direitos humanos, bem como de violência física, emocional e psíquica para com as crianças. Como fica a convivência no interior da família, *conditio sine qua non* para uma autêntica saúde mental? As imagens de meninos e meninas “enjaulados” na fronteira mais parecem cenas sepultadas e esquecidas das grandes guerras mundiais e que, por uma crueldade do destino, se levantam para acusar a indiferença mundial.

A segunda observação vem do outro lado do Atlântico e tem a ver com a saga do navio *Aquarius*, da organização não-governamental *SOS Méditerranée*. Por mais de uma semana a embarcação errou pelas águas do Mediterrâneo entre Malta, Itália e Espanha, à espera de um porto onde desembarcar os 629 imigrantes resgatados nas costas da Líbia. O caso do “navio à deriva” vem mexendo com a política migratória de toda a União Europeia (UE). Semanas depois, foi a vez da nave *Lifeline*, com 240 pessoas a bordo, também com destino incerto. Com o endurecimento do novo governo italiano, por parte de seu Ministro do Interior, Matteo Salvini (representante da *Lega*, partido de direita), seguindo outros governos da região, o número de imigrantes



que desembarcaram na Itália caiu em 82% desde janeiro de 2018. Em contrapartida, no mesmo período, o desembarque de imigrantes na Espanha mais que dobrou, e subiu 40% na Grécia.

Enquanto isso, uma vez mais, os líderes da União Europeia (UE), no encontro de cúpula em 24/06/2018, tentaram, sem muito resultado, um acordo para resolver o que chamam de “crise migratória”. A matemática parecia simples: como distribuir os imigrantes de acordo com a população de cada membro da UE? Mas, como afirma um alto dirigente de Bruxelas, a matemática não funciona no campo da mobilidade humana. De fato, qual o país que aceitará hospedar centros de identificação, triagem e distribuição dos recém-chegados? Contra os migrantes, prevalece o medo, a ameaça e a ideologia da segurança nacional. Tudo indica que a discussão haverá de prolongar-se tanto quanto o êxodo de imigrantes que, a partir do Médio Oriente e das mais distintas regiões da África, tentam um futuro mais promissor na Europa.

Mas a saga do *Aquarius* e do *Lifeline*, infelizmente, não foram as únicas. Outras se repetiram com novas embarcações. A tal ponto que a União Europeia (UE) acabou por estabelecer um acordo primeiro com a Turquia e depois com a Líbia, por onde passam respectivamente a rota balcânica e a rota mediterrânea. Segundo o acordo, esses dois países devem conter o fluxo de migrantes em troca de investimentos dos países europeus. De imediato emergiram duas consequências negativas. Em primeiro lugar, os migrantes foram deslocados para “campos de refugiados” no interior dos dois países de passagem, em condições humanas extremamente precárias. Depois, os investimentos europeus, em lugar de melhorar a situação de vida nos países de origem da migração, servem às políticas agressivas de governos autoritários. Tudo isso aumenta, simultaneamente, a pobreza, os conflitos armados e a fuga em massa.

Semelhantes políticas migratórias (ou a falta delas), como se pode notar, traçam um retrato bastante fiel da atitude do novo nacionalismo populista, de extrema direita, que hoje varre uma série de países. Estes vão desde os Estados Unidos e Hungria, até as Filipinas e a Áustria, passando pelo Brasil e a Itália. O discurso negativo sobre a mobilidade humana, como já assinalamos, costuma ser orquestrado desde o processo da campanha eleitoral. Depois, já na direção do governo, os novos estadistas (para não falar de ditadores) aplicam uma receita que se repete com espantosa frequência: fechamento das fronteiras com os demais países vizinhos, não faltando os muros com arame farpado ou



controle de militares; diminuição ou extinção do número de concessões para os requerentes de asilo, de modo particular os que provêm de determinados países considerados “suspeitos”; cortes substanciais no orçamento público para a acolhida, assistência e inserção de novos imigrantes; incentivo direto ou indireto à discriminação e ao preconceito para com o “outro, diferente, estrangeiro”.

Em território latino-americano e nos confins com o Brasil, assiste-se à diáspora venezuelana, com quase 3,5 milhões de pessoas em fuga. Numericamente, trata-se da segunda maior do mundo, perdendo apenas para os sírios que se encontram fora do próprio país. Os dois casos, de resto, ilustram bem as causas, implicações e consequências da migração. Por uma parte, um povo empobrecido numa terra rica: sem alimento, sem remédios e sem os serviços mínimos de saúde, educação, segurança. Vê-se, por isso, obrigado a remexer nas latas de lixo para matar a fome. População abandonada e sem as mínimas condições de permanecer na própria terra natal. Como única solução, resta por-se em marcha, na tentativa de encontrar um refúgio onde recomeçar a vida, seja na Colômbia ou no Brasil, seja na Argentina, Chile, Panamá...

De outra parte, um povo há anos bombardeado pelo que existe de mais sofisticado e mortífero na indústria bélica, refém do fogo cruzado entre governo e rebeldes, mas refém sobretudo das potências internacionais, bem como da produção em massa de armamentos cada vez mais pesados e letais. Em fuga, sai à estrada para poupar a si e à família o horror da guerra e de tantas formas de violência. Guerra e violência que se reproduzem no coração de vários países africanos, asiáticos e de outras regiões do planeta.

Em ambas as diásporas, imperam a cobiça, a tirania e a força de um punhado de famílias e/ou corporações ricas e poderosas, teimosamente entrincheiradas no poder. Revestidas pela ideologia, seja ela de caráter político ou religioso, não hesitam em sacrificar grande parte da população para garantir os próprios privilégios e o status quo. Tais tipos de desgoverno, evidentemente, nutrem a onda de intolerância que se alastra pela face da terra. Numerosos emigrantes, de onde saíram jamais poderão retornar, sob pena de perseguição, prisão ou morte; os imigrantes, por sua vez, onde chegam não podem se estabelecer, sob pena das hostilidades e da crescente rejeição. O planeta Terra, que deveria ser “nossa casa comum” – como nos lembra a Carta Encíclica *Laudato Si'*, publicada em maio de 2015 pelo Papa Francisco – nega uma justa cidadania a essa multidão errante, sem raiz, sem pátria e sem destino.



Desafio para a missão: o que fazer?

51

CONVERGÊNCIA – Ano LIV – Nº 525 – Outubro 2019

Eis a pergunta incomoda e inevitável: o que fazer? Pergunta que se ergue contemporaneamente para os governos, para os organismos internacionais, para as instituições da sociedade civil e para as diversas instâncias da Igreja. Como “combater o incitamento ao ódio”, para voltar às palavras de António Guterres? Um fantasma ronda este tempo de contrastes assustadores. Ao mesmo tempo que avança a passos largos a revolução dos transportes, das comunicações e da informática, o ser humano tropeça com a dificuldades de ver respeitado o direito de ir e vir. E com igual dificuldade, tropeça também com o direito correspondente de permanecer com dignidade na terra em que nasceu, e em que enterrou seus antepassados. Ao mesmo tempo que o mundo se torna uma “aldeia global” com formas de acesso cada vez mais numerosos e velozes, os migrantes são barrados nas fronteiras, selecionados, a maioria rejeitados como trabalhadores indesejados, ou como braços descartáveis. A miséria e a violência, a fuga e a teimosia os levam até as portas de um futuro possível. Mas ali, às vezes a um só passo da meta, veem seus sonhos improvisamente interrompidos. Restam-lhes a fé e a esperança, mas também estas podem esmorecer diante de tantos obstáculos e tamanhas contradições.

A pergunta sobre “o que fazer” pode ser desdobrada: que autores e que ações se destacam no campo da mobilidade humana? O desafio é desvendar o real *protagonismo* de cada instituição pública, privada ou religiosa. Entendemos neste parágrafo verificar o empenho por soluções concretas, seja em nível dos governos nacionais e dos organismos internacionais, seja em nível de movimentos, igrejas, entidades, organizações não governamentais (ONGs), associações e outras forças sociais. De início, é evidente que cada grupo de ação pode e deve ser aperfeiçoado no desenrolar do trabalho. “O mundo anda depressa e nós não podemos parar”, nos alertava o Bem-aventurado J. B. Scalabrini, pai a apóstolo dos migrantes.

Antes de prosseguir, convém buscar uma luz no Evangelho: “Jesus percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas e pregando a Boa Nova do Reino, enquanto curava toda sorte de doenças e enfermidades. Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9, 35–36). Estamos diante de um resumo que o evangelista faz das atividades de Jesus. Não





precisamos de muita imaginação para identificar, nos dias atuais, quem são as “multidões cansadas e abatidas”, que percorrem as estradas da diáspora. Que faz o Mestre? O verbo *percorrer* é sintomático e ilustrador. De igual modo que no Antigo Testamento, Deus caminha com seu povo pelas vias do êxodo, do deserto e do exílio. Como traduzir para o momento atual o verbo *percorrer*? Vejamos de perto alguns desafios.

A Legislação diante dos Estrangeiros

Duas lacunas, ligadas ao poder público, carecem de especial atenção: a organização pela mudança da Lei dos Estrangeiros e a pressão por políticas públicas voltadas para os migrantes. No caso da Lei dos Estrangeiros, não precisamos começar do zero. Uma série de atividades, manifestações e mobilizações já estão em marcha. O fato que requer maior atenção são as mudanças no contexto político e econômico, com a eleição do novo governo. A tarefa pode ser árdua, uma vez que se trata de um governo que se declara conservador, ligado ao nacionalismo populista e aliando de Donald Trump. Se, por um lado, o Brasil não tem a mesma quantidade de imigrantes dos Estados Unidos, por outro, as orientações de ambos os mandatários eleitos parecem estreitamente ligadas entre si.

Como vimos anteriormente, nos tempos atuais vem crescendo popularidade dos grupos, partidos e governos de direita ou extrema direita. Alguns exemplos recentes: Áustria, Hungria, Suécia, Dinamarca, Itália, Alemanha, França, Itália, Estados Unidos... Infelizmente, o Brasil também se inclui nesse clube. A ascendência dessa visão marcadamente conservadora tem privilegiado a construção de muros, uns visíveis, outros invisíveis. Na contramão do Papa Francisco, que insiste no discurso de abater muros e erguer pontes – esses países se apresentam claramente contra a migração. Numa palavra, o cenário internacional é desfavorável a todo tipo de migração. Isso não quer dizer que os migrantes vão se amedrontar. Ao contrário, estando em aumento a pobreza e a violência, a fuga tende a ampliar-se. Mas as barreiras e adversidades crescem a cada viagem. A fé e a esperança os mantém em marcha, mas o horizonte é cada vez mais incerto. Convém não esquecer, por outro lado, que desde os atentados de 2001 em New York, o terrorismo só faz duplicar o número de pessoas em fuga. Na mídia e na população das ruas, aliás, não é raro identificar os migrantes com os terroristas. Daí que, em alguns países, o simples ato de migrar ou de acolher um migrante vem sendo considerado crime, e punido como tal.



Os entraves às políticas públicas

Desse cenário decorre o segundo aspecto: o empenho para exigir políticas públicas favoráveis aos migrantes. A CNBB, como bem sabemos, dedicou a Campanha da Fraternidade de 2019 (CF/2019) justamente a essa questão. Segundo o texto base da CF/2019, as políticas públicas no Brasil sofrem de uma precariedade crônica e histórica. Aliás, confundem-se com frequência a expressão *políticas públicas* com aquilo que elas não são, isto é, *políticas compensatórias*. Estas últimas costumam ser emergenciais, provisórias e com tempo determinado para começar e terminar. Já as políticas públicas propriamente ditas são estáveis, sólidas e podem se prolongar por anos. No Brasil, facilmente, o provisório assume o caráter de definitivo.

No livro *Casa Grande & Senzala*, o sociólogo Gilberto Freire afirma que, a Casa Grande tem privilégios, ao passo que a Senzala deve contentar-se com favores. O problema é que, enquanto os privilégios são intocáveis, os favores dependem do humor do chefe de plantão. São instáveis e ilusórios, como as promessas de campanha. Cada vez que os moradores da Senzala tentaram converter os favores em direitos, se viram às voltas com o tronco, o chicote, a polícia ou até mesmo o exército. Prova disso foi a organização dos quilombos ou as revoltas do contestado, de canudos, dos cabanos e de quebra-quilos. Mas também a criminalização dos movimentos e organizações sociais, atualmente, explica-se através dessa chave histórica.

Pior é que o esquema se repete. Fortes entraves impedem verdadeiras *políticas públicas*. Em lugar disso, as *políticas compensatórias* são a continuidade histórica dos favores. Como eles, sofrem de instabilidade e desilusão, podendo ser suspensos a qualquer momento pelo governo eleito, apesar de suas promessas em contrário. Também as reformas que estão sendo propostas – como a da previdência, trabalhista, e outras – podem trazer escondida uma armadilha. Com a crise prolongada da economia capitalista, as empresas procuram uma forma de diminuir os prejuízos e manter o nível de lucros. Em cumplicidade com o governo, tentam reconverter os direitos adquiridos em formas de mercadoria. Ora, toda a mercadoria entra no mercado para ser comprada e vendida, e tem que ser paga. Assim, o ônus da crise recai sobre os ombros dos trabalhadores, que devem assumir os custos da própria saúde, da previdência, do transporte, da educação, e assim por diante.

O objetivo das políticas públicas consiste em aplicar o orçamento da união, dos estados e dos municípios, fruto de impostos e taxas, em função das necessidades básicas da população, levando em conta de modo



particular os estratos onde a renda familiar é mais baixa. O problema é que no contexto da globalização, os estados nacionais e seus governos têm pouca margem de manobra. O mercado total, direta ou indiretamente, torna-se o senhor absoluto. Com frequência as autoridades governamentais tornam-se reféns, cúmplices e até capatazes do poder dos grandes conglomerados internacionais. Com isso, se inibem as políticas públicas em favor da população, ao mesmo tempo que cresce a política de salvação aos bancos e aos colossos empresariais, sob o pretexto que tais gigantes não podem abrir bancarrota. Para salvar o sistema, salvam-se aqueles que, de uma forma ou de outra, são responsáveis pela crise.

A questão das políticas públicas vem à tona com uma nota sombria: a extrema dificuldade de implementá-las. “A primazia do trabalho sobre o capital” – princípio fundamental da DSI – vira letra morta. Lucros, ganhos elevados e acumulação do patrimônio são os motores que ditam as leis e submetem os povos. Ao trabalhador cabe a parte de pagar a conta. E aqui não podemos nos dar ao luxo de manter ilusões: quando o trabalhador paga a conta, os primeiros a serem atingidos são os estrangeiros, particularmente os indocumentados e mais vulneráveis. Nota-se isso atualmente tanto nos Estados Unidos quanto nos países da Europa. O mesmo ocorre nos desastres e catástrofes ambientais (inundações, tsunamis, estiagem, furacões, terremotos): prejudicam normalmente os mais pobres, os quais, em grande parte, tornam-se candidatos à fuga e à emigração, com a única certeza que lhes esperam fronteiras fechadas.

O Pacto Global para a Migração

Em nível internacional, no ano de 2018, mais de cem nações resolveram adotar o *Global Compact for Migration* (Pacto Global sobre os refugiados e o Pacto Global por uma migração segura, regular e ordenada). Está em jogo o que se convenceu chamar de “governança” frente ao fenômeno da “crise humanitária” no campo da mobilidade humana. Numerosas instituições e organizações não governamentais, incluindo a Igreja Católica, deram o seu contributo para a construção conjunta desse amplo acordo. Nele trabalharam ativamente uma série de entidades ligadas ao campo da mobilidade humana. O pacto contempla 23 objetivos que visam maior segurança para quem, por diferentes motivações, se lança às estradas do êxodo. Os quatro verbos que complementam a visão do Papa Francisco – acolher, proteger, promover e integrar – de alguma forma imprimem um selo de confiança a esse empenho internacional.



Nos desafios da missão, qualquer iniciativa deve ter em conta os itens desse Pacto Global, seja no sentido de seguir suas orientações, seja no sentido de aprimorá-las. De outro lado, não podem esquecer as implicações locais da migração, tanto na origem quanto no trânsito e no destino. A esperança é que Institutos religiosos, Congregações, associações de leigos, movimentos populares, organizações de base e pastorais sociais, em geral, tomem conhecimento desse esforço abrangente e, ao mesmo tempo, tentem fazer convergir as ações globais com as inquietações e problemas regionais e locais dos migrantes.

De outro lado, numerosos estudiosos retêm que, além da pobreza, da violência e da guerra, motivações de ordem afetiva e emocional pesam nas decisões dos migrantes. Fatores objetivamente macroeconômicos e razões de natureza local, familiar, de parentesco ou tribal se mesclam e se entrelaçam na hora da saída e da chegada. Dispersão e reagrupamento familiar, histórias de amor e amizade, convergência quanto ao destino em direção aos lugares onde se localizam antigos conhecidos – são algumas das implicações das chamadas motivações subjetivas da migração. Neste quadro, o desafio maior é valorizar e promover o protagonismo dos migrantes, em particular no processo penoso e tortuoso de reinserção na sociedade de chegada.

Conclusão

Se é verdade que o contexto socioeconômico e político-cultural constringe muita gente a uma mobilidade compulsória, também é certo que, no interior mesmo desse deslocamento forçado, o migrante e sua família sempre encontram espaço para tomar parte da direção de seus destinos. Por menor que seja tal margem de manobra, ela costuma fazer de cada forasteiro um sujeito atento e sagaz, o qual tende a aproveitar das oportunidades que lhe caem nas mãos. Por vezes, a migração degrada e embrutece, jogando os envolvidos numa queda livre para o fundo do poço, sem dúvida, mas também aponta veredas e potencialidades insuspeitadas. O labirinto tortuoso de semelhante vaivém oferece surpresas que podem conduzir a uma tomada de decisão. É aí que a teimosia do migrante, a companhia dos conhecidos, a presença da família ou as organizações populares podem significar a criação de um trampolim para o alto. A travessia é sempre árdua, sinuosa, repleta de barreiras e adversidades de todo tipo. Por isso mesmo, riscos e potencialidades andam de braços dados, caminham lado a



lado. A solidão, o fracasso e o retorno costumam ser os maiores preços a pagar, mas eles podem ser aliviados, ou até mesmo exorcizados, pela solidariedade das redes de parentesco ou de acolhida.

Migração significa um processo de queda ou passo para um futuro melhor? A resposta depende de uma série de características e combinações, juntamente com muita criatividade. O primeiro passo, porém, está subordinado a uma análise séria e meticulosa, simples e ao mesmo tempo profunda, prática e ao mesmo tempo teórica, real e ao mesmo tempo positiva. Somente um diagnóstico correto pode levar a um remédio salutar. Uma visão geral, que inclui a fotografia, o mapa e a radiografia das migrações, indica um horizonte possível de respostas e soluções viáveis. O migrante então caminha guiado por um farol e na direção de um porto seguro. Um exame correto, e corretamente conduzido, é a única via para um medicamento adequado.

Questões para debate:

1. Como identificar nos dias de hoje os rostos dos migrantes mais vulneráveis?
2. O que explica as políticas anti-migratórias que se repetem em diversos governos?
3. Que tipo de ação podemos incrementar ou fortalecer em favor dos migrantes?



A MULHER E A VIOLÊNCIA (FEMINICÍDIO)

COMO A REDE UM GRITO PELA VIDA ESTÁ ENVOLVIDA COM A QUESTÃO?

IRMÃ VALMÍ BOHN, IDP¹

IRMÃ CELESTINA VELOSO FREITAS, OP²

Mulher e violências: um pouco da realidade

Para iniciar nossa conversa sobre a mulher e as violências sofridas por elas, e como a Rede Um Grito pela Vida responde a esse clamor, uma vez que o tráfico de pessoas é uma realidade complexa e uma prática ilícita de violação de direitos, presente na realidade mundial contemporânea, podemos nos perguntar: Quem é a mulher nos dias

- 1 Ir. Valmí Bohn – Religiosa das Irmãs da Divina Providência. Licenciatura de Ciências Religiosas – PUC/RS; Licenciatura plena em Pedagogia Infantil, pela UNISC de Santa Cruz do Sul/RS (1997). Curso de Escola de Formadores da Região Amazônica (EFRA/AJURI na primeira turma (2005) – Universidade Católica do Paraná. Especialização Pós-Graduação Latu Sensu em Formação para Vida Religiosa pela ESTEF – Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 2013. Integrante da Rede Um Grito Pela Vida desde 2014 e atualmente Coordenadora Nacional da Rede Um Grito pela Vida. Endereço: Rua Cleusa Coelho, 04 – Bairro Zumbi dos Palmares II, Manaus/AM. Email: valmiidp@yahoo.com.br
- 2 Ir. Celestina Veloso Freitas (Ir Tina) Religiosa – Dominicana da Anunciata. Estudou Teologia no Ista-BH Instituto São Tomás de Aquino. De 2010 a 2013 foi a Promotora de JPIC da Confederação das Congregações Dominicanas da AL e Caribe – CODALC, acompanhando um projeto de missão no Haiti. No período 2013 a 2017. Foi a Promotora Internacional de Justiça e Paz de uma organização das 147 Congregações Dominicanas – DSI e Vice Coordenadora da Comissão Internacional Justiça e Paz da Ordem Dominicana. No período 2015 a 2017 foi Membro da Comissão JPIC da UISG/USG. Em 2018 retornou ao Brasil e mora na Vila Verde – Transacreana, AC90 Acre, é assistente social e membro da Coordenação Nacional da Rede um Grito pela Vida. Email: tinavelfre@gmail.com.





de hoje? Como ela é vista pela família (pais, marido, filhos, ...), pela sociedade atual? Que violências ela sofre nestes ambientes no seu dia a dia? Não irei fazer aqui uma exposição científica, mas uma simples reflexão com um olhar voltado mais para a nossa sociedade, as necessidades das mulheres e sua postura como protagonistas de sua história e a violência a que elas estão submetidas.

Para situar melhor: a Rede Um Grito pela Vida é uma Rede que surgiu a partir da Assembleia da UISG – União Internacional das Superiores Gerais – em 2006, e por iniciativa da VRC, por meio da CRB (Conferência dos Religiosos e Religiosas do Brasil), assumiu o trabalho de prevenção ao Tráfico Humano, em especial de mulheres e crianças. Em 2007, a Rede no Brasil iniciou suas atividades a partir da reunião de um grupo de religiosas/os que se encontraram para concretizar a proposta da UISG. Em 2009 nascia assim a Rede Talitha Kum vinculada à UISG, que este ano celebra seus 10 anos de atividades, atuando em 75 países. No Brasil, a Rede um Grito pela Vida celebra este ano 12 anos de atuação e dedicação da VRC e de leigas/os, na prevenção, sensibilização, conscientização e formação sobre a grande problemática da violência, abuso e exploração sexual e do que consideramos ser a escravidão do século XXI – o tráfico de pessoas.

Para compreender o que é o Tráfico Humano, devemos ter presente a definição do Protocolo de Palermo Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas – 2000: “Recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recebimento de pessoas, por meio de ameaça ou uso da força ou outras formas de coerção, de rapto, de fraude, de engano, do abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade ou de dar ou receber pagamentos ou benefícios para obter o consentimento para uma pessoa ter controle sobre outra pessoa, para o propósito de exploração”.

Portanto, não podemos falar somente do tráfico de mulheres e crianças, com seu número elevadíssimo de vítimas, sem falar nas várias modalidades do Tráfico humano, sobretudo do abuso e da exploração sexual de crianças e adolescentes e das inúmeras violências que as mulheres sofrem nos mais diversos espaços onde se encontra em nossa sociedade, incluindo o feminicídio. Este, muitas vezes, é consequência, ou o ponto final dessa corda que vai arrastando muitas violências e ameaças sofridas pela mulher. É o ponto final de um sofrimento imposto por seu agressor que trafica, que abusa, que explora, que vende a mulher por ser mulher e por considerá-la sua propriedade.



O grave crime do tráfico humano e suas modalidades são como um polvo que, com seus tentáculos, vai aprisionando sua presa/vítima e tirando todas as suas forças de luta pela sua liberdade. Vai diminuindo cada vez mais a expectativa de vida, vai sugando seus sonhos de uma vida melhor, de perspectiva de sucesso, vai diminuindo cada vez mais o espaço de movimentação de sua presa até ela perder todas as suas forças e se entregar ao cansaço, desânimo, frustração de tentativas de fuga, de busca por dias melhores, e muitas vezes, encurtando seus horizontes, se rende à morte, sendo obrigada a usar drogas ou o próprio suicídio como antídoto para amenizar sua dor e suas perdas. Ou, ainda, quando reage e protesta contra sua situação degradante, como tentativa de se reerguer, é friamente eliminada, assassinada.

Sabemos que as mulheres são o principal alvo do tráfico, seja em nível nacional, seja em internacional. Segundo os dados da ONU – Organizações das Nações Unidas – estima-se que, só na Europa, 500 mil mulheres são traficadas a cada ano, e as brasileiras engrossam as estatísticas e somam em média 75 mil, o equivalente a 15% das vítimas, em sua totalidade.

A pobreza econômica e falta de oportunidades são apontadas pela Organização Internacional para a Migração (OIM) como fatores que favorecem a expansão do tráfico de seres humanos no mundo. O tráfico mundial de pessoas, que inclui, em sua maioria, crianças e adolescentes, é um crime que movimenta milhões de dólares por ano, estima-se trinta e seis milhões de lucro, sendo classificado como a segunda ou terceira “empresa” mais lucrativa na economia mundial, concorrendo com a venda de armas e o tráfico de drogas. Neste mercado criminoso, o ser humano é reduzido e considerado uma simples mercadoria. Precisamos nos empenhar mais ainda para que essa prática criminosa não venha a ser a primeira no mercado mundial.

Outro dado alarmante que nos provoca indignação é que, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a cada ano cerca de um milhão de crianças são exploradas sexualmente no mundo, seja pelo abuso, pela exploração sexual, pela pornografia infantil, ou vítimas do tráfico, o que comprova a existência de uma “indústria” do tráfico.

O tráfico de mulheres não é um fenômeno novo. É uma prática bem antiga, que remonta aos primórdios da sociedade colonial até os dias atuais. O Brasil é o maior ‘exportador’ de mulheres do continente latino-americano. Envolvidas pela fala atrativa dos aliciadores, que lhes fazem



falsas promessas de melhoria na qualidade de vida, alta remuneração pelo trabalho, casamento no exterior, e uma rápida ascensão econômica com possibilidade de ajudar a família economicamente, meninas e mulheres embarcam numa viagem de terror, são enganadas e não conseguem mais se desvencilhar dessa armadilha de exploração, passando por situações que as levam a experimentar o submundo da perversidade, a violação do mais sagrado que é a sua dignidade como pessoa e mulher.

Em nossa realidade temos presente o grande aumento de feminicídios em nosso país. Estes geralmente acontecem na calada da noite, no silêncio da casa ou do quarto, como consequência de um amor que se tornou agressão e terror. Os motivos dos feminicídios acontecem por ódio pelas mulheres serem o que são: simplesmente por quererem ser elas mesmas em busca de sua liberdade e autonomia. O feminicídio representa a culminância de um processo de ameaças, agressões e intimidações, no qual a vítima é abusada por ser considerada mais frágil, com menos força física, com maior vulnerabilidade sendo coagida, subjugada, violada até o assassinato. Muitas mulheres que são vítimas do Tráfico Humano acabam sendo, também, vítimas do feminicídio como ‘eliminação’ de quem, conforme os aliciadores, têm informações e sabem demais.

A Teóloga Maria Clara Lucchetti Bingemer, em um de seus artigos, fala da complexidade que é o feminicídio, justamente porque nele as fronteiras são movediças e dificilmente definidas. “O amor e o ódio convivem na mesma pessoa, a vítima e o algoz têm relação de proximidade e mesmo de intimidade. São companheiros, namorados, amantes até que o ódio e a violência tomem a frente da cena e a morte ocupe o lugar da vida”.

Afirma também que “o feminicídio acontece em geral em casa, no espaço onde o assassino e a vítima vivem relações familiares e íntimas. A violência é despertada pelo ciúme, ou pela recusa da mulher em levar avanti a relação. E o lar, a casa, passam a ser palco de terror e agressões letais dirigidas contra as mulheres, porque se rebelam ou não se acomodam na condição subordinada na qual séculos de machismo as instalaram”.

Frente a esses dados podemos nos questionar: quem é a mulher nos dias de hoje? Pelo contato e trabalho diário com inúmeras mulheres em seus ambientes de trabalho, encontros, lazer, formação, oração, e outros espaços, posso afirmar que a mulher é um SER especial, que na minha concepção traz em seu jeito de ser um traço do amor e da bondade de Deus, é forte, resiliente, capaz de carregar no seu ventre os novos seres humanos, íntegra, criativa, com capacidade de inúmeras ações e



atividades ao mesmo tempo, é um ser polifacético. Um ser carinhoso, cheio de afeto e amor para com os filhos, que se desdobra e se doa de forma integral para proteger a criação e sua “cria”, aqueles que ela gerou ou aqueles que foram gerados no coração. É a mulher que, com seu jeito, sempre dá um ‘jeitinho’ para proteger, amar (apesar de tudo); cultiva sua dimensão espiritual, é silenciosa, porém forte, decidida, que busca seu espaço e seus direitos onde está, na sociedade e no mundo. É guerreira, perspicaz, atenta, cuidadosa, conselheira, cuidadora, ... e outros inúmeros atributos que podemos somar a tudo isso. Ela sempre é única.

É também um SER que sofre inúmeras violências: físicas, emocionais, espirituais, psicológicas, e tudo que a torna vulnerável, tirando-lhe as forças, a coragem, a vontade de viver e lutar pelo que acredita ser o certo, e que a leva, muitas vezes, ao desânimo, à depressão, a desistir da vida e de tudo que ela sonhou e acreditou. A violência que a faz sofrer no silêncio e no esconderijo de sua casa, levam-na a justificar as violências que sofre dentro de casa com as pessoas que dizem amá-la. Essa violência podemos chamar de agressão física, exploração doméstica, estupro, abuso sexual, feminicídio, ou tantos outros nomes que poderíamos citar. É importante mostrar que essas agressões não dizem respeito ao desejo sexual e sim à “vontade ou necessidade” da dominação, imposta pela sociedade, de uma hierarquia que classifica os homens superiores às mulheres. Por isso podemos dizer que, na maioria das vezes, o feminicídio tem a ver com sexualidade.

A assistente social e professora doutora em serviço social pela Universidade do Rio de Janeiro – UFRJ, Isabel Solyszko, deixa claro que

homens não nascem violentos, mas que são ensinados a serem violentos; se entendo que homens não são animais loucos por sexo, mas são estimulados desde criança a não reprimirem a sua sexualidade; ...na sociedade patriarcal como a que vivemos homens são mais valorizados do que as mulheres; e tudo o que é masculino é visto como direito universal, e tudo que é feminino é desvalorizado, entendo que a violência contra a mulher é um fenômeno social.

Essa fala deixa claro que em nossas famílias existe uma grande diferença na educação de meninos e meninas. Situações em que menino pode e menina não pode, pelo simples fato de ser menina/mulher. Para inverter essa situação, vê-se urgente uma mudança na educação dos filhos, priorizando o respeito e a valorização de cada um, independentemente do sexo, pois respeitar a vida das pessoas implica priorizar o seu princípio existencial – uma vida em liberdade e sem amarras de qualquer vínculo que a torne sinal de morte.



Conforme publicação da ONU, em artigo de 26/11/2018, seis mulheres são vítimas do feminicídio a cada hora no mundo. Mais da metade das mulheres assassinadas no mundo em 2017 foram mortas pelo companheiro, familiares ou alguém que elas conhecem, o que faz da própria casa “o lugar mais perigoso do mundo para uma mulher”, indica um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU).

Esse índice é assustador, que nos deve inquietar e questionar. A ONU acrescentou que, como todos os esforços e “apesar das legislações e de programas desenvolvidos para erradicar a violência contra as mulheres” para combater esse crime, pouco progresso foi conseguido nos últimos anos. Em seu relatório “sublinha a necessidade de uma prevenção da criminalidade e de uma justiça penal mais eficazes para enfrentar a violência contra as mulheres”.

A Rede Um Grito pela Vida: uma resposta da VRC do Brasil

Diante dos desafios acima apresentados, podemos dizer que a Vida Religiosa Consagrada, sensível e à escuta dos sinais dos tempos, tem-se colocado como Discípula – Missionária, seguindo as pegadas do Mestre, Jesus de Nazaré, assumindo com seu grito profético esse clamor da humanidade, considerado a escravidão do século XXI. Reconhecendo a importância e a necessidade de dizer ao mundo que Jesus quer “Vida abundante para todos” (Jo,10,10) e que é para a liberdade que fomos criados, as congregações disponibilizam alguns de seus membros para assumir e realizar a missão abraçando essa causa em defesa da vida e da dignidade das crianças e mulheres vítimas do abuso, exploração sexual e do tráfico humano. Sonhamos com a erradicação dessa chaga do tráfico de pessoas, os resultados que vão surgindo animam nossa esperança, pois cada novo Núcleo que nasce nos revela que outras pessoas (religiosas em sua maioria, leigas e alguns religiosos) estão assumindo sua postura profética para que não haja mais vítimas inocentes.

Podemos dizer que o caminhar da Rede um Grito pela Vida está marcado por dois momentos: Antes da Campanha da Fraternidade, em 2014, sobre o tráfico humano, e o depois, com todo o trabalho realizado nos 31 Núcleos em 24 Estados do Brasil. Essa Campanha deu maior visibilidade e nos impulsionou a capacitar-nos para lutar contra o tráfico humano, promovendo os direitos humanos e defendendo





a vida, através das atividades que realizamos. Sabemos que o tráfico de pessoas, sobretudo de mulheres e crianças, que são as vítimas em potencial deste ilícito negócio, é hoje um apelativo histórico para a Vida Religiosa Consagrada, para a sociedade, para a Igreja e para os homens e mulheres de boa vontade que, vivendo sua vocação de leigas/os, se integram em nossa Rede, cuja missão é prevenir, cuidar, proteger, defender, denunciar e acompanhar as vítimas e suas famílias.

Diante dessa realidade, a Rede Um Grito pela Vida nos desafia e requer esforços contínuos para combater essa prática desumana e criminosa; por outro lado, nos possibilita e nos provoca a ampliar alianças Intercongregacionais em prol da vida ameaçada e ferida, das pessoas traficadas e violentadas em seus direitos, nos possibilita ensaiar passos de encarnação em novos espaços sociais, políticos e teológicos. Nossas atividades acontecem através da prevenção, da orientação, da conscientização, da sensibilização pelo respeito pela vida e pelo corpo da outra pessoa. É acolher as vítimas de violências, encaminhá-las, e acompanhá-las em sua trajetória de reconstrução de vida digna.

O papa Francisco, no recente Documento sobre as Orientações Pastorais sobre o Tráfico de pessoas, no nº 2, nos faz refletir, a partir da pergunta de uma jovem mulher que questiona:

Como poderemos ajudar estes jovens a não cair na cilada das ilusões e nas mãos dos traficantes? De como é horrível dar-se conta de que muitas das jovens vítimas foram primeiro abandonadas pelas suas famílias, consideradas como descarte pela sua sociedade! Depois, muitos foram induzidos ao tráfico pelos seus parentes e pelos chamados amigos.

Faz referência ao texto de Gn 37, 12-36 onde os irmãos mais velhos vendem o jovem José como escravo e que é levado para o Egito.

Precisamos estar convictas/os de que o tráfico de mulheres e crianças, com toda sua complexidade, se apresenta como um campo de atuação missionária, um desafio, um clamor, que nos toca profundamente e convoca a todas e todos a estar de maneira estratégica do lado das pessoas mais vulneráveis e indefesas, com uma práxis libertadora ao modo de Jesus de Nazaré. Trabalhar neste campo não deveria ser uma simples opção, mas uma necessidade que o Evangelho nos impõe como condição de fidelidade ao Projeto do Reino. Trabalhando na prevenção que consideramos ser o melhor caminho, e desde esse enfoque, acreditamos que podemos prevenir e/ou impedir o tráfico de pessoas, o feminicídio, e reduzir a violência contra as mulheres. A prevenção ainda é o melhor caminho.



O clamor das pessoas traficadas, especialmente o clamor das mulheres, adolescentes e crianças, se impõe hoje como um grito inerente e profético que faz parte da Vida Religiosa Consagrada. A crueldade deste crime exige uma decidida e inegociável ação solidária e profética. A presença, a dor e o grito das vítimas é sacramento da presença de Deus clamando por vida, dignidade e libertação. E no Seminário da Vida Consagrada em São Paulo, a Ir Maria Inês, Presidente da CRB Nacional, expressou nessas palavras o que significa a missão realizada pela Rede Um Grito pela vida: “É o Grito Profético da Vida Religiosa Consagrada em nossos dias”!

João Paulo II afirmou, em 1988, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici*, 5, que “o ser humano, quando não é visto e amado na sua dignidade de imagem viva de Deus (Gn 1,26), fica exposto às mais humilhantes e aberrantes formas de ‘instrumentalização’, que o tornam miseravelmente escravo do mais forte”. Fomos criados À imagem e semelhança de Deus, com amor e respeito pela vida da outra pessoa, e isso deveria gerar em nós o senso de responsabilidade pelo cuidado do outro ser.

Podemos dizer que a Rede, em suas atividades, concretiza essa compreensão do ser humano e é desde esse olhar que debruçamos sobre o cuidado das vítimas da escravidão moderna.

Missão e Desafios, Oportunidades para a Rede se Fortalecer na Caminhada

A Rede Um Grito pela Vida busca compreender a complexidade da sociedade globalizada e suas estruturas de opressão e exploração que condicionam a vida dos empobrecidos e mais vulneráveis, transformando-os em produtos de consumo e mercadorias. É necessário nos posicionarmos para compreender a tessitura e a complexidade do fenômeno das violências e das modalidades do tráfico em nossa sociedade, suas causas, seus mecanismos de articulação e seus atores.

Já temos um caminho feito e não podemos parar! É necessário apropriar-se de conhecimentos multiespecializados e dar aplicabilidade a eles. O grande desafio é criar estratégias para alcançar resultados; investir na busca coletiva e compartilhar a Missão; desde a intercongregacionalidade, animando pessoas a se sentirem integradas a essa Missão.



Outro desafio é consolidar e potencializar as parcerias com instituições religiosas e governamentais. É necessária uma ajuda recíproca entre a Vida Religiosa Consagrada para podermos ajudar as pessoas de maior vulnerabilidade diante do fenômeno do Feminicídio e do Tráfico humano.

Cada uma/um de nós é convidada/o a sentir e deixar pulsar com o coração do outro, dos vitimados, dos oprimidos, dos explorados; abrir a mente, o coração e estar dispostos a aprender, a envolver-se com a realidade sofrida das vítimas e de todos os escravizados de nossa história.

Texto Bíblico que ilumina e impulsiona nosso agir

O Feminicídio está presente na humanidade desde os tempos do Antigo Testamento. Como ponto de referência tenhamos presente o texto de Jz 19,1-30, que nos apresenta a situação do corpo da mulher usado como mercadoria, um corpo que foi estuprado, emudecido, usado como sinal para convocar as tribos de Israel para a guerra; uma guerra de vingança que não traz a mulher de volta à vida, mas a fez, como muitas outras, vítima da violência e da injustiça .

Para nos situarmos melhor, o texto apresenta a mulher infeliz com o marido e em momento de cólera e infidelidade deixa o marido, seu companheiro, e volta para casa de seu pai em Belém de Judá. Ele, por sua vez, sentindo sua falta, foi buscá-la ficando uns dias em Belém.

Ao lermos o texto é importante perceber que a mulher parece alguém qualquer, sem nome, sem identidade, usada como objeto de diferentes formas, sem respeito e sem dignidade. Nem o marido, nem seu pai se importam com ela. Precisa acompanhá-lo calada. Em toda narrativa do texto não se ouve sua voz, e nem a expressão de suas emoções e sentimentos; ninguém se comunica com ela. Por sua vez, o pai trata muito bem seu genro (Jz 19, 4 – 9), mas não é capaz de expressar uma mínima reação para defender a própria filha. Nem sequer se digna de perguntar se a filha quer voltar com o marido.

Essa é a triste realidade de muitas mulheres hoje que são consideradas moeda de troca na exploração sexual, no tráfico de drogas, nas diversas formas de violências chegando até ao assassinato. Assim como ela, hoje muitas mulheres são silenciadas por ameaças e pelas mais variadas formas de violência, de maneira muito perversa e covarde. Essas violências são



muitas vezes vistas como um fato natural que alguns tentam justificar como um elemento cultural. Porém, por trás do silêncio das muitas mulheres geralmente se esconde o medo, o pavor, o desespero, a falta de perspectiva e a desconfiança total, uma vez que seu corpo se tornou objeto de uso e abuso, como uma mercadoria que pode ser vendida muitas vezes. Com isso sente-se desprezada, não valorizada, e que pode levar à ‘morte’ emocional e, muitas vezes, morte física.

Depois de cinco dias, o genro pega seus pertences, seus jumentos, a mulher e o servo (Jz 19, 10). Ele fica na praça de Gabaá. Após um dia na praça, um velho, também estrangeiro/migrante, o recebe em sua casa. E é aí que começa mais um drama para a mulher. Como os dois homens da casa são ameaçados, o dono da casa oferece sua própria filha para aqueles que os ameaçavam, para deixá-los em paz, mas esses não se importaram. Queriam mesmo o hóspede, mas, para salvar sua “pele”, este pegou sua própria mulher/concubina/companheira e a entregou aos homens. O marido usa a companheira como troca, para proteger e salvar sua própria vida que está ameaçada. Ninguém a defende. Jz 19,25 “... eles a violentaram, abusaram dela a noite toda, até a madrugada...”. Ela foi abusada e estuprada a ponto de morrer na soleira da porta onde o homem estava hospedado, em consequência da violência, dos abusos e maus tratos sofridos. O marido sem perceber que ela já não vive, ainda lhe dá a ordem “Levante-se e vamos embora” (Jz 19, 28).

É assustador saber que isso acontece com milhares de mulheres e meninas que são vendidas, traficadas, abusadas e assassinadas, no mundo inteiro. Tudo pela ganância do poder e do ter mais e mais. Nos assusta mais ainda quando o homem parte e leva o corpo da mulher e, em vez de lhe dar um enterro digno, ele ... “chega em casa, pega uma faca, toma o cadáver da sua mulher, corta-o em doze pedaços e os manda para todos os territórios de Israel” (Jz 19,29). Aqui fica claro a atrocidade e maldade deste homem. Poderíamos nos perguntar: qual objetivo ele tinha quando foi buscá-la para trazê-la de volta a sua casa? É arrepiante como o texto descreve a frieza desses fatos e atos tão desumanos, indignos, sem um mínimo de respeito e compaixão.

Essa passagem do livro dos Juízes faz doer o coração, nos move as entranhas e nos provoca uma repugnância pela maldade e pela violência sofrida por esta e por milhões de mulheres. Ao meditar este texto nos leva a comungar com as vítimas que carregam no corpo as marcas da dor e do sofrimento por terem sido violentadas, estupradas, assassinadas por quem diz que as ama, ou que foi amado por elas.





Vivemos em um mundo vulnerável. O feminicídio, a violência, o estupro, a exploração sexual, o Tráfico de pessoas nos rodeiam todos os dias e pelos meios de comunicação podemos assistir diariamente cenas deste crime e, frente a alguns comentários, parece que essas violências, de certa forma, estão sendo consideradas como algo natural. Frente a tanta barbárie, podemos dizer que o projeto de vida proposto por Jesus não é assumido nesta sociedade tão injusta, que aprova leis para o livre uso de armas, onde as pessoas se tornam mercadorias, tendo para com as crianças e mulheres atitudes tão desumanas, tornando-se insensíveis diante das pessoas violentadas.

Faz-se urgente retomar o grande mandamento deixado por Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Assim Ele viveu e nos ensinou. Jesus escuta, sente compaixão, acolhe, ama e sente empatia pela mulher que estava sendo julgada como adúltera (Jo 8,1 -11) salvando a vida dela que ia ser apedrejada por vários homens. Em outra situação Jesus sente uma força que saía d’Ele, ao ser tocado por uma mulher hemorroísa considerada impura e, em lugar de rejeitá-la, curou-a e devolve-lhe a paz. Essa prática de Jesus de Nazaré inspira nossas ações e desperta em nós a solidariedade e a compaixão para com essa humanidade sofrida, que são nossas irmãs e irmãos vítimas do tráfico.

Quando uma pessoa que foi criada à imagem e semelhança de Deus é violentada e a dominação abusiva faz de um companheiro um explorador e assassino, é hora de pensarmos que algo está muito errado no coração do ser humano, e é aí que o feminicídio não é assassinato de uma ou duas vítimas, mas de muitas mulheres. E estas ações interferem no futuro da humanidade e de toda a criação, encurtando horizontes e destruindo a vida, grande dom que Deus nos deu.

Perguntas para Reflexão

1. Em nossa sociedade, que visão se tem em relação à dignidade e respeito pela pessoa humana?
2. Se somos feitos à imagem e semelhança de Deus, como eu, cada uma/um se compromete no dia a dia para cuidar e proteger essa imagem que é a pessoa humana?
3. Que posição nós tomamos em nossa comunidade para responder aos apelos citados no texto?





Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. Sociedade bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, S. Paulo, Brasil, 1990.

Silva, Dayane Késia Alves da. Silêncios que ecoam: corpos, dinâmica e campo gravitacional da cultura do estupro. Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018.

Leal, Maria Lúcia (Organ.). Tráfico de pessoas e mobilidade humana. Brasília, Editora Universidade de Brasília – UnB, 2018.

Doc. CLAR. Tráfico de Pessoas: Tirar a Pedra e Desatar as Amarras. Ano LII – N° 4, outubro – dezembro 2014.

Artigo da Internet no Notícias ao Minuto com Data: 26/11/2018in: Violência contra Mulher.

Maria Clara Lucchetti Bingemer, teóloga, professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio– Feminicídio: terror no espaço doméstico 13/03/2019.

Documento das Orientações Pastorais sobre o Tráfico de pessoas, Papa Francisco, 2019.

Torres, Iraildes Caldas. Tráfico de mulheres na Amazônia? Iraildes Caldas Torres, Márcia Maria de Oliveira. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2012.



DESAFIOS ATUAIS À VIVÊNCIA INTERCULTURAL NA VRC

INTERCULTURALIDADE: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA A VIVÊNCIA ÍNTEGRA DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

LILIANE ALVES PEREIRA; SANDRA MARIA DA GUIA RIBEIRO;
TERESINHA A. DORIGON VIEIRA¹

Introdução

É importante iniciar nossa partilha explicitando que este artigo nasce a partir da participação das brasileiras no Seminário Internacional promovido pela UISG (União das Superiores Gerais) de 21 de janeiro a 1º de fevereiro de 2019². Este seminário teve como grandes objetivos:

1. Passar de um pensamento dialético – um tem razão e outro está equivocado – para um pensamento analógico – cada um/a pode

1 Liliane Alves Pereira (Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã). Bacharel em enfermagem pelo Instituto Doctum de Educação e tecnologia, mestre em enfermagem – pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG-RS, doutoranda em enfermagem, pela mesma instituição, especialista em Assessoria Bíblica DABAR CEBI/EST. Atua como professora dos cursos de ciências da saúde da Universidade Franciscana.

Sandra Maria da Guia Ribeiro (Irmãs Missionárias do Imaculado Coração de Maria – ICM). Bacharel em Direito, Centro Universitário Uniabeu, Pós-graduação em aconselhamento – Counseling. Sociedade Educacional e Editora IATES LTDA. Atua como Ecônoma da Congregação. Assessora Executiva Regional – Conferência dos Religiosos do Brasil, Rio de Janeiro.

Teresinha A. Dorigon Vieira (Irmãs Escolares de Nossa Senhora – IENS). Licenciada em Letras. Psicóloga e Mestre em Educação – pela PUCRS. Atua na gestão da Rede Educacional IENS

2 workshop Engaging our diversity through interculturality. Roma: 21 de jan. – 1º de fev. 2019 – UISG.





ter uma parte da verdade. “Já tivemos religião o bastante para chegarmos a odiar-nos uns aos outros, no entanto, não o suficiente para chegar a amar-nos uns aos outros (SWIFT, JONATHAN, 2002)³. Isso precisa ser mudado.

2. Enfrentar, como religioso/as, a urgente tarefa de identificar e aprender as habilidades e virtudes necessárias para viver em comunidades interculturais, apesar dos desafios que isso representa para cada um/a de nós. É um chamado atual do Evangelho à conversão, no entanto, oferece um desafio particular aos religiosos de hoje, especialmente àqueles que pertencem a sociedades de culturas fortemente centradas no ego e baseadas nos direitos individuais.

Pensar em interculturalidade na realidade em que estamos inseridos torna-se um imperativo para trilharmos com maestria o caminho proposto por Jesus, uma vez que a interculturalidade nos conduz a uma comunhão dialógica com aquelas e aqueles que o Senhor nos concedeu para vivermos cotidianamente nas nossas comunidades.

Entretanto, o termo interculturalidade tem sido usado sob diferentes aspectos, alguns deles mais confusos, outros dando duplo sentido e outros até justificando segregações de natureza diversa – “deixa, isso é da cultura dela”. Pensar em interculturalidade requer clarificar seu real conceito, que, segundo Gittins (2015)⁴, é a interação entre pessoas provenientes de contextos culturais diferentes que estabelecem uma relação mútua, recíproca entre si e entre as culturas, constroem relações de transformação que tem a capacidade de modelar novas experiências a partir dessa interação.

Esse conceito abre precedentes para percebermos o quão desafiador e belo é o caminho da interculturalidade, uma vez que, na relação com a outra pessoa, nossa caminhada não é feita de forma individual, mas torna-se uma caminhada partilhada, livre e fraternal. Pois, na estrada da interculturalidade, são as diferenças o ponto primordial para sedimentar o que somos na relação com a/o outra/o, que é diferente de mim, mas que me revela quem sou, uma vez que só somos reconhecidos/as na nossa identidade porque somos diferentes uns dos outros.

Nessa perspectiva, Jesus Cristo nos ensina a estabelecer diálogos que nos conduzem ao processo de convivência intercultural. Ele se abre a encontros que desembocam em transformação pessoal, social e religiosa. É o que aconteceu com a Samaritana, em que Jesus inicia a

3 Swift, Jonathan. As viagens de Gulliver, Org. 2002

4 Gittins, J. Anthony (CSSp). Living Mission Interculturally: fait, culture, and the renewal of praxis. Minesota, 2015.



conversa solicitando água para beber (Jo 4,7). Esse diálogo conhecido por todos nós se desenvolve à luz de uma consciência pessoal de si, sendo Jesus um judeu e a Mulher uma samaritana. Entretanto, ao final desse encontro, tanto a Samaritana como o Judeu tornam-se anunciantes e razão do anúncio, respectivamente. *E muitos creram nele por causa da palavra da mulher (Jo 4, 41)* - sem, com isso, perderem a identidade de quem são, continuam sendo Judeu e Samaritana, mas, agora, com um lugar comum para adorar: *em Espírito e verdade*.

Assim, o caminho da interculturalidade objetiva recuperar o chamado para vivenciar a experiência de uma espiritualidade encarnada (Milmanda, 2019)⁵. É Jesus nosso horizonte, nossa inspiração, nossa motivação para adentrar nesse caminho intercultural.

Interculturalidade: um convite a recuperar a radicalidade da espiritualidade Cristã na vida em comunidade

Segundo Gittins (2019)⁶, em seus apontamentos iniciais, a vivência da interculturalidade é radicalmente distinta da vida em uma comunidade internacional. Essa expressão, interculturalidade, descreve especificamente a forma em que vivemos nossa fé, o discipulado. Dessa forma, não pode haver fé em teoria, senão somente existencialmente: há que vivê-la. Expressa-se na prática cotidiana do seguimento, no discipulado

Interculturalidade é um conceito tomado das ciências sociais e trazido para a teologia e religião. Trata-se de um termo que se aplica muito bem ao cristianismo e especialmente às comunidades de Vida Religiosa Consagrada nos seus objetivos de vida em comum.

A fé só pode se expressar através e por meio da cultura – culturalmente. Assim sendo, os contextos e as pessoas são específicos, e nesse sentido é que se torna possível manifestar a fé, pois é através da cultura que o ser humano se revela. Assim, à medida que mudam os contextos culturais, também deve mudar nossa expressão de fé.

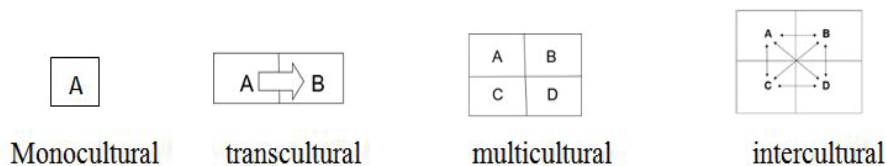
Sob esse prisma, a vida intercultural é um autêntico discipulado vivido por pessoas culturalmente diferentes que partilham a si e a vida juntas. A linguagem – monocultural, transcultural e multicultural – não nos favorece essa vivência e partilha dos estilos de vida que nos

5 Milmanda, Adriana. The way of Jesus towards interculturality. Anotações do workshop Engaging our diversity through interculturality. Roma: 21 de jan. -1º de fev. 2019 –UISG.

6 Gittins, J. Anthony. Anotações do Seminário sobre la interculturalidad. Roma: 21 de jan. -1º de fev. 2019 –UISG



propomos ou desejamos, principalmente no cenário globalizado e de muita informação e pouco dialogo. A figura de Gittins (2019) a seguir nos clarifica esses conceitos:



Vendo dessa forma, a vida intercultural não precisa ser vista como *problema*, senão como desafio, e inclusive como oportunidade. Não como *problemas deles* e sim como *nosso problema* do presente. Impossível, nos dias atuais, pensarmos em um mundo de opostos: nosso ou deles, mas, sim, somos desafiadas/os a pensar em um mundo integrado, nosso. Em nossa casa comum, todos estamos implicado/as de uma forma ou de outra.

Gittins assegura ainda que a vida intercultural não é natural, todavia é possível. Quiçá, “sobrenatural”, ou seja, não são todas as pessoas que possuem habilidade ou conseguem desenvolver facilmente competências para a interculturalidade. Quando se logra uma bonita vivência intercultural, está inequivocamente fundada na fé e não somente na aquisição de novas técnicas.

Não é nada fácil, mas desejável (Deus o deseja) e urgentemente necessário. Aqui reside a necessidade de valorizar os diferentes aspectos das culturas. E, se não queremos que uma cultura domine, todo/as estão chamados à conversão, todos necessitam mudar algum aspecto de sua cultura a fim de facilitar a convivência e reconhecer a grandeza de todas as culturas, inclusive a sua. Novamente a interação e a partilha tornam-se caminhos possíveis para essa conversão.

Enfim, necessitamos de um compromisso total e trabalho duro para conseguir mudanças nas mentes e corações; só boa vontade não é suficiente. Historicamente temos visto que a “boa vontade” religiosa deixada por si mesma tem perpetrado desastres e injustiças, incoerências e até marginalização por não se perceber como parte do todo ou considerar sua cultura melhor do que a do/a outro/a.

Então, uma vivência que se designe por intercultural exige compromisso, diálogo real e uma visão clara e comum. Além de tudo, uma comunidade intercultural não pode ser construída com ou sob uma liderança



autocrática e dogmática. Em outras palavras, a interculturalidade necessita ser intencional, desejada. Mas a interculturalidade intencional é algo muito novo para a maioria das pessoas. A enorme maioria dos seres humanos são monoculturais ou caminham para a multiculturalidade com vivências polarizadas e tendências dualistas: a famosa frase “cada um no seu quadrado”. Há que se aprofundar esses conceitos num escrito posterior.

Por fim, nessa introdução, Gittins afirma que a vida intercultural é o futuro da Vida Religiosa Consagrada internacional. Caso as comunidades internacionais não se tornem interculturais, não sobreviverão. Chama atenção ainda que a vida intercultural não é necessária somente a comunidades internacionais. Constitui um desafio a todos/as que realizam um ministério baseado na relação com “Outro”, um ministério voltado ao “Outro”. Esse fato exige uma revolução na Vida Religiosa Consagrada: tanto *nova*, quanto *urgente*.

Jesus é o modelo por excelência, nele e com Ele somos convidadas/os a fazer o caminho, pois, nas suas relações cotidianas, Ele não fundamentava seu ser e fazer na sua origem – até porque escolheu ser estrangeiro – mas desejava e fomentava encontros transformadores para si, para os seus e para a sociedade.

Jesus, o estrangeiro: o potencial do estrangeiro no ministério cristão

Jesus é um estrangeiro: (Mt 25,35) nasce fora de sua terra natal, ainda bebê foge com seus pais para uma terra estrangeira, como refugiado, é criado numa cidade estrangeira e nela realiza sua missão. Tem um estilo de vida itinerante. Esse fato nos indica alguns pontos importantes no processo intercultural:

1. Reconhecer-se como estrangeiro é imprescindível! Tal fato indica quem somos diante do outro, que estamos cientes das suas e das nossas limitações – você não sabe tudo, precisa estar aberto ao aprendizado.
2. Reconhecer-se diante da novidade do outro: como vive, seus valores, costumes e acima de tudo sua forma de viver, de ver as coisas, de se inserir e integrar no espaço social. Há perspectivas de outros pontos de vistas, isso exige abertura e vontade de querer saber, entender esse outro tão diferente de mim.
3. Assumir a condição de acolher e ser acolhido. É a experiência de ser aceito e de aceitar, sem atitudes de comparações, julgamentos, discriminações ou imposições ao outro do “meu eu”.



Assim, os cristãos são enviados para além da sua zona de conforto, no desconhecido da missão. Os pontos acima citados tornam-se pistas ou condições para um encontro com o outro numa nova e real perspectiva, exatamente como fez Jesus, é partilha, dialogo, abertura de e do coração. Se esse imperativo é para os cristãos de modo geral, quanto mais para a Vida Religiosa Consagrada, que tem como missão ser o rosto de Deus para a Humanidade.

Jesus vive como um forasteiro, um estrangeiro, nasce fora da cidade, atua na missão à margem e morre mantendo-se na marginalização, mas uma marginalização ativa.

Precisamos entender então de que estamos falando: o que é essa marginalização ativa? Na fala de Antony Gittins⁷, “*Os marginalizados não escolhem ser, não são livres para escolher, a marginalização passiva está ali e não faz nada, não tem força para agir. Contudo, nós (VRC) escolhemos a nossa marginalização e, então, trata-se de uma marginalização ativa, nossa escolha da marginalização é para aprender a viver para além de, não para estar na marginalização, mas para fazer conexão entre as diferentes formas de marginalidade e realizar o movimento de inclusão*”.

Era forasteiro (Lc 24, 13-35), “você é o único forasteiro...” Jesus é o forasteiro que se torna hospedeiro. Na condição de forasteiro é ele quem acolhe o anfitrião: parte o pão, e consola. Entretanto, para que esse processo aconteça é preciso caminhar junto, atentar-se para as dores, sofrimentos e esperanças daqueles que caminham conosco. Jesus nos ajuda a ir além da nossa própria condição (SCHROEDER, 2019)⁸.

A VRC é chamada, no seguimento de Jesus, a optar por essa marginalização ativa, junto aos que assim o são na sociedade, para fazer o caminho com eles. O caminho da interculturalidade tende a nos lançar além, ir em busca dos outros, coloca-nos em sintonia com eles. Nisso se concretiza a opção pelos pobres, pelo outro, que a vida marginalizou. Na América Latina, há muitas experiências que têm ajudado a VRC a viver essa marginalização ativa, como o são os processos de inserção nas periferias e situações marginalizadoras da sociedade.

Neste caminho, Jesus nos ajuda, como estrangeiro, a mudar totalmente nossa lógica cultural, a exemplo do encontro com a Samaritana (Jo, 4, 1-42). Duas culturas: a cultura judaica que, por diferenças de profissão

7 Gittins, J. Anthony. Anotações do Seminário sobre la interculturalidad. Roma: 21 de jan. -1º de fev. 2019 -UISG.

8 Schroeder, Roger. Theology of interculturality and Prophetic Dialogue. Anotações do workshop Engaging our diversity through interculturality. Roma: 21 de jan. -1º de fev. 2019 -UISG.



de fé, costumes, adotou atitudes de superioridade marginalizando os Samaritanos e a cultura samaritana, que, como forma de resistência, definiu seus próprios meios de sustentar a fé, o culto e os ritos. Imagine ainda uma mulher samaritana, sobre quem a carga cultural da discriminação pesa pela questão de gênero, sendo essa discriminação mais dura ainda.

O que podemos aprender desse potencial no ministério cristão: aproximar-se pode ser o primeiro passo. Como me aproximo do diferente? Mas não simplesmente aproximar-se de qualquer forma, é preciso fazer comunhão. Percebe-se a atitude humilde de Jesus, Ele pede ajuda, pede água. *Disse-lhe Jesus: “Dê-me um pouco de água”*. (Jo,4,7). Nota-se que não é negada a água em si. Mas é questionado pela mulher o fato de pedi-la a uma samaritana, ou seja, a um povo inimigo. Uma inimizade fundamentada na divergência do lugar onde se deve “adorar a Deus”, que se desdobra em tantas outras diferenças. *“Nossos antepassados adoraram neste monte, mas vocês, judeus, dizem que Jerusalém é o lugar onde se deve adorar”* (Jo,4,20).

Um outro elemento é a conversa que se prossegue. Vejamos o diálogo com o diferente. Há uma profunda escuta tanto por Jesus como pela mulher Samaritana, que aqui está sem nome, talvez para destacar a diferença cultural ou para dar voz a um povo que vive na marginalidade passiva. Aqui não há quem esteja certo ou errado. Não há recriminação pelo estilo de vida, pelas diferenças manifestadas, pois desse diálogo surge a verdade que está acima de tudo, que une e aproxima. Jesus revela que em qualquer lugar se poderá adorar a Deus em Espírito e Verdade. Ele sacia a necessidade da água viva para todos os povos.

Aquela marginalizada, discriminada, é agora anunciadora, para toda uma cultura, da Boa Nova. A Samaritana torna-se discípula do Mestre Jesus. Imagine na mentalidade cultural da época uma mulher-samaritana tornar-se discípula de um Judeu.

O encontro é transformador que vai além da cultura, dos costumes, isso permite a quebra de uma forma de pensar, que na atitude do estrangeiro, Jesus resgata a dignidade da pessoa humana no seu mais profundo desejo, de obter a água da vida eterna: *“mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”*. (Jo,4,14)

Como nos encontramos com os marginalizados passivos de hoje? Ajudamos muitas vezes sem aproximarmos realmente das pessoas, às vezes para aplacar nossas consciências? Mas é necessário ir além, ter



um novo olhar, o olhar de Jesus. É preciso ter esse encontro transformador iniciado em nossa própria comunidade, onde por vezes somos do mesmo país, mas com visões, costumes, ritos, valores, conceitos...tão diferentes! Abraça essas diferenças para que aconteça a aproximação, o diálogo, o encontro e que de lá possamos descobrir a novidade que Jesus nos apresenta para que o discipulado do anúncio se faça em nós, no aqui e agora de nossas vidas e comunidades.

Para aguçarmos nosso olhar e perceber por onde a beleza do caminho intercultural pode nos conduzir, à luz do que fez Jesus, apresentamos três princípios guias que nos colocam em sintonia com o Deus-criador, uma vez que Ele cria e nós somos convidadas/os a construir comunidades de encontro.

Três princípios guias

Anthony Gittins nos alerta para os seguintes princípios:

1. Somos chamados a construir uma casa comum em que todos possam viver e onde todos se sintam em casa. Jonathan Sacks⁹, em *The home we build together* (2007), evoca um lar familiar como uma entidade orgânica em evolução, com direitos e deveres, responsabilidade e respeito mútuo.
2. Deus cria a diferença. Portanto, a diferença é boa (Sacks, 2003)¹⁰. A diferença deve ser negociada em função da visão que sustenta a comunidade. É a partir das diferenças que se estabelece um encontro fraterno, exercita-se a identidade pessoal e se firma na busca da identidade comum.
3. Deus criou uma comunidade inclusiva (Gen 3,8). No entanto, toda cultura, raça (condição) ou “pecado original” dividem a comunidade e põem as pessoas umas contra as outras (homem/mulher; rico/pobre, quem sabe/quem não sabe...). É a brecha cultural que prejudica a harmonia e a paz. Todos temos pecado e graça. Nossas culturas e comunidades são redimíveis. Todavia necessitam da redenção ou se extinguirão. “A paz implica profunda crise de identidade. Para alcançarmos essa mudança, os limites do eu e do outro, do amigo e do inimigo, devem ser redesenhados” (J. Sacks).

9 Sacks, Jonathan. *The home we build together*. London: Continuum, 2007.

10 Sacks, Jonathan. *The Dignity of the difference: how to avoid the clash of civilization*. London: Continuum, 2003.



Do convite radical às boas vindas

77

No quadro que segue, Gittins faz um apanhado sobre a trajetória da acolhida dos novos membros nas comunidades religiosas. Trata-se de um importante mapeamento que pode servir de bússola para uma análise congregacional, provincial e/ou das comunidades locais, ou mesmo das comunidades formadoras a respeito da acolhida e inclusão do/as jovens ou recém-chegados/as. Pode ser usado de diferentes formas com a finalidade de avaliar o processo de interculturalidade nas diferentes comunidades e ministérios.

	Convite	Inclusão	Boas vindas radical
Mensagem	“Vem, une-te a nós, partilha da riqueza de nossa cultura e tradição religiosa”.	“Vem, une-te à nossa comunidade, ajuda-nos a diversificá-la internamente e internacionalmente”.	“Traz teus valores culturais e religiosos, tua voz, a ti mesmo/a: ajuda-nos a converter-nos em uma comunidade intercultural”
Objetivo	Assimilação: convidamos pessoas novas a se tornarem um/a de nós fazendo parte de nossa comunidade.	Incorporação: ”Outros” marginalizados são bem-vindos, mas o estilo e práticas da comunidade permanecem.	Encarnação: a comunidade se transforma com as qualidades de cada uma das pessoas e pelo compromisso de fé.
Custo	Custo mínimo para a comunidade: as estruturas estão estabelecidas e os recém-chegados se incorporam a elas. Os que resistem são marginalizados ou eliminados.	Supõe certo custo para a comunidade: esta prega a inclusão, no entanto não a pratica. Individualmente: ou afundar ou nadar.	Custo significativo para a comunidade, que se esforça para pôr em prática a inclusão real e enriquecer-se mutuamente através da infusão de novas e culturalmente diferentes formas de viver a fé.

CONVERGÊNCIA – Ano LIV – Nº 525 – Outubro 2019



Resultado	Os números podem ser alentadores, mas a comunidade é muito monocultural. Os que são diferentes são marginalizados ou ignorados.	Considerável rotação dos membros. Quem não segue a corrente principal é silenciado ou animado a retirar-se. A comunidade segue sendo principalmente monocultural, com poucas exceções.	A comunidade evolui organicamente. Dignifica-se e valoriza-se a diferença. A autoridade não domina, mas respeita a todos/as. Há um espírito comum e um compromisso missionário.
------------------	---	--	---

Radical Welcome © 2006 Stephanie Spellers. Adaptado por Gittins, y usado con la autorización de Church Publishing Incorporated, New York, NY. *Anthony J. Gittins, CSSp. Taller Interculturalidad, Hesburgh/IRF*

Considerações finais

O caminho da interculturalidade para a Vida Religiosa Consagrada só tem sentido se for trilhado com os pés no chão da vida de cada um e cada uma que vivencia conosco esse processo na cotidianidade da vida, seja na missão, seja na vida comunitária; e se nossos olhos estiverem voltados para Jesus, plenamente divino e perfeitamente humano, capaz de adentrar nos recônditos de cada povo e de cada cultura e de lá extrair o que há de mais sagrado.

Dessa forma, nossos passos interculturais deixarão marcas identitárias por onde andarmos e levaremos a marca do lugar que vivemos em nossa vida e nas nossas ações. Esse câmbio de saberes nos impulsiona a ir em busca de uma comunidade claramente diversa consciente de seu compromisso com o Senhor e com aqueles que Ele nos confiou. Estamos certas/os de que o caminho é longo, mas quando se tem com quem caminhar as distâncias são divididas, a vida partilhada e o amor multiplicado.

Tópicos para reflexão

1. Como você se relaciona com as diferenças culturais que se lhe apresentam no cotidiano da vida comunitária e na missão?
2. Que perspectiva se abre para a acolhida ao diferente que há em você e na sua/seu co-irmã/ão?
3. Em sua comunidade religiosa há uma cultura dominante? Como ela se expressa nos diferentes espaços de vivência comunitária?





Referências bibliográficas:

- Gititins, J. Anthony. Anotações do Seminário sobre la interculturalidad. Roma: 21 de jan. - 1º de fev. 2019 – UISG
- Gititins, J. Anthony (CSSp). Living Mission Interculturally: fait, culture, and the renewal of praxis. Minesota, 2015.
- Sacks, Jonathan. The home we build together. London: Continuum, 2007.
- Sacks, Jonathan. The Dignity of the difference: how to avoid the clash of civilization. London: Continuum, 2003.
- Milmanda, Adriana. **The way of Jesus towards interculturality.** Anotações do workshop Engaging our diversity through interculturality. Roma: 21 de jan. - 1º de fev. 2019 – UISG.
- Schroeder, Roger. **Theology of interculturality and Prophetic Dialogue.** Anotações do workshop Engaging our diversity through interculturality. Roma: 21 de jan. - 1º de fev. 2019 – UISG.





QUEM CUIDA DOS CUIDADORES?

DO CUIDADO DE SI NO EXERCÍCIO DO SERVIÇO DE ANIMAÇÃO, CARGOS E FUNÇÕES¹

IRMÃO EMILI TURÚ ROFES, FMS²

Vamos imaginar, por um momento, que você, a quem foi confiado o serviço de alguma responsabilidade em sua comunidade religiosa, receba uma carta na qual, depois das saudações de praxe, lhe é dito: “Tenho medo, confesso-lhe de que, no meio de suas ocupações, que são inúmeras, por não poder esperar que cumpram sempre seu objetivo, acabe sendo mais rigoroso consigo mesmo e venha a perder a sensibilidade de um sofrimento tão justificado e saudável...”

Você reconhece que é verdade que suas múltiplas ocupações podem torná-lo insensível... e continua lendo:

Afaste-se das obrigações ao menos por algum tempo. Pelo menos, não permita que elas o forcem a ir para onde você não queira. Quer saber para onde? Para o endurecimento do coração. [...] Quando é que o coração se torna insensível? Quando não se esfrangalha pelo remorso, nem se abranda pela compaixão, nem se comove na oração. Não cede diante das ameaças e se revolta contra os golpes. Você se torna ingrato pelos bens que recebe, desconfiado dos conselhos, cruel em seus julgamentos, cínico diante da falta de decoro, impávido entre os perigos, desumano para com as pessoas, imprudente para com o divino. Você passa a deixar tudo para depois e o presente deixa de interessá-lo. Não teme o futuro. Tem o coração endurecido todo aquele que, do passado, só se recorda das ofensas que lhe foram feitas...

1 Fonte: Revista CONFER - Vol. 57 - Número 218 - abril-maio-junho de 2018 - pp 207-229

2 Emili Turú, Irmão marista, ex-superior geral do Instituto Marista. É o novo secretário-geral da União dos Superiores Gerais.





Essas malditas ocupações podem conduzi-lo a esse extremo se, assim como você começou, continuarem a absorvê-lo por inteiro sem reservar nada para si mesmo. Você está perdendo seu tempo, e, se me permitir que seja para você um outro Jetro, o sogro de Moisés (Ex. 18), eu lhe diria que você se esgota num trabalho insensato, com tarefas que nada mais são do que tormento para seu espírito, enfraquecimento da alma e perda da graça. Será que o fruto de tantas preocupações não terminará reduzindo-se a meras teias de aranha?

Se o teor da carta lhe causar, logo de início, grande incômodo, pergunto-me como reagiria o Papa Eugênio III (século XII), a quem ela foi dirigida.³ A pessoa que lhe manda essa carta não é ninguém menos que São Bernardo de Claraval, antigo mestre dele, e que tem liberdade suficiente para dizer a ele (e a nós também):

Por que você seria o único a não se beneficiar de sua própria função? Até quando você continuará sendo um sopro efêmero sem retorno? Quando, afinal, irá dar atenção a si mesmo no meio de todos aqueles a quem você dá acolhida? Você se dedica a sábios e a ignorantes, e negligencia só a si mesmo?

O imprudente e o sábio, o escravo e o homem livre, o rico e o pobre, o homem e a mulher, o ancião e o jovem, o sacerdote e o leigo, o justo e o ímpio, todos contam com você do mesmo modo; todos bebem em seu coração como numa fonte pública, e só você permanece sedento? Se é amaldiçoado aquele que dilapida sua herança, que acontecerá com quem perde a si próprio? Regue as ruas com seu manancial, nele bebam os homens, jumentos e animais, sem excluir sequer os camelos do criado de Abraão, mas beba você também do reservatório de seu poço. Não o reparta com estranhos, ou será que você mesmo é esse estranho? Para quem você deixaria de ser um estranho se for um estranho para si próprio?

É surpreendente constatarmos a enorme atualidade de um texto escrito 900 anos atrás. De modo direto, claro e incisivo, São Bernardo nos convida a cuidarmos de nós mesmos, como condição imprescindível para podermos cuidar dos outros.

Trataremos disso neste artigo, escrito durante um período sabático, depois de vinte anos ininterruptos de serviço numa posição de liderança (provincial, conselheiro geral, superior geral). Tenho consciência de que, dada a atual realidade da vida consagrada, há um bom número de pessoas às quais é solicitado que assumam, uma vez ou outra, serviços importantes de responsabilidade: na linguagem familiar, os denominamos de superiores ou conselheiros. A reflexão sobre o cuidado com os cuidadores, por consequente, me parece mais importante e atual do que nunca.

3 De Consideratione ad Eugenium III Papam. Consultado no dia 10.06.2018: http://www.mercaba.org/DOCTORES/BERNARDO/DE_CONSIDERATIONE_01.htm#Cap%C3%ADulo%202.



82 **Falando de Papas...**

QUEM CUIDA DOS CUIDADORES?

Eugênio III (que era monge cisterciense e nem sequer cardeal quando foi eleito Papa) teve um papado tremendamente acidentado. Já correu muita água desde então e, felizmente, o Papa Francisco não enfrenta o mesmo tipo de problemas enfrentados por Eugênio III. De qualquer modo, podemos imaginar a pressão enorme que não apenas supõe executar uma agenda diariamente superlotada, mas também viver consciente da grande liderança internacional que lhe é atribuída.

Qualquer um que tenha participado um dia da eucaristia que o Papa Francisco celebra cada manhã na capelinha da casa Santa Marta sabe que, no final, o Papa saúda pessoalmente cada um dos participantes, que facilmente chegam a um total entre 30 e 40. A cada pessoa dedica um sorriso, uma escuta atenta, uma palavra de ânimo. Sem passar uma impressão de pressa ou de açodamento. Ao contrário, os presentes poderiam ter a impressão de que o Papa não tem mais nada a fazer o dia inteiro.

Como uma das pessoas com maior responsabilidade no mundo se organiza para viver com toda essa paz interior que consegue transferir aos que se comunicam com ele? Suponho que muitos de nós alguma vez nos fizemos essa pergunta. E, de fato, essa questão foi posta pessoalmente a Francisco durante um dos encontros que manteve com a USG (União dos Superiores Gerais). Mesmo sem recordar-me das palavras exatas, lembro-me de que nos falou da graça de Deus em sua vida, que reconhece tê-lo transformado. Disse: “Eu não era assim antes; preocupava-me muito com as coisas, e as pessoas notavam isso.” E acrescentou: “Digo isso com toda sinceridade, porque se mudei não foi por mérito meu. Sei que é um dom do Senhor.” Além disso, nos informou: “Graças a Deus, durmo muito bem.” E depois enfatizou a importância da oração em sua vida, a que dedica muitos de seus momentos.

Creio ser interessante constatar os diferentes elementos a que fez alusão o Papa Francisco: em primeiro lugar, a ação gratuita do Espírito, mas logo depois seu próprio compromisso de dar a si mesmo o tempo suficiente para dormir bem, assim como para a oração e a leitura orante da Palavra. Lembra-nos que o cuidado integral consigo mesmo implica a totalidade da pessoa: corpo, mente, espírito.

Você vive ou sobrevive?

As pessoas chamadas a exercer uma responsabilidade de animação e governo na Vida Consagrada, se por eleição direta ou mediante nomeação depois de uma consulta, com frequência se veem com pouco





ou nenhum tempo para preparar-se para esse serviço. É verdade que o Espírito protege com seus dons, mas pergunto-me se não nos cabe colaborar um pouco mais com Ele. Poderia parecer que, pelo simples fato de ter professado numa comunidade religiosa, uma pessoa fica automaticamente dotada para exercer qualquer responsabilidade, seja a que for, sem precisar de maior preparo.

Muitas pessoas vão aprendendo com a rotina diária, o que não é ruim, mas, seguramente, muitos sofrimentos (pessoais e alheios) poderiam ser evitados com uma preparação adequada e posterior acompanhamento. Existe uma responsabilidade institucional da parte de quem nomeia ou elege, uma vez que dificilmente se poderiam impor responsabilidades a alguém sem antes facilitar-lhe os meios para que consiga realizar do melhor modo possível a missão que lhe foi confiada.

Mas há também uma responsabilidade pessoal, no sentido de capacitar-se com um bom planejamento de cuidado consigo mesmo. Alguns religiosos me diziam que não se atreviam a tratar de alguns assuntos com seu Provincial porque só de olhar para ele sentiam pena. Um líder que, em vez de inspirar entusiasmo, inspirava lástima!

E você? Como sente que vivencia sua responsabilidade? Você vive ou apenas sobrevive? H. David Steind-Rast diz que o fato de você ainda não ter morrido não é prova suficiente de que esteja vivo.⁴ Segundo H. David, um bom modo para comprová-lo é até que ponto vivemos de modo consciente. Quanto maior a atenção, mais intensa é a vida.

- Como podemos, portanto, viver de modo mais consciente para qualificar nossa própria vida e nosso serviço?

Chamar cada coisa por seu verdadeiro nome

Segundo David Viscott, você só terá gosto pela vida e se sentirá feliz quando for consciente de si mesmo e conhecer a fundo sua força e seu limite. Sua capacidade de se beneficiar da vida está limitada por sua autoaceitação. Mais que qualquer outra coisa, é a abertura em relação a você mesmo que lhe permitirá apreciar totalmente a vida.⁵

O autoconhecimento é fundamental para uma vida feliz, mas também para dar o melhor de nós mesmos a nosso serviço. Como componente desse autoconhecimento, é essencial a atenção ao modo como nos

4 D. STEIND-RAST, *Gratefulness, the heart of prayer*, Paulist Press, New York 1984.

5 Citado por R. WICKS, *Bounce. Living the resilient life*, Oxford University, New York 2010.



sentimos nos relacionamentos com as outras pessoas. Isso, sem dúvida, não é fácil, porque precisamos compreender e tratar de modo adequado a ansiedade, a depressão, o estresse, e saber o que fazer com as emoções mais intensas antes de agir motivados ou simplesmente subjugados por elas.

Exceto quando alguém se capacite para poder dar um passo atrás e observar os próprios sentimentos e reações com alguma objetividade, é muito fácil deixar-se levar pelos acontecimentos, pela pressa, pela urgência e perder assim o controle e a meta desejada. Nesse sentido, é fundamental poder contar com alguém que nos ajude a manter um distanciamento pessoal e o autoconhecimento.

Se nos concedermos um tempinho para essa reflexão tranquila e objetiva, perceberemos o tanto de carga emocional que carregamos desnecessariamente pela vida afora.

Há uma passagem nos “Papeis de Pickwick” de Charles Dickens (também publicado com o título ‘As Aventuras do sr. Pickwick’), que é uma excelente descrição de minha vida e, provavelmente, também da de vocês. Pickwick se dirige ao clube. Aluga uma carruagem e, no caminho, faz um montão de perguntas. Entre elas, interroga: “Responda-me, como é possível que um cavalo tão fraco e miserável possa puxar uma carruagem tão grande e pesada?” O condutor lhe responde: “Senhor, não se trata do cavalo, mas das rodas.” Novamente, Pickwick interroga: “Como assim?” Ao que o condutor responde: “Preste atenção. Temos um par de rodas fabulosas muito bem lubrificadas; basta que o cavalo puxe um pouco para que elas comecem a girar. Em seguida, o pobre do cavalo fica obrigado a correr para que a carruagem não o atropеле! Observemos como vivemos a maioria das vezes. Não somos o cavalo que puxa a carruagem, mas o que foge por medo de ser abalroado por ela.”⁶

O modo como percebemos qualquer coisa é tão importante como a realidade que percebemos. Por isso é tão importante dedicar nosso tempo para refletir sobre nossos pensamentos, comportamentos e sentimentos: evitaremos ser atropelados pelas situações em que vivemos, quem sabe enganando a nós mesmos e perdendo de vista nossa meta.

Alguém que conheci faz muitos anos viveu algumas situações muito penosas, trágicas mesmo, em sua província religiosa. O problema, no caso dele, não foi apenas o que experienciou, mas o modo como enfrentou a situação: negando que ela o afetara, mesmo quando todos a seu redor sabiam o quanto ele tinha sido impactado por ela. Muitos de nós tentamos ajudá-lo a tomar consciência de que precisava identificar o que estava vivendo e chamar cada coisa por seu nome: quer dizer, se sentisse que

6 A. BLOOM, Comenzar a orar, PPC, Madrid 1980.





estava gerando uma depressão, não repetiria várias vezes: “Estou bem. Não se preocupem; é apenas um período; passará logo... tenho experiência e sei muito bem como controlar o estresse que estou sentindo, etc...”

Por infelicidade, fechou os olhos e não aceitou enfrentar sua própria vulnerabilidade com humildade e valentia, o que teria permitido aprender sobre si mesmo naquela difícil situação, e, em consequência, crescer em autoconhecimento e em autoestima.

O que está acontecendo comigo?

Nos anos que se seguiram imediatamente ao Concílio Vaticano II, como sabemos, houve numerosos abandonos da Vida Consagrada. Um Irmão, que na época era provincial, me explicou o quanto se sentiu mal vendo sair uma centena de Irmãos de sua Província, em seus dois triênios de provincialato. E me relatava aflito como outro Provincial, seu amigo, acabou submetendo-se a um tratamento psiquiátrico e abandonando, ele também, a congregação.

Hoje as circunstâncias são outras, mas há ainda muitos fatores que provocam estresse. Em alguns casos, por curtos períodos de tempo; em outros, por meses e até anos, como quando se tem de enfrentar publicamente denúncias de abuso sexual, ou outras situações graves.

Normalmente, entendemos como estresse aquela condição ou sentimento que uma pessoa atravessa quando percebe que o que se exige dela supera os recursos pessoais e sociais que ela é capaz de desempenhar. De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola, trata-se de “uma tensão provocada por situações angustiantes que dão origem a reações psicossomáticas ou transtornos psicológicos frequentemente graves”.

Quando alguém se sente ameaçado ou submetido ao estresse, todas as glândulas do corpo reagem enviando ao sangue hormônios que condicionam essa pessoa para enfrentar a situação ou para fugir dela. Essa injeção de adrenalina e de outros hormônios causa aceleração nas palpitações cardíacas; sobe a pressão do sangue e acelera a produção de células sanguíneas; a digestão se altera; o sangue vai para os músculos maiores do braço e da perna; as pupilas se dilatam. Em consequência de tudo isso, podem surgir alguns sintomas: dores de cabeça, tensões musculares, dores lombares e na região do pescoço, mal-estar estomacal, boca seca, dificuldade para dormir, fadiga, perda de apetite ou necessidade de comer mais, maior frequência de resfriados.



Dependendo do histórico familiar, algumas pessoas submetidas a um estresse mais forte podem chegar a ter sérios problemas de saúde como artrite grave, refluxo gastroesofágico, enxaqueca, ou até infarto ou derrame cerebral, etc.

Seja como for, a ausência de sintomas não significa ausência de estresse. De fato, se camuflarmos os sintomas com medicamentos, perdemos o aviso dado pelo corpo de que há uma pressão a ser resolvida. Inclusive, nos casos em que os sintomas forem mais fracos, como dores de cabeça ou acidez estomacal, não devemos simplesmente ignorá-los. Esses são um primeiro aviso de que é necessário tratar o estresse do melhor modo possível.

No campo da psicologia, percebemos logo quando uma pessoa está estressada pelo modo como se comporta. Para medir o estresse, o dr. Meyer Friedman propõe o que ele denomina pontuação AIAI (sigla que corresponde às palavras “angry, impatient, aggressive, irritable behaviour” — comportamento irritadiço, impaciente, agressivo, irascível) e que nós poderíamos traduzir por “pontuação RIAI: ressentimento, impaciência, agressividade, irritabilidade”. Se ficarmos atentos ao número de vezes que sentimos ou manifestamos esses comportamentos, obteremos um bom indicador da quantidade de estresse que experimentamos diariamente.

Dos sintomas às causas

Há os que possuem seus próprios truques para driblar o estresse, como fazer exercício físico ou yoga, respirar profundamente, ou talvez dar-se um tempo para rezar com tranquilidade e calma. O certo é que cada um deve buscar o que combina melhor com ele. É possível que o que vale para um não seja adequado para outro.

Em qualquer caso, o autoconhecimento continua sendo um elemento imprescindível para tratar de modo saudável o estresse, já que é preciso não só reduzir os sintomas, mas procurar suas causas. Lembremos que não se trata de eliminar o estresse: mesmo que o quiséssemos, não conseguiríamos porque a ausência de estresse é a morte (Hans Selye).

O exercício seguinte pode ser útil no processo de autoconhecimento:

Cada um deveria refletir e encontrar o que provoca o estresse, mas desde já podemos afirmar, sem receio de nos equivocarmos, que as expectativas exageradas e irreais sobre si mesmo são uma das maiores causas de estresse. Alguém poderia pensar que são as expectativas que os outros têm sobre





nós que provocam estresse, mas não é isso que ocorre. Elas serão causa de estresse unicamente na medida em que as introjetarmos e as usarmos como critério em nossa autoavaliação. Essa atitude criará em nós uma necessidade permanente de agradar os outros ou, o que dá na mesma, ampliar as expectativas sobre nós mesmos e, em consequência, o estresse.

Segue o exercício:

- Identifique as causas que provocam estresse em sua vida e faça uma lista.
- Diga como você acha que controla essas situações.
- O que você pode fazer para reduzir o estresse em sua vida?

De acordo com James Gill⁷, as pessoas mais propensas a sentir estresse são aquelas que:

- tentam manter todas as situações sob controle,
- ficam constantemente em busca da aprovação alheia,
- são resistentes a críticas,
- têm dificuldade para se impor limites,
- guardam raiva e ressentimentos.

Segundo um estudo realizado nos Estados Unidos em 2007, sob o título *Stress in America*, um terço da população declarava sofrer de níveis extremos de estresse; ao mesmo tempo, uma de cada cinco pessoas dizia estar sujeita a altos níveis de estresse durante 15 ou mais dias mensalmente. Podemos afirmar que níveis baixos ou moderados de estresse podem ser benéficos para uma pessoa quando tratados de modo saudável, mas as situações de estresse extremo têm um alto custo tanto emocional quanto físico.

Como já dissemos, é muito importante aprender a reconhecer os altos níveis de estresse e reagir com decisão de modo adequado. Sabemos que não fazê-lo pode ter graves consequências.

No final do artigo, como anexo para um momento de reflexão pessoal ou em grupo, proponho algumas perguntas e uma série de conselhos para reconhecer e controlar o estresse.

Produzir pérolas: a resiliência

Se formos capazes de cuidar de nós mesmos, estaremos criando alicerces sólidos para podermos controlar de modo adequado o estresse que inevitavelmente faz parte de nossa vida e de nossa missão. Frederic Flach nos lembra isso no resumo a seguir:

⁷ Citado em L. AMADEO – L. SOFIELD, *A Spirituality of Stress Management: Human Development* 27 (2006) Number Three: Fall.



Ninguém pode afirmar que não dissemos algumas vezes o que devemos fazer para construir nossa resiliência física. Faça exercícios regularmente. Alimente-se de modo saudável. Tome suplementos minerais e vitaminas se fizerem falta, principalmente ácido fólico, B12 e B6. Mantenha seu peso dentro da faixa que lhe é adequada. Faça check-ups médicos anualmente. Durma bem à noite. Não fume. Evite drogas viciantes e consuma álcool com moderação. Pratique alongamentos. Faça uma massagem de vez em quando. Dedique-se a exercícios físicos como caminhadas, natação, tênis e similares. Aprenda a relaxar. E se ainda não vive nesse esquema, pergunte-se por quê e aja em consequência.⁸

Em todo caso, o cuidado físico pode ser insuficiente, exceto se mudarmos igualmente nossa própria percepção do estresse, das dificuldades e das situações mais penosas que temos de enfrentar. De acordo com o Talmud, você não enxerga as coisas como elas são, mas você as vê como você é. A percepção, portanto, é fundamental. Um mesmo acontecimento dramático vivido por duas pessoas distintas pode provocar profunda depressão numa e ser assumida pela outra como um estímulo para mudar seu ritmo de vida e ir em frente com decisão. “Não desejo riquezas nem poder, mas apenas a paixão pelo possível, um olhar eternamente jovem e ardente, que perceba possibilidades de todos os ângulos” (Soren Kierkegaard).

Será que é realmente possível descobrirmos possibilidades até nos acontecimentos mais duros e difíceis, e servir-nos deles como caminho para nosso crescimento pessoal? Aí entra em ação a resiliência, essa capacidade humana de lidar com as inevitáveis adversidades da vida, superá-las, delas extrair lições, e até sermos transformados por elas.⁹

Em setembro de 2015, tive o privilégio de acompanhar por oito dias um grupo de Irmãos e leigos Maristas de Alepo (Síria), popularmente conhecidos como Maristas Azuis, nome que vem da cor da camiseta que os identifica, mas que também estabelece conexão entre eles e nossas origens, uma vez que os primeiros Irmãos Maristas trajavam roupas azuis, e como tais eram conhecidos (os Irmãos Azuis). O encontro se deu no Líbano porque a Síria continuava em guerra.

Fazia já quatro anos que a guerra havia começado. Percebi o enorme estresse a que estavam submetidos devido a muitas causas: a morte de pessoas próximas, a incerteza sobre o futuro mais próximo e, a longo prazo, a vivência repentina de perdas significativas como o trabalho ou a casa. Os Maristas de Alepo, colocando-se a serviço das vítimas

8 F. FLACH, *Resilience: Discovering a new strength at times of stress*, Hatherleigh Press, Long Island City (NY) 2004.

9 E. GROTBORG, *Resilience for today: Gaining strength from adversities*, Praeger, Santa Barbara (California) 2003.



da guerra, viviam um duplo estresse: o seu próprio e o das pessoas a que prestavam assistência, às vezes muito feridas e com expectativas maiores do que as que lhes podiam ser oferecidas.

Sabíamos que não estava em nosso poder dar fim à guerra ou pôr fim às enormes dificuldades que os habitantes de Aleppo atravessavam, mas estávamos conscientes de que podíamos colaborar de algum modo para mudar sua perspectiva ou para transformar as atitudes deles diante daquelas situações. Para isso convidamos o doutor Robert J. Wicks, dos Estados Unidos, uma autoridade no tema da resiliência.¹⁰

A grande experiência do doutor Wicks nesse tema permitiu, em primeiro lugar, que cada um conseguisse dar nome ao que vivia interiormente, a maior parte do tempo de modo inconsciente. Mas, logo, ciente de que essa tomada de consciência é insuficiente, ele ofereceu-lhes também uma grande quantidade de recursos para poderem aumentar sua resiliência e ajudar outras pessoas para que também conseguissem fazê-lo.

A maioria de nós certamente não vive no meio de situações tão graves como as de quem se encontra diariamente no meio da guerra. Mas certamente podemos todos crescer em resiliência, uma capacidade que não só nos permite suplantar as dificuldades da vida que não temos condições de mudar, mas também aprender com elas e crescer e amadurecer no meio delas.

O doutor Wicks escreveu um artigo sobre sua experiência nesses dias passados no Líbano. Ele diz o seguinte:

Conservar uma atitude de resiliência em circunstâncias tão difíceis exige muito empenho e fé, que deve manter o foco correto para durar e mesmo florescer, em vez de se perder, como ocorre com tantos esforços empreendidos em situações obscuras. Contudo, quando a resiliência se aprofunda e cresce, os que a experienciam dão-se conta de que o que importa não é a intensidade do mistério no mundo ou em nós mesmos, mas o que faz a diferença é o modo como nos comportamos em relação a esse mistério.¹¹

Faz alguns anos recebi via correio eletrônico um texto de Rachel Naomi Remen, que arqueei por ter-me parecido muito inspirador. Passo a dar a sua tradução:

10 Ele publicou vários livros sobre o tema da resiliência. Destaco os seguintes: R. J. WICKS, Bounce. Living the resilient life, ao qual já fiz alusão anteriormente e R. J. WICKS, Perspective. The calm within the storm, Oxford University, New York 2014.

11 <http://www.champagnat.org/400.php?a=6&n=3727>



A ostra é suave, tenra e vulnerável. Não conseguiria sobreviver sem o santuário de sua concha. Mas as ostras têm de abrir suas conchas para poder “respirar” água. Às vezes, ao respirarem, um grão de areia se infiltra na concha e a partir desse momento ele passa a fazer parte de sua vida. Esses grãos de areia provocam dor, mas a ostra não deixa de ser tenra por isso. Não se enrijece nem forma uma crosta que a torne insensível. Continua entregando-se ao oceano, abrindo-se e respirando para viver. Mas, de algum modo, cria sua própria resposta.

Aos poucos, pacientemente, a ostra envolve o grão de areia com camadas finas e translúcidas, até que, com o passar do tempo, acaba dando origem a alguma coisa de imenso valor, justamente no lugar em que fora mais vulnerável e no qual sentia mais dor. Poderíamos afirmar que as pérolas são a resposta das ostras a seu próprio sofrimento. Nem todas as ostras são capazes de fazê-las. Mas aquelas que conseguem são muito mais valiosas para nós do que as que não as fazem.

A areia é uma forma de vida para as ostras. Se você for suave e terno e tem de viver no fundo arenoso do oceano, produzir pérolas torna-se uma necessidade para você poder viver bem.¹²

Para transformarmos nossas dificuldades, feridas e sofrimentos em pérolas, é preciso algo mais do que boa vontade. É necessário criar para nós mesmos um ecossistema que possibilite esse milagre. Em seguida, vou detalhar alguns elementos desse ecossistema que me parecem importantes na hora de crescer em resiliência.

Humildade: nós somos semeadores

Encontrei-me com um Irmão, bom amigo, que acabava de chegar em casa depois de uma entrevista com uma psicóloga. Ele tinha passado muitos anos em diversos países da África, por vezes no meio de condições de grande violência, e sentiu que precisava de uma pausa e de dar a si mesmo um pouco de tempo. Os diálogos com a psicóloga faziam parte desse período de autocuidado.

Logo depois de nos saudarmos, disse-me espontaneamente: “Sabe o que a psicóloga me falou? Irmão, não é preciso que você sozinho resolva todos os problemas da África!” Conhecendo o Irmão, não estranhei absolutamente o comentário da psicóloga, o que nos fez rir por uns bons minutos.

A humildade é um caminho de libertação, uma vez que tira de nossa responsabilidade o pesado fardo de salvar o mundo, e nos ajuda a reconhecer que ele já foi salvo pelo Senhor. Isso é o que nos lembra um famoso texto

12 N. REMEN, *My Grandfather's Blessings: Stories of Strength, Refuge, and Belonging*, Riverhead Books, New York 2001.



falsamente atribuído ao Bispo Romero, mas na verdade escrito pelo Padre Kenneth Edward Untener para o Cardeal Dearden, que se serviu dele numa homilia em 1979. Transcrevo aqui um trecho desse magnífico texto:

Plantamos sementes que vão crescer um dia; regamos as sementes que já plantamos, sabendo que elas encerram promessas de futuro. Construímos alicerces que precisarão de maior desenvolvimento. Fornecemos fermento que produz muito além do que somos capazes. Não temos competência para realizar tudo e, ao nos darmos conta disso, nós nos sentimos um tanto libertos. Isso nos capacita a realizar coisas, e a realizá-las muito bem. Pode ocorrer que seja incompleto, mas é um começo, um primeiro passo na caminhada, uma oportunidade para que a graça do Senhor nos surpreenda e realize o que estiver faltando. É possível que nunca vejamos os resultados finais, mas isso é o que diferencia o mestre de obras do pedreiro. Nós somos pedreiros, não mestres de obra; ministros, não o Messias. Somos profetas de um futuro que não nos pertence.¹³

Numa atitude de humildade, priorizamos o trabalho em equipe como um esquema habitual de trabalho, e delegamos responsabilidades e tarefas a outras pessoas, confiando totalmente nelas, sem necessidade de acompanhar e controlar tudo.

A humildade, além do mais, nos proporciona a possibilidade de ver a realidade de modo diferente, ao assumirmos não só que não sabemos tudo, mas que nossa percepção da realidade pode ser desvirtuada por nosso inconsciente.

Comunidade: vozes de apoio e desafio

Um dos aspectos-chave para nos mantermos resilientes é dispormos de um bom número de amigos.

Devemos cultivar nossos relacionamentos com pessoas que sejam significativas para nós: família, amigos e colegas. Pode ser igualmente importante com pessoas além de nosso círculo imediato de relações. Participar de organizações comunitárias pode nos ajudar a nos sentirmos conectados a algo maior... A qualidade de nossos relacionamentos, mais que sua quantidade, é fundamental. Tanto em nossa vida pessoal como profissional, os melhores relacionamentos são os que nos permitem sermos nós mesmos o mais autenticamente possível.¹⁴

13 www.usccb.org/prayer-and-worship/prayers-and-devotions/prayers/prophets-of-a-future-not-our-own.cfm, última consulta 10-06-2018.

14 E. BAKER, *Caring for ourselves: A therapist's guide to personal and professional well-being*, American Psychological Association, Washington DC 2003.



Ao terminar meu período como Provincial, disse aos membros de meu Conselho que me sentira privilegiado porque eles haviam sido para mim não apenas conselheiros, mas também amigos. Creio que esse apoio mútuo foi um facilitador na solução, de modo razoavelmente positivo, de algumas situações complexas que juntos tivemos de enfrentar.

Sei que nem sempre é possível contar com o próprio Conselho para esse apoio, mas, nem por isso deixa de ser importante que as pessoas que se encontram num serviço de liderança disponham de uma comunidade na qual possam ser eles mesmos, relaxar e sentir o apoio da palavra e da oração de outros Irmãos.

Robert J. Wicks, em sua obra *Bounce*, diz que precisamos ficar atentos a pontos de vista¹⁵ diversificados nos encontros com nossos amigos, sabendo que alguns deles poderiam ter origem na mesma pessoa:

- a opinião de quem nos faz as perguntas adequadas, mesmo que sejam incômodas; de quem nos diz coisas que não estamos dispostos a ouvir;
- a opinião de quem gosta de nós e nos aceita incondicionalmente, tais como somos e de quem nos faz sentir em casa;
- a opinião de quem nos ajuda a rir de nós mesmos e a não nos levarmos sempre muito a sério;
- a opinião de quem nos ouve profundamente e nos ajuda a reconhecer e identificar outras opiniões que inconscientemente estão orientando nossa vida, especialmente as que produzem ansiedade, angústia, medo, indecisão ou teimosia e obstinação.

Fidelidade: abraçar o fracasso aparente

Conheci o Irmão Emile François, um Irmão chinês, em Pequim, em 2005, poucos meses antes de sua morte. Esse Irmão, quando chegaram os anos difíceis nos quais era proibido viver em comunidade, voltou a sua aldeia, mas continuou, como bom Marista, fazendo catequese. Isso fez com que recebesse falsas acusações e que ficasse preso repetidas vezes, tantas que nem se lembrava mais quantas. Cada vez que saía da cadeia, o Irmão, fiel a seus princípios, voltava a catequizar, de modo que novas acusações caíam sobre ele. No total, provavelmente, ficou encarcerado por mais de 15 anos. Deixaram-no em paz só quando já estava muito doente e fraco.

De acordo com nosso Irmão, mesmo no cárcere, tratou de pregar o evangelho, claro, com muito tato e prudência. De fato, havia batizado

¹⁵ Apresenta quatro tipos de amigos ou opiniões: o profeta, o torcedor, o importuno, o guia.



vários companheiros de prisão, em cuja conversão havia contribuído. Incluíam-se nesse número até condenados à morte, com os quais por vezes compartilhava a cela; assim eles enfrentaram sua sentença de morte com paz em seus corações.

Os funcionários da prisão sabiam que o Irmão era vítima de falsas acusações e tinham grande respeito por ele. Tanto isso era verdade que chegou a tornar-se muito amigo de um deles, que tinha maior responsabilidade na prisão. Quando esse funcionário se aposentou, deu-se o trabalho de fazer uma viagem até a aldeia do Irmão Emile François para encontrar-se com ele e conversar por muitas horas; antes de despedir-se, pediu ao Irmão se poderia dar-lhe um exemplar da Bíblia Sagrada.

Em todas nossas congregações temos exemplos maravilhosos de pessoas que permaneceram fiéis a sua vocação e missão, mesmo em momentos extremamente difíceis. Elas nos fazem lembrar que tudo o que o Senhor quer de nós é que sejamos fiéis, muito embora aparentemente não consigamos perceber nada além do fracasso. O Espírito do Senhor fará desabrochar nossa semente no momento adequado.

As novas situações de penúria devem ser enfrentadas com a serenidade de quem sabe que a cada um de nós não se pede tanto o êxito, mas o compromisso da fidelidade. O que devemos evitar de qualquer modo é o enfraquecimento da Vida Consagrada, que não se situa tanto no declínio numérico, mas na perda da adesão espiritual ao Senhor e à própria vocação e missão. Pelo contrário, perseverando fielmente nela, anunciamos, e com grande eficácia perante o mundo, a total e firme confiança no Senhor da História, em cujas mãos estão o tempo e o destino das pessoas, das instituições, dos povos e, portanto, igualmente a realização histórica de seus dons. Os dolorosos momentos de crise se confundem com uma solicitação premente às pessoas consagradas para que proclamem com força a sua fé na morte e na ressurreição de Cristo, tornando-se assim sinal visível da passagem da morte para a vida. (Vita Consecrata, 63).

Contemplação: caminho de paz

A oração é um ato gratuito de comunhão com o Senhor e não uma estratégia para nos tornarmos mais resilientes. Mas a verdade é que aquele que reza encontra-se, com o passar do tempo, muito mais livre interiormente e com maior paz e serenidade, especialmente quando trilha as veredas da oração contemplativa ou da meditação.





Martin Luther King contava que, certa vez, estando no limite de suas forças e a ponto de abandonar a luta, sentou-se numa cadeira na cozinha de sua casa e fez uma oração em voz alta, confiando sua situação ao Senhor. Poucos minutos depois, diz King, viveu uma experiência interior do Senhor como nunca vivera antes. Segundo sua esposa, quando Martin se levantou da mesa, estava imbuído de uma nova confiança e preparado para enfrentar qualquer situação.

Ghandi é também uma testemunha formidável de como luta e contemplação sempre caminham juntas.

A oração salvou minha vida. Sem ela, teria sido transformado num lunático faz muito tempo. Em minha autobiografia, você verá que passei por algumas amargas experiências públicas e privadas, que me levaram a um desespero momentâneo, mas se consegui superá-las foi devido à oração.

Apesar do tanto que o desespero me perseguia no campo político, nunca perdi minha paz. De fato, encontrei-me com pessoas que sentiam inveja de minha paz. Essa paz, eu lhe asseguro, vem da oração. Não sou um homem erudito, mas humildemente posso afirmar que sou um homem de oração. Sou indiferente à forma. Cada um deve encontrar a sua. Mas há algumas trilhas bem marcantes, e o mais seguro é seguir esses caminhos já trilhados, nas pegadas dos antigos mestres.”¹⁶

Perseverando na prática contemplativa entramos em contato com nosso eu mais real e autêntico, muito além daquela imagem desvirtuada que criamos de nós mesmos e do resto a que denominamos de ego. A oração contemplativa nos torna aptos a dar um passo para trás e a observar nossa própria vida com liberdade interior: percebemos o sem número de vezes que, guiados por nosso ego, simplesmente nos contentamos de reagir aos fatos em vez de agir de acordo com nosso eu mais autêntico. Como diz Richard Rohr: “O contrário da contemplação não é a ação, e sim a reação.”¹⁷

Conclusão: deixar-se alcançar pela alma

Cuidar de si mesmo é a chave quando se pretende viver em plenitude e, exatamente por isso, oferecer um serviço de qualidade aos irmãos e irmãs. Neste sentido, trabalhar em busca de maior resiliência pessoal torna-se imprescindível:

16 K. GANDHI, *Prayer*, (Compiled and Edited by Chandrakant Kaji), Navajiva Publishing House, Ahmedabad 1977.

17 K. GANDHI, *Prayer*, (Compiled and Edited by Chandrakant Kaji), Navajiva Publishing House, Ahmedabad 1977.



Todo mundo precisa de resiliência. Mais de cinquenta anos de pesquisa científica demonstram fartamente que a resiliência é fundamental tanto para atingir o sucesso no trabalho como para viver satisfatoriamente sua própria vida. Uma queda em sua curva de resiliência (suas reservas naturais de resiliência) afetará seu desempenho na escola e no trabalho, sua saúde física e mental, assim como a qualidade de seus relacionamentos. A resiliência é o ingrediente básico para a felicidade e o sucesso.¹⁸

Cuidar de si mesmo não é uma tarefa extra que pesa sobre nós, mas consiste em empreender uma dinâmica que torne possível uma vida equilibrada e saudável. No capítulo 20 do livro do Êxodo são-nos apresentados os mandamentos: “Não tenha outros deuses além de mim, honre seu pai e sua mãe, não mate, não cometa adultério, não roube, etc.” Mas há um verbo que é usado num único mandamento: “lembre-se”. “Lembre-se do Sabá para santificá-lo. Trabalhe durante seis dias, e neles faça tudo o que tem de fazer, mas o sétimo dia será um dia de repouso para honrar o Senhor seu Deus. Não faça nesse dia nenhum trabalho...”

Parece que desde a antiguidade havia clareza de que a primeira coisa que iríamos esquecer seria nos contermos e descansar... para honrar o Senhor! Talvez valesse a pena cada um de nós assumir um compromisso consigo mesmo e colocar num lugar bem visível esse mandamento, que temos o dever de seguir tanto quanto o de não matar.

Muitos de nós fomos formados num esquema que insistia no fato de não podermos perder um único minuto do dia, e, por isso, sentimo-nos culpados quando não estamos executando nada do que é chamado de trabalho produtivo. Entretanto, o mandamento é claro: “Lembre-se do Sabá! Não se esqueça de fazer uma parada periodicamente, de dar-se um tempo, de descansar, de desfrutar... É o Senhor quem lhe pede isso!”

Conta-se a respeito de uma nação indígena da América Latina que quando faziam uma viagem longa, caminhavam por muitos dias. Porém, de repente faziam uma pausa e ficavam acampados um par de dias antes de prosseguir a caminhada. Diziam que precisavam desse tempo de repouso para poderem ser alcançados por suas almas.

Será que não ocorre conosco nos sujeitarmos a uma velocidade tal em nossas vidas que deixamos nossas almas para trás? O que posso fazer para permitir que minha própria alma me alcance?

18 K. GANDHI, *Prayer*, (Compiled and Edited by Chandrakant Kaji), Navajiva Publishing House, Ahmedabad 1977.



Se você quer realmente colocar sua alma em seu serviço de liderança, não existe outro caminho a não ser o de se proporcionar os meios necessários para harmonizar e equilibrar corpo, mente e espírito. De outro modo, acontecerá com você o que São Bernardo temia: que você se enrijeça e perca sensibilidade, fazendo com que todas as suas preocupações se reduzam a meras teias de aranha.

Para terminar, nunca será demais permitir a São Bernardo que nos faça as mesmas perguntas que fez ao Papa Eugênio III: Por que você seria o único a não se beneficiar de sua própria função? Até quando você continuará sendo um sopro efêmero sem retorno? Quando, afinal, irá dar atenção a si mesmo no meio de todos aqueles a quem você dá acolhida? Você se dedica a sábios e a ignorantes, e só negligencia a si mesmo?

Para refletir e dialogar

Diante de uma situação complexa e difícil que provoca grande estresse:

1. Há algum modo de conseguir mudar essa situação?
2. Se for impossível mudá-la, devo enfrentá-la sozinho ou alguém mais pode fazê-lo?
3. Se tenho de fazê-lo pessoalmente: tenho condições de modificar minha percepção dessa situação ou aceitar que as coisas são como são e não como eu gostaria que fossem?
4. Sou capaz de me distanciar para observar melhor a mim mesmo e à situação como se uma outra pessoa estivesse passando por aquilo que está acontecendo comigo?
5. Consigo parar de ficar procurando culpados ou de culpar a mim mesmo?
6. Até que ponto essa experiência está colaborando para eu conhecer melhor a mim mesmo?